

*Soares e Mota Pinto
assinaram acordos vagos*

Posse do Governo na 5.^a feira



Pág. 4

Um aperto de mão «histórico»: por detrás dos seus protagonistas, Nuno Rodrigues dos Santos e António Macedo espreitam, paternais

“DOSSIER”



Serviço Militar Obrigatório em 1983

Há mais refractários hoje do que nos anos de guerra

Há, actualmente, mais refractários ao serviço militar obrigatório do que houve nos piores anos da guerra colonial — admite o Estado-Maior do Exército. Porquê? Talvez porque, para um grande número

de jovens portugueses, deixou profundamente de fazer sentido, a lei de 1968, que ainda rege o «SMO», deixou de fazer sentido a ausência de um estatuto de objector de consciência, deixou de fazer sentido uma

tropa essencialmente consagrada à preparação de uma guerra a que o 25 de Abril pôs termo, mas com que numerosos quartéis, e boa parte dos responsáveis militares parecem ainda sonhar.

Págs. 10/11

O grande
concurso

VERÃO 83

vai dar prémios
fantásticos

Leitor: esteja atento, pois nestes dias
daremos todos os esclarecimentos necessários.
Prémios magníficos à sua espera!

É JÁ UMA
TRADIÇÃO
E COMEÇA
A 4
DE JULHO

Águeda: espumante em Peniche



Águeda fez festa em Peniche: champanhe assinala subida automática ao futebol de 1.ª categoria. Depois do convincente êxito dos alunos de José Carlos no Campo do Baluarte, um jogador penichense (Fernando Duarte) proclama que houve «colegas aliciados». O presidente aguedense dá a resposta.

Pág. 15

*Depois dos confrontos
entre facções da OLP*

**Andropov apoia
liderança Arafat**

Pág. 24

política de A a Z

Uma ficção política



ENDO ouviu as declarações dos líderes Mota Pinto e Mário Soares, e sem me abandonar a interrogações legítimas e pungentes, varado pela impressão de que retrogradamos no tempo e na história, abri o Tomo 3.º da «Obra Política» de Raul Proença. Cada vez se assemelham mais aos de 1925, estes dias que vamos vivendo. Consequentemente, a leitura das páginas de Proença converte-se em companhia pedagógica. Sinto-me menos só com o Proença. E a repetição das situações fica iluminada, quanto às carregadas e sombrias ameaças que nos rondam os passos, pela inteligência viva, divinatória, do escritor público que ele foi, talentoso, firme, combativo, lúcido. Ele foi capaz de ver e de prever. Teve a coragem de denunciar. A valentia de combater. Não teve forças para evitar.

Tem a data de 15 de Agosto de 1925 — o ano fatídico das derradeiras ilusões republicanas e de aceleração das conspirações monárquico-militares —, um artigo, publicado na «Seara Nova» e que Raul Proença intitulou: «O Problema capital desta República». O artigo versa o problema do «rotativismo político» e da «estabilidade governativa».

Claro que Raul Proença não era adverso à «estabilidade governativa». Nenhum democrata o é. Mas era exigente quanto à constituição e ao conteúdo de uma fórmula pluripartidária de «estabilidade governativa». Não confundia a «estabilidade governativa» com um compromisso avulso destinado a facilitar uma partilha do Poder. Queira o leitor recordar-se que Proença dizia: «...toda a gente reconhece, como uma condição da vida hígida do Estado e de bom funcionamento das instituições políticas, um mínimo de estabilidade governativa. Muito bem. Mas nós não ficamos por aqui — e é nisto que nos distinguimos dos brutos. Reconhecemos igualmente que acima da estabilidade há os princípios, as aspirações, as capacidades, o valor dos partidos em benefício dos quais ela se realiza». E prosseguindo, Raul Proença reconhecia: «Nada mais proveitoso para o país que a estabilidade dum governo de homens inteligentes, honestos, livres de toda a clientela financeira, desempoeirados do espírito, com bastante largueza de inteligência para compreender na sua essência e nas diversas modalidades os problemas nacionais, com bastantes capacidades de acção para começar a resolvê-los, com bastante energia para manter na ordem todos os que conspiram contra ela, com bastante carácter para não trair as belas promessas do tempo da propaganda».

Uma leitura actualizada do trecho leva-nos a pensar no que foi dito, e não só dito na circunstância da oratória dos comícios, mas afirmado por escrito na propaganda eleitoral. Promessas sérias que a «estabilidade» compromete. A revisão crítica e a rectificação da governação AD que nos foi prometida ficou irremediavelmente prejudicada em nome da «estabilidade». Estamos perante uma «partilha do Poder» — uma acomodação política. Tinha-nos sido prometida a mudança, a alternativa democrática respeitadora das disposições constitucionais.

Mota Pinto dissera que o PSD seria oposição se não conquistasse o primeiro lugar na Assembleia da República. Mário Soares pedira ao eleitorado que conferisse ao Partido Socialista a maioria parlamentar absoluta que permitisse governar segundo o «projecto socialista». Na campanha eleitoral os dois líderes, e o pessoal político adjuvante, apresentaram-se como promotores de políticas diferentes. E os eleitores votaram por uma mudança de política. Recusaram a continuidade da governação dos partidos da Aliança Democrática. Jaime Gama, comentando os resul-

tados eleitorais, proclamou: «A grande novidade política é a viragem da AD para o PS». E, para o dirigente socialista em evidência: «A prioridade das prioridades para o PS é (era) encontrar uma solução política à luz destes resultados eleitorais». A solução encontrada é, justamente, a que invalida «a viragem da AD para o PS». Diz-se que é «uma solução nacional».

Que o «bloco central» é uma «ilusão» — «pelas ingenuidades e pelos perigos que envolve» — afirmou Marcelo Rebelo de Sousa. Que vai ser um grande «desastre» proclamou Francisco Lucas Pires.

O editorialista de um semanário, explorando as cêndencias do Partido Socialista, defendeu já que Manuel Tito de Morais não pode ser o presidente da Assembleia da República. E o raciocínio que expõe é lógico, tem a lógica que resulta das negociações entre o PS e o PSD. Citamos: «Se o eng. Tito de Morais condenou o acordo PS/PSD, preferindo o acordo PS/PCP — disse-o ou deixou-o entender — não parece correcto que seja ele a presidir à Assembleia onde vai funcionar precisamente uma coligação PS-/PSD».

Esta lógica poderá levar muito longe. A felicidade do acordo deu pretexto já a que se considerassem afins os programas e parentes próximos os dois partidos. Ao iniciar uma nova fase da sua vida política, o Partido Socialista não recorda José Fontana e Antero, não se refere a Sérgio, evoca o grande estadista que foi Francisco Sá Carneiro — o «bipolarizador».

Nesta hora melancólica que nos recorda, inelutavelmente, os dias e as perplexidades, os desconcertos e os desacertos de 1925, regresso às páginas de Raul Proença. Não é esta a atitude mais saudável. Mas o exame crítico da experiência de 1925, com o que tem de chocante, talvez desperte alguns compatriotas que andam embalados nessa ficção política da «estabilidade» com os custos severos de um «bloco central». Encerrada a experiência da «bipolarização», vamos experimentar a «tripolarização»: «bloco central» com «margem direita» e com «margem esquerda».

Raul Proença escreveu na «Seara Nova», em Agosto de 1925:

«Como jornalista republicano que procura sempre clarificar as ideias e chamar os espíritos para o concreto (que nisto de ideias de política geral também há noções concretas, ao contrário do que muitos errada e abstractamente supõem), ponho de sobreaviso todos os verdadeiros republicanos, todos aqueles que mantêm ainda vivas as aspirações da propaganda contra a ameaça duma das maiores traições dos políticos contra a República. O que se pretende fazer é matar a esperança de renovação, aceitar os dois partidos como tendo já em si as condições suficientes de adaptação ao pensamento político do país, como representando idoneamente as profundas divergências de opiniões e de tendência entre republicanos. E isso é falso, mil vezes falso! Sei-o por mim, por muitos, pela melhor gente de Portugal!»

Não iremos a tal extremo na severidade, mas é impossível não concordar com Raul Proença: «O que se pretende fazer, dizemo-lo mais uma vez, é um rotativismo artificial e uma estabilidade ministerial pernicioso. Quer-se estabelecer em firmes bases o compadrio dos partidos políticos adversos: Quer-se explorar o País à custa duma ficção política. Quer-se condenar ao ostracismo os republicanos que não querem assim esta República. Consentiremos? Ou protestaremos — e iremos, no campo da legalidade, mas com a máxima violência, até onde for preciso?»

Era em Agosto de 1925 que Proença escrevia. Nesses dias conturbados, condenou uma «ficção política».

ponto a ponto



Seis municípios do Vale do Mondego reuniram-se em Condeixa, Coimbra, para a implementação de um gabinete coordenador da região.

No encontro foi defendida a rápida constituição de um órgão coordenador, directamente dependente do primeiro-ministro e liderado pelas autarquias.

Os presidentes das Câmaras Municipais de Soure, Gois, Figueira da Foz, Coimbra, Lousã e Condeixa, participaram na reunião, onde foram também abordados aspectos de desenvolvimento regional.



A Comissão Concelhia de Lisboa do Movimento Democrático de Mulheres (MDM), esteve reunida para debater problemas sobre a defesa da Paz.

«Porque a Paz é condição essencial para a verdadeira emancipação da mulher, para a sua realização pessoal e para o futuro dos seus filhos, as mulheres da Concelhia de Lisboa do MDM afirmam mais uma vez o seu total empenhamento na defesa da Paz em Portugal e no mundo» — declarou Leonor Santa-Rita.

A Concelhia analisou a situação interna em Portugal, os conflitos e o clima que se vem criando para fazer crer que «é possível uma guerra nuclear controlada e localizada», afirmou Leonor Santa-Rita.

Chegou esta manhã a Lisboa, a convite do Partido Comunista Português, uma delegação do Comité Central do Partido Comunista da Checoslováquia, dirigida por Vasil Bilak. Durante a sua estada entre nós, a delegação do PC checo realizará conversações com dirigentes do PCP e contactará com diversos aspectos da realidade portuguesa. Quarta-feira, em Benavente, efectuar-se-á um comício de amizade PCC-PCP com Vasil Bilak e Alvaro Cunhal.



O quarto aniversário da Assembleia Internacional da Criança «Bandeira da Paz», foi assinalado em Lisboa com actividades infantis.

Após a designação pela UNESCO do ano de 1979 como o Ano Internacional da Criança a República Popular da Bulgária resolveu promover uma iniciativa que designou como Assembleia Internacional da Criança.

A iniciativa levada a efeito este ano em Portugal pela Associação Portugal-Bulgária, abrangeu um leque de iniciativas desde um passeio de eléctrico pela cidade, largada de balões no Miradouro da Graça, desenhos animados, palhaços, ranchos folclóricos infantis e ilusionismo.



O presidente do Governo Regional da Madeira reuniu-se sábado em Lisboa com os ministros da Indústria e da Educação, para análise de questões ainda pendentes entre ambos os executivos — anunciaram fontes oficiais.

Alberto João Jardim debateu com Baião Horta a questão do abastecimento de cimento à região, sobretudo atendendo a que as obras em curso no aeroporto do Funchal implicam um maior consumo.

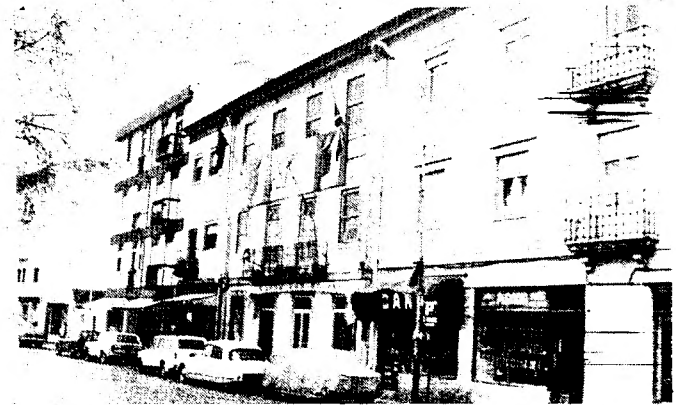
Com o titular da pasta da Educação, Fraústo da Silva, o chefe do governo madeirense apreciou diversos diplomas relacionados com o ensino superior na região, aos quais deu a sua concordância aguardando a sua publicação.



A reunião do Conselho Nacional da Federação dos Trabalhadores Democratas-Cristãos (FTDC), que decorreu em Lisboa, decidiu marcar o seu congresso para Outubro.

Durante os trabalhos, presididos por José Ribeiro e Castro, a FTDC analisou ainda a actividade do secretariado nacional, tendo sido destacada a sua actividade na «dinamização e implantação da Federação».

Durante a reunião foi aprovada uma moção de apoio ao CDS, que salienta o papel deste partido na «promoção da liberdade, da paz e da justiça social, pilares profundos da democracia cristã».



O médico Vitor Loureiro foi eleito pela terceira vez consecutiva para a presidência da comissão permanente distrital do PSD de Viana do Castelo.

A única lista concorrente obteve o consenso das comissões políticas concelhias.

A lista para a comissão política obteve 56 votos a favor, dois brancos e um nulo, enquanto a lista para a comissão de jurisdição presidida por Fonseca Ferreira, do partido, no distrito obteve 51 votos a favor, seis brancos e dois nulos.

Os mísseis de Williamsburg

Beja Santos

A guerra é a saída cobarde dos problemas da paz.

Thomas Mann

N A cimeira de Williamsburg, o presidente Reagan fez saber a seus pares da abundância ocidental como se está a processar a retomada economia norte-americana. Se se vai atingir 5% no crescimento económico norte-americano ainda não se sabe rigorosamente, mas os indicadores criaram uma onda de optimismo, mais do que psicológico, num certo relançamento financeiro à escala mundial. Porém, a intensificação da crise que propagou do centro para a periferia, desde a alvorada dos anos oitenta, repercutiu-se agora nas trocas comerciais da periferia para o centro. E toda a gente sabe que o maior gomo do crescimento será devorado pela corrida aos armamentos, que vai ficar como a principal mensagem

do consórcio destas potências industrializadas. Porque, diga-se o que se disser, esta cimeira teve o privilégio de decretar a institucionalização do conflito económico-militar, isto quando a crise e anarquia internacionais assumem as seguintes características: — mantêm-se um crescimento fraco ou regressivo devido à intensificação das pressões sobre as balanças de pagamentos;

— o aumento do défice da conta-corrente reflecte os movimentos dos preços e as saídas de capital por pagamentos de juros e de remessas de lucros, que aumentarem cerca de 25% em 1981 e cerca de 35% em 1982; as altas taxas de juro são a principal explicação encontrada para este défice;

— o volume de importações estagnou e/ou regrediu;

— os países em vias de desenvolvimento continuam a não poder aplicar em novos investimentos os fluxos financeiros: os empréstimos da banca privada foram mais que compensados

pelos reembolsos e juros correspondentes aos empréstimos anteriores;

— o neoproteccionismo e o restritivismo tornaram-se doutrinas oficiais nos países desenvolvidos; tendo diminuído o volume de crédito externo e tendo havido alterações profundas nos preços internacionais, os países da Europa do Leste, estão a sentir mais profundamente os efeitos da crise desde finais de 1980; 1983 será um ano de depressão para a generalidade destes países;

— os países em vias de desenvolvimento continuam a não poder aplicar em novos investimentos os fluxos financeiros: os empréstimos da banca privada foram mais que compensados

pelos reembolsos e juros correspondentes aos empréstimos anteriores;

— o neoproteccionismo e o restritivismo tornaram-se doutrinas oficiais nos países desenvolvidos; tendo diminuído o volume de crédito externo e tendo havido alterações profundas nos preços internacionais, os países da Europa do Leste, estão a sentir mais profundamente os efeitos da crise desde finais de 1980; 1983 será um ano de depressão para a generalidade destes países;

— os países em vias de desenvolvimento continuam a não poder aplicar em novos investimentos os fluxos financeiros: os empréstimos da banca privada foram mais que compensados

pelos reembolsos e juros correspondentes aos empréstimos anteriores;

Continua na pag. 12

PCP analisa acordo PS-PSD:

C. Brito: "Soares cairá como Balsemão"

«Mário Soares vai cair como caiu Balsemão, batido pela luta popular e no meio dos choques, dos afrontamentos e dos insultos dos seus próprios apuniguados. É a altura de começarmos a preparar a alternativa...», afirmou em Almada o presidente do grupo parlamentar do PCP, Carlos Brito. O dirigente comunista, que falava no encerramento da Festa da Amizade, organizada por aquele partido no concelho almadense, chamou a atenção para o facto de a nova coligação de Poder, PS-PSD, se preparar para reduzir a Assembleia da República «ao papel de aprovar autorizações para ser o Governo a fazer as leis».

DENUNCIANDO ainda o facto de ser previsível, com o futuro Governo, uma «política de cacete para os trabalhadores e de prémios, facilidades e protecções ao grande patronato», Carlos Brito citou o documento final do acordo PS-PSD para concluir que «em muitos aspectos há um notório agravamento da política da AD», nomeadamente a concretização de objectivos «que a extinta coligação colocou, mas não conseguiu alcançar» como os projectos de «abertura ao grande capital da banca, seguros, cimentos e adubos».

Acrecentou Carlos Brito que «com Mota Pinto, mandatário nacional do general fascista Soares Carneiro, no Ministério da Defesa, são grandes as probabilidades de novas tentativas de intrigas e manobras de desestabilização das Forças Armadas».

Octávio Pato: as dívidas e os lucros

Noutra iniciativa de convívio, a «Festa do Povo», na freguesia lisboeta de Carmide, usou a palavra Octávio Pato, membro da comissão política do PCP, que recordou os números da crise financeira agravada pela AD.

«Quando a AD foi para o Governo em 1979 — sublinhou Pato — o défice da balança comercial atingiu 156 milhões de contos para, três anos depois, pular para 417 milhões, ou seja, quase triplicou».

Sobre a dívida externa, frisou que a portuguesa é das maiores do mundo, atingindo os 1200 milhões de contos em 1982, montante que «representa mais de 80 por cento da produção nacional». Se atendermos que essa dívida em 1979 era de cerca de 320 milhões de contos, ficamos com uma ideia da gravidade da passagem da AD pelo Governo».

— acrescentou o dirigente comunista.

Referiu que «1983 está carregado de ameaças para os portugueses e para a independência de Portugal, pois praticamente um terço da dívida externa é a curto prazo, isto é, tem de ser liquidada num prazo de um ano».

Octávio Pato salientou que «os juros que vão ser exigidos pelos nossos credores neste ano serão da ordem de 112 milhões de contos e que a corrida aos empréstimos, em condições cada vez mais gravosas, não dá indícios de abrandar».

Especificou que «o Governo demitido de Balsemão já hipotecou ouro no valor de 40 milhões de contos e que outro empréstimo já está em curso contra o depósito em ouro de 30 milhões de contos».

«Em vez de arrepiar caminho, o Governo PS/PSD prepara-se para prosseguir na senda da destruição das conquistas revolucionárias nomeadamente com a anunciada abertura para já ao capital privado da banca, dos seguros e do cimento» — assinalou ainda o dirigente do PCP.

Lembrando Pato que em 1981 a banca nacionalizada obteve lucros da ordem 13,3 milhões de contos, os seguros atingiram os 704 mil contos e os cimentos ultrapassaram os nove milhões de lucros.

«Pelos números citados — concluiu — compreende-se quem lucra, quem fica prejudicado e com que interesses se identificam os dirigentes do PS e do PSD».

O repúdio já anunciado face a tais medidas pelo Conselho Geral dos Bancários, que inclui trabalhadores socialistas e comunistas, vem «comprovar a possibilidade real de unidade entre comunistas e socialistas, no que respeita a questões de interesse comum» — disse ainda Octávio Pato.



Duas gerações na política: um acordo «para moderizar»

Acordo assinado no sábado

Medidas concretas apenas para trabalho e delimitação dos sectores

Uma maioria parlamentar e um Governo de centro-esquerda para modernizar o País. Esta a súpula das intenções manifestadas pelo PS e pelo PSD no acordo político assinado ao fim da tarde de sábado, no Hotel Altis em Lisboa.

são enunciadas na generalidade. Assim, será estabelecido um plano de estabilização financeira, baseado numa política de rigor. Vai-se combater a corrupção no Estado e os delitos anti-económicos e pugnar-se pela independência e isenção dos órgãos de comunicação social do Estado. A política externa será determinada pela participação na NATO e pela adesão à CEE e pela cooperação com os países de expressão portuguesa e com a Espanha.

A revisão da lei de delimitação dos sectores, com abertura da banca, seguros, cimentos e adubos à iniciativa privada é expressamente contemplada, mas o acordo é omissivo quanto ao prazo. Menciona apenas que será feito «em prazo oportuno», concretizado no protocolo adicional como sendo os primeiros cem dias de governo».

Os sectores da saúde, segurança social e habitação são aqueles em que o futuro Governo procurará estruturar contrapartidas sociais à política de austeridade. No entanto, em concreto apenas se anuncia o «relançamento do sector da construção civil e a aprovação de um novo regime de rendas de casa, segundo critérios de justiça e equidade», sem no entanto se concretizar o significado exacto destas expressões.

Para além da criação do Conselho Económico e Social, o acordo prevê ainda a aprovação de planos de acção anual que, a par com o Programa do Governo, vão enunciar as medidas concretas para a actividade governativa e definir os prazos para a sua execução.

Desde já fica determinado que nos meses de Outubro, o Governo fará o primeiro balanço da sua actuação e do cumprimento do seu Programa.

O IX Executivo, ainda de acordo com o «acordo político» será a dimensão reduzida, com a partilha dos lugares ministeriais de acordo com os resultados eleitorais obtidos pelo PS e pelo PSD, ficando os dois líderes obrigados a participar na equipa governamental.

A presidência da Assembleia da República será rotativa — a começar com Manuel Tito de Morais, do PS — e o provedor de Justiça será «uma figura de prestígio não filiada» nem no PS nem no PSD.

O acordo estabelece também que as designações ou propostas de candidaturas para altos cargos da República, quer sejam da competência do Governo, quer da Assembleia da República, serão objecto de prévio consenso entre as direcções dos dois partidos.

No sector empresarial de Estado e nas direcções gerais a isenção e competência e seriedade serão os critérios para as nomeações, prevendo-se a introdução das «correções exigidas pela salvaguarda deste critério».

Reuniões mensais entre as direcções do PS e do PSD e um sistema de consultas prévias na Assembleia da República são ainda previstas no acordo, que proíbe «iniciativas parlamentares que entrem em conflito com a execução dos programas de Governo ou que hostilizem a linha programática do parceiro da coligação».

Protocolo adicional

Em termos de políticas concretas o protocolo adicional é bastante mais claro. Ele indica um leque de matérias que terão necessariamente de ser incluídas no programa de Governo.

Delimitação de sectores: nos primeiros cem dias de Governo, será pedida uma autorização legislativa no Parlamento para alterar a lei de delimitação de sectores e dentro desse prazo o Governo aprovará o respectivo decreto-lei, contemplando, nos termos do acordo, a abertura à iniciativa privada da Banca, Seguros, Cimentos e Adubos.

Política agrícola: partindo do pressuposto que o sector agrícola é o prioritário, propugna-se «a orientação da actividade agrícola para um recorte progressivamente empresarial», organizada «em moldes de estatuto privado». Defende-se também a promoção da empresa agrícola familiar. Curiosamente, no protocolo adicional omite-se qualquer referência às cooperativas agrícolas que ainda eram mencionadas no «acordo político», apesar de este propor «uma visão humanista e não colectivista da modernização agrícola do País».

O protocolo refere também a vontade dos dois partidos de definição ou regularização «de situações irregulares existentes» na zona da Reforma Agrária referindo as entregas de reservas anuladas pelo Supremo Tribunal Administrativo e a indefinição jurídica das explorações detidas pelas UCP's. Não é, no entanto, explicada qual a posição dos dois partidos nesta questão e, consequentemente, o sentido da regularização.

Prevê-se também a publicação de uma nova lei do emparcelamento agrícola, definindo áreas mínimas de explorações, a elaboração de uma lei de orientação do desenvolvimento agrícola e a revisão da lei do arrendamento rural.

Política de trabalho: o protocolo consagra o princípio da proibição dos despedimentos

sem justa causa ou por motivos ideológicos ou políticos e a não alteração da lei da greve.

Entre as medidas propostas contam-se a institucionalização da participação de trabalhadores, patrões e Estado em alguns organismos (Conselho Económico e Social, Instituto do Emprego e da Formação Profissional e organismos de gestão da Segurança Social) e a efectivação da garantia legal de participação dos trabalhadores nos órgãos sociais das empresas públicas. Combate às horas extraordinárias, ao duplo emprego injustificado e ao absentismo e desenvolvimento de vias não judiciais de resolução dos conflitos, a par da activação da Inspecção do Trabalho e aceleração do funcionamento dos Tribunais de Trabalho, são outras medidas apontadas. Propõe-se também a indexação tendencial das prestações sociais, nomeadamente pensões de velhice.

O protocolo prevê ainda o alargamento das penas disciplinares, de forma a limitar o recurso ao despedimento, tendo como objectivo «preservar a estabilidade da relação de trabalho» e a revogação do tecto salarial.

No que toca à greve, estabelece-se que se proíbe o «loc-out» (o que já está estabelecido na Constituição) e que impedida a actuação de piquetes de greve «que por qualquer forma impeçam o livre acesso ao local ou à efectivação do trabalho».

Por fim, e aqui foi a única matéria em que Mota Pinto viu satisfeitas de forma limitada as suas pretensões, defende-se o ajustamento da disciplina do contrato de trabalho ao modelo das legislações da CEE, princípio que, para já, fica sem conteúdo.

Governo

O IX Executivo tomará posse na próxima quinta-feira, dia 9. Sabe-se que na pasta dos Negócios Estrangeiros poderá ficar Jaime Gama, enquanto que o deputado Coimbra Martins poderia ser indicado para a pasta da Cultura. Trabalho e Assuntos Sociais ficariam com Amândio de Azevedo, também falado para a Justiça, pasta de que poderá, afinal, ser titular Rui Machete.

Provavelmente no dia 8, Mário Soares irá a Belém entregar ao Presidente da República, para aprovação, a lista dos ministros, que seriam empossados no dia seguinte. Segundo apurou o «DL», o Presidente da República não porá objecções a nenhum dos ministros.

J.M.V.

MDP face ao Governo PS-PSD

«Um profundo equívoco político»

«Total discordância com os termos globais do acordo político realizado e com a filosofia económica e social que nele está explicitado» — assim definiu o Secretariado Nacional do MDP/CDE, na sua reunião deste fim-de-semana, o acordo assinado pelos dirigentes do PS e do PSD para a formação de novo Governo.

«A maioria das coordenadas de política sectorial — frisa o comunicado final da reunião — é uma renovação das propostas da AD, frustrando os sentimentos de todos os portugueses que votaram por uma política democrática de alternativa».

Relativamente ainda ao acordo de governo PS - PSD, assinala o MDP/CDE que a sua política económica «é dominada pelo sentido de reprivatização da economia, com saliência para a revisão da lei de delimitação dos sectores, visando alterar o quadro económico e social que caracteriza o actual regime constitucional».

As medidas preconizadas no campo laboral colocam à partida o futuro governo num plano de confrontação com os interesses da globalidade dos trabalhado-

res, o que impedirá a inadiável mobilização das forças produtivas para a recuperação patriótica que se impõe».

Na óptica do MDP/CDE: «nenhuma recuperação económica é possível se não contar com o empenhamento da população laboriosa portuguesa».

Acrecenta o MDP que a «po-breza ideológica e programática do acordo e protocolo adicional, celebrados entre o PS e o PSD, é reveladora da falta de convicção dos dois partidos na defesa de soluções para vencer a crise que o País atravessa. (...) O manifesto desequilíbrio dos temas tratados, inevitável na ausência de um projecto coerente, reflecte ainda uma mútua desconfiança entre as direcções dos dois partidos».

Conclui o MDP que o governo que vai nascer do acordo entre os dois citados partidos «configura um profundo equívoco político, nomeadamente pelo desajustamento com os resultados eleitorais» e acrescenta continuar a considerar «como única alternativa válida, a formação de um governo na base do PS e seus aliados».

Acordo político

O acordo político, parlamentar e de Governo, é parco na indicação de medidas concretas a adoptar pelo Governo e, mesmo, na enunciação das linhas de orientação. Já é mais detalhado na definição das questões formais que condicionarão a actividade dos dois partidos.

Previsto para durar quatro anos, o acordo não implicará a quebra da autonomia dos partidos quanto às eleições presidenciais de 1985, sem prejuízo de se admitir a hipótese de definição de uma estratégia comum.

Por ela não são abrangidas, também, a política específica das Regiões Autónomas nem das autarquias locais.

Algumas políticas sectoriais

Jovens líderes da NATO reuniram no Algarve

Protesto de amor à democracia com um turco a bater palmas

Enviada uma terna carta a Andropov

Com ar sério e compenetrado, jovens dirigentes políticos de 13 países da NATO terminaram ontem, no Hotel Montechoro, em Albufeira, uma reunião de três dias de curiosos debates sobre desarmamento, convenientemente doseados com belos banhos de sol e de piscina.

Cerca das 16 horas, já com visíveis clareiras nas filas onde se encontravam os participantes, era lido e aprovado, com discretos aplausos, o documento final. Um documento que, obviamente, falava da superioridade militar soviética e do Pacto de Varsóvia em relação à pobre da NATO; dos perigos a que o Ocidente está sujeito; da necessidade de controlar os armamentos e negociar a Paz, sem esquecer, logicamente, que é preciso reforçar a defesa; e, para além de outras coisas de somenos importância, da definição da NATO não apenas como uma aliança militar, mas, também e fundamentalmente, como organização que tem por objectivo querido a promoção dos ideais da democracia.

De resto, a provar este último ponto, o primeiro acto do novo presidente da Associação dos Jovens Líderes da NATO — o português António Lacerda, deputado do PSD — foi assinar uma carta dirigida ao presidente soviético Andropov, a quem trata por «Dear Mr. Andropov», pedindo, em nome dos «jovens da Europa Ocidental e dos EUA» que recue na sua intenção de promover uma escalada na corrida aos armamentos; que responda construtivamente às «iniciativas ocidentais» em Viena, Genebra e Madrid; e que, em nome dos Direitos Humanos, permita que Andrej Sakarov saia da União Soviética.

Sorridente, bem-disposto mesmo, o jovem turco Yuksel Inan, que se encontrava na reunião representando o seu democrático país, conhedido em todo o mundo por respeitar os Direitos do Homem, aplaudia o documento final dos jovens líderes políticos da NATO, bem como o teor da carta dirigida a «Dear Mr. Andropov».

Que diabo, ele, Yuksel Inan, podia sair do seu país e regressar sempre que queria. Sem problemas.

O recado

Na sessão final um dos oradores foi o presidente cessante da Associação dos Jovens Líderes da Nato, e hoje ministro da Defesa da Inglaterra, Davida Hunt.

Na sua intervenção, este conservador inglês mostrou-se particularmente preocupado com as manifestações de jovens em favor da paz que se têm verificado com indelével pujança em quase todos os países ocidentais, vendo, por trás delas, o dedo satânico dos soviéticos; aconselhou os seus parceiros da reunião a tudo fazerem para conquistar a juventude («Teremos que nos dedicar a fundo para ganhar a maioria dos jovens da Europa Ocidental e dos EUA»); referiu a necessidade das negociações com a URSS para parar a corrida aos armamentos, sobretudo os nucleares; e, claro, não esqueceu os direitos humanos, com abundantes referências a Sakarov, o nome de serviço na selecta reunião algarvia. No final dos trabalhos Davida Hunt mostrava-se preocupado em apanhar um táxi — não havia ninguém do protocolo de Estado nem da Embaixada inglesa a acompanhar o governante britânico — para chegar a tempo ao avião. Precisava de regressar rapidamente ao seu país onde a campanha eleitoral está no auge — e o recado aos jovens líderes já tinha sido dado.

Oportunidade perdida

António Lacerda, que havia sido, sem sombra de dúvida, a figura em torno da qual girara a organização deste encontro, estava exausto quando tudo acabou. Teve, no entanto, alguns minutos para falar com este enviado do «DL». Quando lhe pusemos a questão da contradição evidente, e chocante, da presença de um turco entre os participantes, e as declarações de amor aos direitos do homem, António Lacerda respondeu de imediato e com evidente «fair-play»:

«Já sabia que me ia falar disso».

«Então já tem a resposta preparada...» — comentei.

«Sabe, eu pus a questão logo no início da reunião. Lembro-lhe, de resto, que no Conselho da Europa os deputados sociais-democratas portugueses pediram a expulsão da Turquia, que, na verdade, vive debaixo de um regime militar ditatorial que não respeita os direitos do homem. Mas para já foi entendido maioritariamente que não será esse o caminho mais eficaz para fazer regressar a Turquia à democracia».

«Mas eu falo é da presença aqui, nesta reunião de jovens líderes da NATO, de um representante desse regime — e dos vossos protestos de amor à democracia e aos direitos dos homens...»

«Bem, quero-lhe dizer que Yuksel Inan, que pertence ao Partido Republicano do Povo (social-democrata, membro da Internacional Socialista), que hoje está ilegalizado, não veio cá como representante do regime turco. Ele pertencia à anterior direcção desta associação e por isso veio. Mas compreendo que perante essa questão...»

«A verdade é que perderam uma bela oportunidade para, pelo menos no comunicado final, referirem de alguma maneira a situação na Turquia... E, no entanto, preocuparam-se em falar repetidamente de Sakarov. Não acha estranho?»

«Não, não é estranho».

«Já agora mudando de assunto, mas continuando no mundo das coisas estranhas: recentemente houve uma reunião, ao mais alto nível, dos dirigentes da NATO, aqui no Algarve; agora, de novo nesta zona, reúnem-se jovens líderes da NATO, que ainda por cima elegem um português para seu presidente. Não considera que, pelo menos, este interesse por Portugal, se não é estranho, leva água no bico?»

«Penso que se trata simplesmente do reconhecimento da importância estratégica de Portugal».

«Só?»

«Bom, este interesse da NATO, como o senhor diz, talvez se prenda igualmente com a circunstância de existirem em Portugal bases da NATO vitais para a Aliança Atlântica. Além disso é reconhecido que se tem encarrado a possibilidade de Portugal vir a ter um papel mais importante dentro da Aliança Atlântica mal esteja terminado o processo de reequipamento e modernização das Forças Armadas portuguesas. É tudo.» Hoje, António Lacerda, acompanhado de outros elementos da direcção desta associação, será recebido pelo Presidente da República e pelo Primeiro-Ministro demissionário.

Ribeiro Cardoso

Núcleo de protecção à vida selvagem exige lei-quadro que defenda a Natureza

O Núcleo Português de Estudo e Protecção da Vida Selvagem (NPEPVS) reclamou — na cidade do Porto — a publicação urgente de uma lei-quadro da conservação da natureza.

Esta instituição, com sede no Porto, pretende que a preconizada lei «garanta a salvaguarda eficaz do património natural, tanto nas áreas mais importantes, como a legislação própria, como fora dessas zonas especialmente protegidas».

O NPEPVS entende, em comunicado divulgado, que «por falta de capacidade de resposta, deve ser imediatamente suspensa a criação de novos parques e reservas naturais geridos pelo Serviço Nacional de Parques,

Reservas e Conservações da Natureza».

Esta suspensão, de acordo com o comunicado, só deverá caducar quando estiverem reunidas determinadas condições, designadamente quando for elaborado um plano nacional de classificação de sítios de interesse natural.

A necessidade de proteger locais ricos em fauna, flora e paisagem levou à criação de zonas protegidas, havendo em Portugal mais de uma dezena de parques e reservas, quase todos classificados depois de 25 de Abril de 1974.

A esta lista juntou-se recentemente o Parque Natural da serra do Alvão, propondo-se agora a

criação do Parque Natural de Arouca. O NPEPVS vem propondo há anos a criação de reservas naturais no paúl de Arzila (Coimbra), Barrinha de Esmoriz (Espinho/Ovar), ria de Aveiro (Estarreja/Aveiro) e serras de Santa Justa, Pias e Castiçal (Valongo/Gondomar).

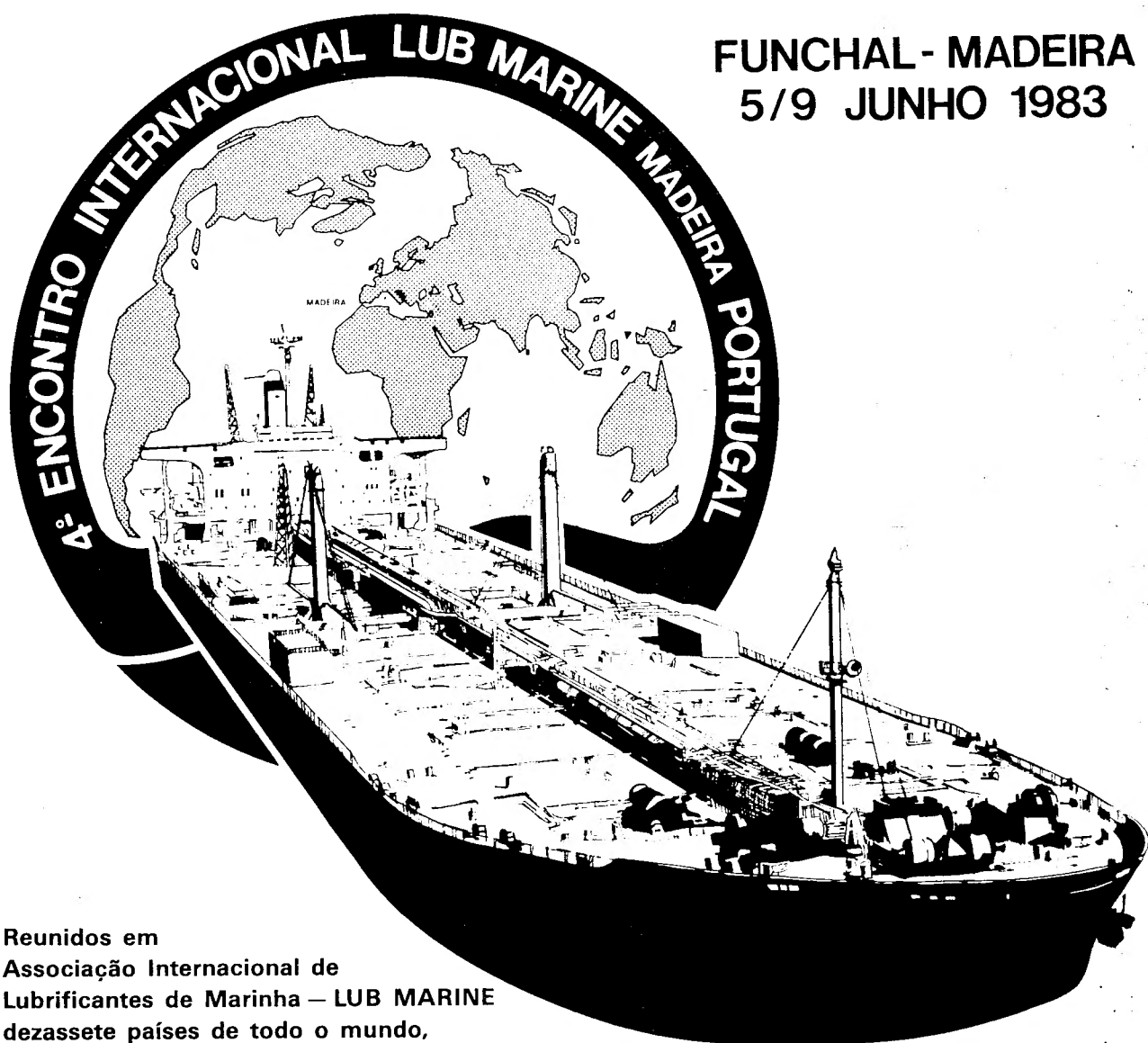
No seu comunicado aquele organismo observa que «ao verificar o que se passa nos parques e reservas naturais com legislação aprovada, é levado a concluir que não devem ser reservadas novas áreas antes de estarem preenchidas as condições assinaladas».

«Os parques e reservas existentes não são eficazmente geridos, por falta de legislação ade-

quada e, sobretudo, por insuficiência de meios humanos e financeiros do departamento responsável pela gestão da maioria dessas áreas» — considera o NPEPVS.

Este departamento é o Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservações da Natureza, dependente do Ministério da Qualidade de Vida. «A criação de parques e reservas — sublinha o NPEPVS — foi feita sem uma linha orientadora e sem planificação prévia, do que resultou a ridicularização da noção de parque ou reserva, contemplando locais de menor interesse e esquecendo outros mais importantes.»

PETROGAL N.P. 12-83



Reunidos em
Associação Internacional de
Lubrificantes de Marinha — LUB MARINE
dezassete países de todo o mundo,
criaram um novo conceito na tecnologia
da lubrificação de marinha.

Produtos uniformes de alta qualidade, assistência comercial e técnica estão disponíveis em
quase todos os principais portos do mundo, abastecendo cerca de 1200 navios oceânicos,
totalizando 28 milhões de toneladas.

No nosso país a PETROGAL possuindo técnicos de lubrificação
altamente especializados executa e cumpre todos os contratos
a que se encontra vinculada.



um novo conceito em lubrificação

ensino
Dia 8, em Paris

Comissão da OCDE examina política educativa portuguesa

A política educativa portuguesa será examinada depois de amanhã em Paris, na reunião da Comissão de Educação da OCDE.

A reunião decorre de amanhã até ao próximo dia 9, com a presença de delegações de todos os países membros da Organização. A delegação portuguesa é chefiada pelo ministro da Educação em exercício. Fraústo da Silva dirigiu também a equipa que no Verão passado elaborou o relatório sobre a política educativa portuguesa, entregue à OCDE em Outubro seguinte.

VÁRIAS visitas de examinadores da Organização a Portugal se seguiram, os quais formularam perguntas a que o ME posteriormente respondeu.

O relatório do grupo examinador e o da delegação portuguesa servirão de base aos debates em plenário da Comissão de Educação.

O exame da política educativa portuguesa processar-se-á em duas fases. O objectivo da primeira fase será «proporcionar uma contribuição externa ao debate público sobre o projecto de lei da reforma do sistema educativo. Esta contribuição seria baseada principalmente no estudo de documentos de base, tais como o programa do Governo no sector da Educação, a Lei de Bases do Sistema Educativo; o projecto para discussão pública; as grandes opções do plano a médio prazo 81/84 para o sector educativo».

A segunda fase teria como objectivo, segundo as informações divulgadas pelo ME sobre esta questão, «o exame global do sistema, à luz da nova lei de bases, tendo em conta o contexto socio-económico português, em estreita ligação com o processo de adesão à CEE».

Nesta segunda fase, procurar-se-á identificar «criticamente» os problemas e sugerir opções para os ultrapassar. Ao mesmo tempo, os países membros da OCDE serão informados sobre experiências educativas válidas do caso português.

Primeiras eleições do SPN

Porto, 6 — Realizam-se amanhã as primeiras eleições para os corpos gerentes do Sindicato dos Professores do Norte (SPN). No acto eleitoral, os professores vão eleger a direcção, a mesa da assembleia geral e os secretários distritais.

Conforme foi afirmado, no passado sábado, numa conferência de imprensa, «com estas eleições abrem-se novas perspectivas de trabalho, dado que são envolvidos no plano dirigente um maior número de professores». Assim, «entre membros efectivos e suplentes, estão dispostos a dar o seu contributo ao trabalho dirigente do SPN, 146 professores espalhados por todos os distritos do Norte e pertencentes a todos os sectores do ensino». Depois de sublinharem que «estas eleições serão a afirmação da vitalidade do SPN e a certeza de que os professores manifestarão com o seu voto o reforço do Sindicato», os elementos da lista «A» disseram que o programa da sua lista vai desenvolver-se em torno de cinco pontos que nortearão a actividade do Sindicato nos próximos dois anos: «A dignificação

da profissão docente, a melhoria do nível de vida dos professores, a defesa dos direitos adquiridos, a consolidação do Sindicato, e a unidade para o defender e melhorar».

Os professores de Trabalhos Manuais e do décimo segundo grupo deverão reunir-se no próximo dia 14, às 21 horas, no Sindicato dos Trabalhadores da Imprensa (Largo da Trindade, 16), para decidirem das medidas a tomar sobre os seminários presenciais integrados no curso de complemento de formação.

Em reunião efectuada na passada quinta-feira entre o secretário de Estado da Administração Escolar e dirigentes sindicais, aquele responsável do ME informou os representantes dos professores do esquema dos seminários presenciais. Os seminários serão preenchidos por duas horas de exposição em que o professor procurará colmatar lacunas existentes; trinta minutos de discussão informal com os professores participantes, para esclarecer dúvidas; trinta minutos para realização de um teste sobre o assunto debatido no seminário e trinta minutos de debate.

Os dirigentes sindicais consideram que é da maior urgência o debate do problema por todos os professores interessados, e apelam «a que tudo seja feito no sentido de se chegar a uma posição de unidade».

Grande manifestação filosófica

O Grupo de Filosofia Actual da Faculdade de Letras de Lisboa promove hoje, às 16 horas, uma «grande manifestação filosófica». De acordo com a documentação divulgada pelo grupo promotor, «esta grande manifestação filosófica surge não já como a repetição ou o comentário da estética de Kant, mas a afirmação de Kant como objecto estético».

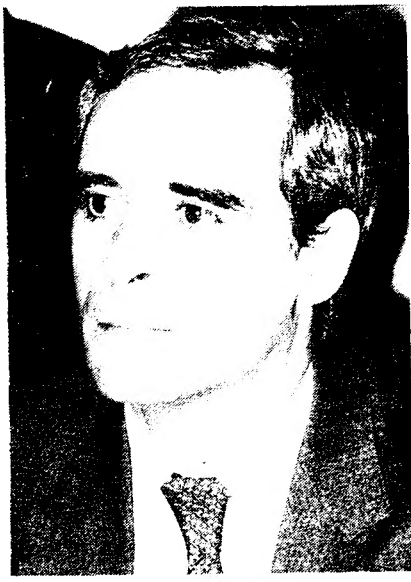
A «grande manifestação» começa às 16 horas, na Biblioteca do Departamento de Filosofia, com um encontro sobre «Afirmação de Kant como objecto estético» e prossegue com exposição, cerimónias, discursos, registos fotográficos, entre outras manifestações.

O percurso prossegue no próximo dia 23, na Sociedade Portuguesa de Filosofia, com uma conferência sobre «Novo sentido de filosofia», a realização em Lisboa de um colóquio sobre «A dimensão da cultura na filosofia actual e uma outra manifestação filosófica, em Outubro, na SNBA, «onde mais uma vez o sentido da procura de novas possibilidades para o filosofar será a tônica».



Miguel Seabra e Azevedo Soares

Romper o cerco pela direita...



O CDS visto por dentro... (conclusão)

‘Notáveis apostam na degradação’

— acusa a Direcção

«Viragem à direita, abandono das posições democratas-cristãs e de Centro?... Balelas! Calúnias vindas de gente que não sabe digerir democraticamente uma derrota». Se quem consente não é filho de boa gente, então a actual classe dirigente do CDS dá provas de fina linhagem ao não consentir deste modo nas acusações da sua oposição interna. Oposição que desanca — «grupo de notáveis apostado na degradação do partido» —, e a quem sugere: «e se trabalhassem em vez de andarem constantemente a reivindicar a legitimidade do pai?...»

«O PSD ficou a 10 por cento do seu sucesso eleitoral; o PS a 10 por cento da maioria absoluta; o CDS não ficou a coisa nenhuma porque não apontou metas». É assim que Vieira de Carvalho, secretário-geral do CDS vê os resultados obtidos pelo seu partido nas últimas eleições. Visão não diferente de outras e que se resume mais ou menos no seguinte: o CDS não sofreu qualquer derrota porque não colocou a fasquia a este ou àquele nível...

E se lhe falam nas críticas feitas pela oposição à estratégia seguida pelo partido nas Legislativas / 83, ele responde em laia de pergunta: «mas não foi essa a estratégia que o V Congresso caucionou?...»

Involuntariamente, Vieira de Carvalho instala-nos no fulcro de toda a polémica registada nos últimos tempos no CDS e à volta dele — o V Congresso. Foi verdadeiramente ali que tudo, ou quase tudo começou. Sobre tudo, as acusações e as contra-acusações de vencidos e vencedores.

Atentos ao contexto...

«De partido democrata-cristão, o CDS passou a ser liberal», acusam os vencidos.

A nova direcção defende-se: «Essa acusação não é verdadeira. Houve uma clarificação, mas não alteração da linha democrata-cristã do partido. As pessoas vivem com a mania de arranjar rótulos...», devolve Vieira de Carvalho.

Outros, que preferem o anonimato, vão mais longe: «natureza ideológica nada tem a ver com posicionamento político. Continuamos a ser basicamente um partido democrata-cristão mas temos que estar atentos ao contexto em que vivemos. Para cada país e para cada momento há uma posição a adoptar. Veja, por exemplo, os casos do partido democrata-cristão holandês, que se situa mais à esquerda, e o do alemão, que está mais à direita. Não impede que ambos são, como nós, democratas-cristãos».

E são os mesmos dirigentes que sublinham: «somos integralistas em termos de pessoa humana e de família. É isso que nos caracteriza como democratas-cristãos. O resto são conversas de pessoas que nunca levaram

até às últimas consequências a doutrina que dizem professar...».

Quebrar o cerco...

«O CDS era um partido do Centro, agora caminha para a extrema-direita mais pura e dura», voltam à carga os vencidos do último Congresso.

«Essa vem do Luís Barbosa, que não pára com esse estribilho. Só que nada consegue ao utilizar uma tática velha como Herodes — a de tentar abrir brechas e dificuldades com acusações que nada têm a ver com a realidade», começa por dizer um dirigente do partido.

Na sua perspectiva, «o Centro não é um lugar de estabilidade mas sim um lugar de luta». E logo a seguir: «Sem luta, o Centro limita-se a defender-se das posições dos lados, não cresce. Nós queremos crescer e, por isso, abandonámos sem complexos uma posição defensiva para outra mais ofensiva. Essa é a nossa grande mudança em relação ao CDS de antigamente».

O mesmo dirigente sublinha esta ideia dizendo que o CDS «Abandonou uma zona de barriçada (permanência), para se instalar de pé firme numa zona de conquista (desenvolvimento)». E admite que data do V Congresso a tese de «quebrar o cerco pela Direita».

Ganhou credibilidade...

Alto lá, diz-se. «Quebrar o cerco pela direita» parece querer dar razão às acusações de que o CDS resvala para a direita... Não é um não rotundo que nos espera.

«Como já lhe disse, para cada país e para cada momento há uma posição a adoptar. Numa sociedade de estrutura socializante, que notoriamente não resulta, há que encontrar saídas. A nossa é a de um partido democrata-cristão, se quisermos com preocupações democráticas e sociais inseridas no contexto da doutrina da Igreja, dotado de uma componente liberalizante. Só essa liberalização poderá inverter, ser a alternativa ao processo de socialização», explica um dos actuais dirigentes do CDS.

Viramo-nos para outra acusação lançada pela linha oposicionista: «o CDS canalizou para o PSD o voto útil ao não admitir a possibilidade de fazer uma aliança com o PS».

É um coro de protestos que espera quem evocar essas críticas: «Ao rejeitar essa possibilidade, o CDS ganhou credibilidade, clarificou a cena política. Aqueles que votaram CDS, votaram no futuro, enquanto os que votaram PS / PSD regrediram a 1976. Ao apostar na alternativa, em vez de apostar na manutenção no poder, o CDS provou ser o único partido que ultrapassou a fase revolucionária e a de transição». A frase é longa, mas não completa.

«Os notáveis é que não nos perdoam termos saído da área do poder. Esquecem-se que queremos mais, muito mais, mesmo que percamos momentaneamente o poder. E é porque não possuem esta perspectiva de conquista que não se cansam de reivindicar a legitimidade do pai», conclui peremptoriamente um dos mais jovens dirigentes do partido, enquanto sublinha: «Uma aliança com o PS equivalia a deixar tudo na mesma».

Rasgar paredes...

«O pobre do Lucas Pires é manipulado pelo grupo de Coimbra». Perante mais esta acusação da sua oposição interna, a classe dirigente do CDS toma posição: «Não há grupos e Lucas é o líder». E em acréscito: «É uma verdade que há um lote de dirigentes que estreitou laços de amizade durante a sua passagem por Coimbra. No entanto e felizmente, nesse grupo de pessoas existem divergências e é através dessas visões diferentes, somadas às de pessoas que não passaram por Coimbra, que o partido tenta avançar».

No tocante à personalidade de Lucas Pires, as mesmas fontes sublinham que cabe totalmente a ele a liderança do CDS: «É bom lembrar a essa gente que afirma que Lucas Pires não é o líder e que não tem perfil de primeiro-ministro — se ele não tem. Luís Barbosa nunca o terá... —, que o Congresso o nomeou presidente da Comissão Política».

Outra das flechas envenenadas enviadas pelos oposicionistas à actual direcção — «o maquiavélico e leninista de direita grupo de Coimbra» — também não se vai sem resposta. «Leninistas, nós que rasgámos as paredes envelhecidas do Largo do Caldas? Contraditório, não?...», — perguntam em jeito de réplica.

Sempre numa posição de contra-ataque, os dirigentes do CDS encaram os últimos resultados eleitorais com optimismo. Para eles, «há votos que mais tarde ou mais cedo regressarão ao CDS». Na sua perspectiva «houve uma rotação do eleitorado mais conservador, cujos mecanismos levam por vezes a votar mais à esquerda. Não impede que a seu tempo, esse eleitorado regresse à base», concluem.

VP's, DP's e EP's...

Até esse regresso, que se irá passar no CDS? Haverá novo Congresso, haverá novo partido?

A direcção responde por partes. «O VI Congresso está marcado para daqui a dois anos. Se tiver de ser antes, será. Mas é bom que os partidos pensem como no Estado, ou seja: admitindo prazos e procurando a estabilidade. Isso porque o nervosismo não é convincente», responde um dos mais altos dirigentes do partido.

No respeitante à possibilidade de criação de um novo partido, as opiniões são quase unânimes: «não haverá novo partido, porque não iria a ligo algum. Sem o CDS, ou parte do CDS actual, não teria qualquer representatividade, quedar-se-ia, quanto muito, pelos 20 por cento...», ouve-se no Largo Adelino Amaro da Costa.

Estas declarações não impedem que a actual maioria da classe dirigente do CDS esteja disposta a apoiar Freitas do Amaral, na hipótese, dada como certa, de ele se candidatar às próximas presidenciais.

E se nestas linhas se fala de maioria é porque são por de mais evidentes as tensões entre a ala «adrianista» do partido e a pessoa de Freitas do Amaral. Não terá sido por acaso que Adriano Moreira nunca se referiu durante a campanha eleitoral a Freitas do Amaral e nunca mais se avisou com ele desde a saída da presidência do CDS.

Assim acaba uma viagem pelas várias sensibilidades do CDS. Viagem que contemplou, utilizando expressão de um dos opoconistas de primeira fila, «os VP's (vencidos do partido), DP's (dentro do partido) e EP's (excluídos do partido). Viagem só possível, diga-se, a uma transparência a que não estávamos habituados no CDS dos velhos tempos. O seu a seu dono.

Manuel Anta

Ribeiro Teles reassume direcção do PPM

O Congresso decidiu tudo com o voto dos... 400 ausentes

Já cerca das onze da noite de ontem eram, finalmente, anunciados os resultados do Congresso do PPM: Ribeiro Teles reassumira a direcção do partido. Ele e o «bando dos quatro», como alguém lhes chamou com grande sentido de humor. Voltam também à Comissão Política, o dr. Ferreira do Amaral, Luís Coimbra e Henrique Barrilero Ruas. A lista de Ribeiro Teles conseguiu 363 a favor contra os 170 de uma lista proposta pela coordenadora do Porto.

Vencido, grande vencido neste congresso, foi Borges de Carvalho. Perdendo a moção de estratégia, optou por não se candidatar a qualquer órgão do partido. «É tudo provisório» — disse-nos, aludindo ao congresso extraordinário que também foi, logo no primeiro dia de trabalhos deste congresso de Braga, uma das surpreendentes decisões. Nessa altura, e se perder, Borges de Carvalho anunciou que defenderá o direito de tendência e constituirá a «tendência monárquica» dentro do PPM.

O Congresso do PPM termina com a vitória dos ecologistas sobre os «monárquicos». A cerimónia de encerramento já não assistiram a maioria dos congressistas, por ironia do destino, e dos partidos convidados, apenas se fizeram representar o PS, o MDP/CDE e a ASDI. Os parceiros da coligação AD, o CDS e o PSD nem sequer compareceram. Se, depois deste congresso, os monárquicos perderam algum «sangue azul», no «Dia Mundial do Ambiente», de que aqui em Braga ninguém se lem-

brou, vão debater-se pelo sangue «puro»...

Vitória «de bolso»

«É capaz de ser um bocado caciqueiro, é...» — dizia-nos um alto dirigente do PPM, mas sorridente confirmava: «Parece que temos mais 80 procurações que o Borges de Carvalho» sublinhava o mesmo responsável já na madrugada de sábado.

Alguns dos delegados que chegavam a Braga, à sala de congressos, despejavam os bolsos. E, quando terminou o prazo de entrega de procurações, já na manhã de domingo, todos sabiam que eram os ausentes que iriam decidir o futuro do PPM. Enquanto na sala estavam pouco mais de 150 delegados, havia mais 403 votos de procuração, assim distribuídos: Aveiro (27), Braga (64), Bragança (7), Coimbra (8), Setúbal (12), Faro (19), Leiria (3), Lisboa (161), Porto (332), Santarém (15), Viseu (17), Vila Real (27) e Viana do Castelo (10).

Sempre foi assim e os estatutos do partido contemplam esta modalidade. «Muita gente não veio por falta de dinheiro» — explicava o arq. Ribeiro Teles. «Não percebo como é que os outros partidos fazem os congressos. Só com uma teta internacional.» A deslocação e estadia durante três dias em Braga é incomportável. Menos preocupado com essas questões, era o dr. João Camossa: «A mim pagam-me de certeza, porque estou teso, se não ia dormir para lá do Estádio 28 de Maio.»

As finanças do PPM são preocupação dos dirigentes. Para já, segundo outro dirigente monárquico, está resolvido o problema da sede de Lisboa. Segundo ele, vai ficar num prédio do Largo do Picadeiro. «Há por ali uns prédios do Duque de Bragança e foi conseguido um bom negócio...» Sem verbas conseguidas pela representação parlamentar, os monárquicos vão ter de sobreviver com as quotas. Em termos de finanças, o PPM... vai nu.

CONGRESSO EXTRAORDINÁRIO

Os monárquicos principiaram o congresso completamente divididos. Ribeiro Teles, por um lado, e Borges de Carvalho, por outro, simbolizam duas atitudes e concepções opostas, para o partido. A pouco e pouco, logo no primeiro dia de trabalhos, começou a surgir uma terceira via: a Coordenadora do Porto e mais alguns dirigentes, entre os quais, uma das suas figuras mais características: João Camossa.

As três propostas de estatutos tiveram a discussão adiada para daqui a um ano e prevaleceu a ideia de um Congresso Extraordinário. Essa «terceira via» conseguia fazer passar isso mesmo, na tarde de sábado. Foi criada uma comissão que vai elaborar um projecto de estatutos a discutir nesse congresso, daqui a 10 meses. Só que, ao mesmo tempo, também se aprovava uma alínea em que os dirigentes, aqui eleitos, no Congresso de Braga, cessavam funções nessa altura, isto é, tudo foi adiado para daqui a um ano.

Outro ponto polémico consistia no inquérito e no pedido de impugnação a esse mesmo, a alguns dos mais destacados responsáveis do PPM, como Ribeiro Teles, Luís Coimbra, Ferreira do Amaral, por declarações

durante a campanha eleitoral que prejudicaram a candidatura de Borges de Carvalho e, segundo alguns, a própria imagem «sempre serena» dos monárquicos.

Como ninguém podia atirar pedras e havia telhados de vidro dos dois lados, também esta questão foi ultrapassada com uma informação da Comissão de Conflitos. Luís Coimbra, por exemplo, lembrava a «guerra» que Margarida Borges de Carvalho tinha feito ao arq.º Ribeiro Teles, e, na sala de congresso, sabia-se que tudo se jogava na estratégia futura dos monárquicos. E foi para aí que se transferiram as baterias...

Os monárquicos os ecológicos

«O Borges de Carvalho não é um dos fundadores do partido liberal?» — ironizava um delegado ao congresso, enquanto um dirigente e ex-deputado nos perguntava: «Já leu bem a moção do Borges de Carvalho? Não há nenhuma diferença com aquilo que o CDS quer...».

Na sala, Henrique Barrilero Ruas, Luís Coimbra e Ferreira do Amaral, para além de Ribeiro Teles, defendiam uma moção de estratégia «alternativa». Para além destas, também o Porto e Cascais apresentaram estratégias para o PPM.

Duas concepções opostas para um dos partidos que, tendo tido nas últimas eleições, cerca de 30 mil votos, mais tempo esteve no poder. Por incrível que pareça, os monárquicos estiveram no poder com a AD, desde 1979. O PPM tem mais tempo de Governo que o Partido Socialista. E, da presença do PPM, no poder, também se falou, neste congresso.

«Impedimos muitos negócios e por isso estou a ser atacado por todos os lados» — desabafava o arq. Ribeiro Teles. «Estão a querer pôr o arq. Ribeiro Teles no banco dos réus, mas sempre lhes digo se eu engoli elefantes quando estava no Governo, o arq.



Ribeiro Teles: o regresso à liderança

Ribeiro Teles engoliu de algumas do próprio partido, rinocerontes e mamutes... — era Ferreira do Amaral para os congressistas.

É uma guerra entre os «convencionais» e os que defendem a originalidade e a novidade — repetia um dirigente próximo de Ribeiro Teles. Pela porta do Congresso, ouvia-se algumas das intervenções. «Resistirei, nem que seja sozinho a ortodoxia ecológica dentro do partido. O dr. Luís Coimbra, em conversa particular, mas que não posso deixar de aqui referir, disse-me que o PPM devia passar a PPE, isto é, Partido Popular Ecológico. Só nos faltava defender a despenalização da droga e os homossexuais... Nós somos o PPM». A isto respondeu de imediato Luís Coimbra para dizer que «em nome do rei não se pode partidizar a monarquia» ou que «os comunistas não falam no comunismo e têm um milhão de votos», enquanto Ferreira do Amaral era bem preciso: «Somos os bandeirantes da ecologia» aludindo a Borges de Carvalho condenava «o liberalismo económico».

A direcção do PPM do Porto queria acentuar o cariz monárquico do PPM, uma oposição construtiva à actual coligação PS/PSD e, esta a grande novidade, um «Governo monárquico sombra». «Isto está tudo doido. Um Governo sombra do PPM?» — dizia-nos um dirigente afecto a Ribeiro Teles. Na moção explicava que com «isso se preparara o partido para participar em trabalhos parlamentares e para governar eficazmente o País, logo que para isso chamado». Para além da «mensagem de mudança de regime» esta moção fica pela criação,

dentro do partido, de um «Instituto Ecológico».

Para além da moção de militantes de Cascais, temos Borges de Carvalho a pretender «reforçar a opção ocidental e a condenação da República como factor de instabilidade e de falta de representatividade do todo nacional». Apesar de isso não constar expressamente da moção de estratégia, os dirigentes como Luís Coimbra ou Ribeiro Teles encaram a questão da monarquia com pragmatismo: se for necessário influenciar qualquer eleição presidencial, não pôr a «cabeça na areia como a avestruz». Estes dirigentes consideram a monarquia o debate perdido e não querem desperdiçar o único espaço em que ainda podem disputar terreno e foram, segundo Ferreira do Amaral, os «bandeirantes»: a ecologia.

No final, quer os militantes do Porto quer o arq. Ribeiro Teles viam as suas moções aprovadas na generalidade. Borges de Carvalho e Cascais perdiam a estratégia. Se moção de Ribeiro Teles conseguiu 371 votos a favor e 151 contra, com 14 abstenções, Borges de Carvalho ficava-se pelos 168 votos a favor, 343 contra e 30 abstenções. O Porto que também venceu com 220, 104 contra e 203 abstenções, e Cascais se ficava pelos 177 favor, 241 contra e 219 abstenções.

As duas listas vencedoras vão tentar encontrar pontos comuns de acordo. A contradição entre elas é tão grande, tão grande que só mesmos os monárquicos o conseguiriam fazer...

E disseram logo que o faziam.

Fernanda Mestrinho



CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

SERVIÇOS MUNICIPAIS DE HABITAÇÃO

COMUNICADO

RECTIFICAÇÃO AO EDITAL N.º 165

CONCURSO PARA ATRIBUIÇÃO DE 593 FOGOS NO P.I.A.

Os valores dos rendimentos máximos dos agregados familiares não podem exceder os seguintes valores:

VALORES QUE DEVERIAM TER SIDO INDICADOS

1 PESSOA	→	32 500\$00
2 PESSOAS	→	36 000\$00
3 PESSOAS	→	48 750\$00
4 PESSOAS	→	52 000\$00
5 PESSOAS	→	58 500\$00
6 PESSOAS	→	62 400\$00
7 PESSOAS	→	68 250\$00
8 PESSOAS	→	72 000\$00
9 PESSOAS	→	76 050\$00

Almada, 6 de Junho de 1983

O Presidente da Câmara
José Martins Vieira



MINISTÉRIO DA CULTURA E COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

I FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA DE LISBOA

ORQUESTRA SINFÓNICA DE BAMBERG

WITOLD ROWICKI, maestro

MARIA JOÃO PIRES, piano (dia 6)

SALVATORE ACCARDO, violino (dia 8)

COLISEU DOS RECREIOS

SEGUNDA, 6 — 21.30

CHERUBINI, Abertura «Anacreonte»

MOZART, Concerto em Ré Menor para piano e orquestra

BEETHOVEN, Sinfonia n.º 3 «Heróica»

TERÇA, 7 — 21.30

CHERUBINI, Abertura «Anacreonte»

BOMTEMPO, 2.º Sinfonia

MOZART, Sinfonia «Haffner»

STRAUSS, Till Eulenspiegel

QUARTA, 8 — 21.30

BRAHMS, Abertura para um Festival Académico

BRAHMS, Concerto para violino e orquestra

BRAHMS, Sinfonia n.º 4

Bilhetes à venda e programas detalhados nas bilheteiras do:

Teatro S. Luiz (das 14,00h às 20,00h). Fundação Gulbenkian (das 13,00h às 20,00h).

Coliseu dos Recreios (das 13,00h às 19,00 h).

Informações: Palácio Foz.

de ontem para hoje

Comerciante de Lanhoso apresenta queixa contra agressores

O comerciante Álvaro Manuel Gonçalves, que esteve para ser linchado, no Tribunal de Póvoa de Lanhoso, por populares de Vilela, acaba de apresentar queixa contra três dos agressores, entre os quais, se encontra, o presidente da junta de freguesia daquela localidade do distrito de Braga. Conforme noticiámos, Álvaro Manuel Gonçalves processou o pároco de Vilela, acusando-o de prejudicar-lhe o descanso matinal com os altifalantes colocados na igreja local, para os quais não possuía licença camarária. O padre José Manuel Dias, acabou por ser condenado, embora com pena suspensa, a trinta contos de multa. «As pessoas — disse Álvaro Gonçalves — continuam a pensar como se estivessem no período anterior ao 25 de Abril, em que aqueles que se opunham às injustiças eram considerados logo comunistas».

A actividade da GNR em Maio

A GNR recebeu, na última semana de Maio, queixas de 29 assaltos a residências e estabelecimentos, com subtração de valores, no montante de 9200 contos. No mesmo período, registaram-se 15 suicídios, na área da GNR, o que eleva a 127 o total desde o começo do ano. O comunicado de balanço semanal, da corporação, indica que, até final de Maio, de 1981 e 1982, ocorreram, respectivamente, 186 e 279 suicídios. Além dos assaltos a residências e estabelecimentos, mais 16 foram cometidos a automóveis e «renderam» 1400 contos. Os assaltos tiveram maior incidência nas zonas de Silves e Sintra. A GNR deteve 54 indivíduos por acções criminais, incluindo um homicida, e oito por condução ilegal.



Bingo inaugurado na Nazaré

A primeira sala de bingo no distrito de Leiria, com capacidade para 300 pessoas, foi, ontem, inaugurada, na Nazaré. Assistiram à inauguração, entre outras entidades, o inspector-geral de Jogos do Ministério das Finanças, Silva Ferreira. A «bola de saída» foi dada pelo presidente da Câmara da Nazaré, Luís Monterroso.

Operário vitimado na Marinha Grande

Um operário morreu nas obras do Centro de Saúde da Marinha Grande, Leiria, ao ser atingido por uma grua. O acidente deu-se quando se deslocou um dos elementos de um contrapeso destinado a

um acrescento da máquina. Luís Filipe Fernandes, de 35 anos, e natural de Lisboa, era casado e deixa dois filhos menores. A empresa para quem trabalhava, não tinha feito seguro contra acidentes.

Jovem afogado numa praia de Ovar

Um jovem de 17 anos morreu no sábado afogado em Barreiros de São João, Ovar. Vítor Ferreira de Vasconcelos, andava em cima de uma bóia com dois companheiros quando esta se voltou. O corpo foi retirado da água ao fim da tarde por dois mergulhadores dos Sapadores Bombeiros do Porto.

Choque de viaturas na Amadora

Três feridos é o balanço do choque entre um autocarro da Rodoviária Nacional e um «jeep» da Guarda Fiscal, ocorrido ao fim da manhã de ontem na Avenida Elias Garcia, na Amadora. O acidente teve lugar quando o autocarro, que se dirigia para Benfica, saiu momentaneamente da

mão, ao descrever uma curva, talvez devido ao piso molhado. Dois dos feridos (José Manuel Moreira, de 42 anos, e Daniel Teixeira, de 25) seguiam no «jeep» e quanto ao terceiro (Maria Júlia Machado, de 58 anos) era passageiro do autocarro.

Industrial incendiário em Lourosa

Acusado de ter puxado fogo à sua própria fábrica, em Lourosa, em Abril de 1981, foi agora detido pela Polícia Judiciária o industrial Manuel Domingues, conhecido pela alcunha de «O Violante». Pouco antes do sinistro, «Violante» aumentara o seguro da empresa, dedicada ao fabrico de rolhas, de trinta para 53 600 contos, tendo recebido após o sinistro 14 300 contos de uma companhia seguradora e 39 300 douta. Manuel Domingues, que se encontrava em liberdade sob fiança, tem outro processo pendente em Setúbal, sob a acusação de roubo de cortiça e burla, no valor de muitos milhares de contos.

Directores-gerais das Alfândegas

A primeira conferência de directores-gerais das Alfândegas dos países de expressão portuguesa irá decorrer em Lisboa, de hoje a quinta-feira. A conferência, que se realiza por iniciativa de Portugal, tem por finalidade, segundo foi ontem afirmado, definir novas formas de cooperação entre as Alfândegas e incrementar o comércio pela simplificação e desburocratização das formalidades alfandegárias. Participam todos os países de expressão portuguesa (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e S. Tomé e Príncipe), sendo as delegações respectivas presididas pelos directores-gerais das Alfândegas ou dos organismos com funções similares.

Ontem foi Dia Mundial do Ambiente

Nações Unidas propõem reflexão sobre chuvas ácidas e detritos tóxicos

Acções de sensibilização promovidas pelo Núcleo Português de Estudo e Protecção da Vida Selvagem (NPEPVS) na cidade do Porto e uma concentração realizada na capital por iniciativa de diversos grupos ecologistas, assinalaram o Dia Mundial do Ambiente entre nós, este ano comemorado sob o signo das chuvas ácidas, dos detritos tóxicos e a exploração indiscriminada da «energia verde».

Estes foram os temas de estudo e reflexão escolhidos pelo Programa das Nações Unidas para o Ambiente (PNUA), no relatório que prepara anualmente «para informar os governos e os povos sobre as tendências observadas acerca de certas questões importantes de interesse particular em matéria ambiental».

No comunicado que ontem emitiu o director executivo do PNUA, Mostafa Tolba, salienta que «as chuvas ácidas, o fabrico e a eliminação dos detritos perigosos, bem como a destruição da cobertura vegetal do planeta constituem apenas três dos elementos da faceta inaceitável do desenvolvimento».

Na Europa e na América do Norte, «cerca de dez milhões de quilómetros quadrados, quase cinco vezes a superfície da Arábia Saudita, estão em vias de acidificação», sublinha aquele responsável.

Por outro lado, «um quinto de todos os detritos químicos produzidos anualmente pela indústria ameaçam directamente a saúde humana» e 1400 milhões «de seres humanos vêm-se constrangidos a abater as árvores mais depressa do que elas podem renascer».

Contudo, Tolba considera que a situação não é destituída de aspectos positivos. «Por ocasião do Dia Mundial do Ambiente — sublinha — é com satisfação que posso constatar, no mundo inteiro, uma intensificação dos esforços nacionais para controlar estes e outros problemas que destroem o ambiente».

Novas substâncias químicas

As chuvas ácidas, causadas principalmente pela combustão do carvão e de outros combustíveis fósseis, são produzidas pelas fábricas, centrais eléctricas e tubos de escape dos automóveis, que lançam para a atmosfera uma quantidade excessiva de poluentes, nomeadamente compostos de enxofre e azoto. Estes misturam-se com a chuva e a neve, e arrastados pelo vento, por vezes a milhares de quilómetros da sua origem, vão contaminar perigosamente os lagos, rios, florestas, infra-estruturas industriais, edifícios e monumentos.

O relatório salienta que se descobrem todos os anos milhares de novas substâncias químicas e um décimo delas vem juntar-se aos 70 000 produtos já comercializados, que paralelamente aos seus benefícios, trazem «perigos inéditos», sobretudo devido à «eliminação irresponsável» dos detritos tóxicos.

Só os Estados Unidos produzem 60 milhões de toneladas de resíduos perigosos por ano, mais do dobro da Comunidade Europeia. As legislações em vigor em todo o Mundo relativamente a

este problema são diferentes ou ainda mal aplicadas, senão mesmo inexistentes.

Sabe-se hoje — prossegue — «que existe uma relação entre o cancro e as doenças da pele e do sistema nervoso, por um lado, e a contaminação pelas substâncias químicas, do outro».

Segundo Tolba, «os países começam a reagir ao perigo», estabelecendo regulamentos e normas que obrigam as empresas a adoptar processos de tratamento e reciclagem dos detritos químicos.

O documento frisa que essas técnicas estão a progredir rapidamente e o seu custo baixa. Assim, custaria à Europa Ocidental apenas 0,2 por cento do seu Produto Nacional Bruto reduzir para metade a poluição exercida pelos dióxidos de enxofre, o que representa uma pequena fracção das despesas implícitas na recuperação dos lagos e dos edifícios corroídos.

Imperialismo ecológico

Tolba realça que a Alemanha Federal tenciona dedicar cinco biliões de dólares ao combate às chuvas ácidas, que estão a destruir as suas florestas, solos e lagos.

Reconhece, por outro lado, que os países se esforçam por respeitar «rigorosamente os regulamentos das convenções marítimas que visam controlar os lançamentos imprudentes de substâncias nocivas no ambiente, onde a indústria injecta anualmente de múltiplas formas dezenas de milhões de toneladas de substâncias tóxicas e perigosas».

Contudo, o relatório adverte que certas companhias dos países industrializados procuram fugir aos controlos severos que lhes são impostos no seu país, transferindo as suas operações ou exportando os seus detritos

para as nações menos desenvolvidas. «Trata-se — sublinha — de uma forma de imperialismo ecológico que os países em desenvolvimento podem e devem rejeitar».

Nesta chamada de atenção ao Terceiro Mundo, o documento avisa que o seu desconhecimento dos graves riscos do desenvolvimento tecnológico dos países ricos, por carência de pessoal preparado para fazer frente a esta agressão, pode convertê-lo em «caixote de lixo internacional» dos detritos mais perigosos da indústria moderna. «Nenhum compromisso pode ser aceite» — frisa Tolba, recomendando que se acelerem ainda mais a pesquisa e a formação em matéria de reciclagem dos detritos e imposição de regulamentos apropriados.

O relatório destaca igualmente a necessidade de se velar para que a «energia verde» se desenvolva dentro de parâmetros adequados e racionais, «sem perigos para o meio ambiente».

Ao crescer, as plantas captam energia solar suficiente para satisfazer, pelo menos em teoria, cerca do décuplo da procura energética mundial — prossegue. Mas a «energia verde» é explorada sem medida nem discernimento nas regiões pobres do globo, onde nove em cada dez pessoas cozinham e se aquecem com lenha.

Apostar na «energia verde»

«Seria necessário plantar quatro ou cinco vezes mais árvores para obviar ao que já assume proporções de catástrofe para as populações menos favorecidas, porque os solos de que precisam para cultivar os seus alimentos desaparecem ao mesmo tempo que a vegetação» — declara o director executivo do PNUA.

Lisboa viu Alentejo na Avenida

O Alentejo subiu ontem a Avenida da Liberdade trazendo a Lisboa a força das suas raízes culturais, representadas por dezenas de grupos culturais, bandas filarmónicas, charangas de bombeiros, ranchos folclóricos das principais actividades da província transmontana.

O desfile, a que mesmo a chuva copiosa não tirou luzimento, tal a riqueza das suas cores e a musicalidade dos acordes, terminou no Parque Eduardo VII, onde ao longo do fim-de-semana funcionou uma «Feira Alentejana», na qual o artesanato e a boa pinga da Vidigueira ou de Reguengos se misturavam com livros de Manuel da Fonseca, Antunes da Silva, Brito Camacho, Urbano Tavares Rodrigues ou Fialho de Almeida.

Depois foi um fraterno convívio até às tantas, com os grupos corais, reforçados pelos patricios radicados na zona da Grande Lisboa (são cerca de 200 mil), a entoarem modas que iam desde «Baleizão, Baleizão» a «Grândola Vila Morena» (José Afonso esteve ontem à tarde com Sérgio Godinho em Beja, num espectáculo destinado a comemorar o 51.º aniversário do «Diário do Alentejo»).

O desfile integrou-se na «Grande Festa do Alentejo», promovida pela Casa do Alentejo que terá o seu epílogo no próximo dia 18, no Coliseu, com um grande espectáculo de homenagem a Manuel da Fonseca, em que participam, entre outros, Paco Bandeira e Eunice Muñoz. E a propósito de Manuel da Fonseca: autor de «Seara de Vento» (livro apreendido pela PIDE) irá estar no domingo, na RTP, no programa de Luís Pereira de Sousa «Já Cá Canta».



Apesar da chuva, o desfile aconteceu... e houve assistência!

CNS da Casa da Moeda contra “trabalhador de confiança”

A Comissão Negociadora Sindical da Imprensa Nacional-Casa da Moeda protestou contra uma determinação do Conselho de Administração que insistiu na empresa na designação de «trabalhador de confiança».

«Numa nota de serviço distribuída a 26 de Maio o Conselho de Administração institui um regime de insenção de horário de trabalho aplicável a titulares de cargo de direcção, de confiança e de fiscalização» — lê-se num comunicado da CNS.

Para além de protestar contra o facto de o Conselho de Administração considerar que na empresa «há os que são de confiança e os que não são», a Comissão Negociadora Sindical considera que a retribuição referente a essa isenção de horário, no valor de 21,5 por cento das respectivas remunerações-base, constitui quebra dos compromissos assumidos com os trabalhadores.

Mediante um protocolo assinado em 22 de Abril, foi acordado um aumento de 17 por cento (salário/diuturnidades) aplicável a partir de Janeiro de 1983. No entanto, afirma a Comissão Negociadora Sindical, têm vindo a decorrer reuniões de negociações no sentido de poderem ser discutidas e acordadas «retribuições complementares» por forma a ultrapassar-se os 17 por cento.

Os trabalhadores apresentaram uma proposta de negociação na base de um subsídio de transporte que elevava o aumento para 22,4 por cento. Esse subsídio foi aceite pela administração mas apenas para os últimos seis meses de 1983, facto que a Comissão contesta.

Congresso do SITESE

Contra a entrega da banca e seguros à iniciativa privada

● Apoio à negociação de um contrato social

O segundo congresso do SITESE confirmou a disponibilidade desta estrutura sindical para a negociação de um contrato social, embora se oponha à prevista abertura da banca e dos seguros à iniciativa privada.

O congresso considerou que a banca e os seguros não deverão ser abertos à iniciativa privada «enquanto não se observar uma profunda e sólida reestruturação destes sectores tendentes a enfrentar a concorrência, assegurando a competitividade e os actuais postos de trabalho».

Para a assinatura de um acordo social global o SITESE coloca três condições prévias entre as quais a «não imposição» de quaisquer medidas de carácter económico e laboral lesivas dos interesses dos trabalhadores.

As outras duas condições prévias são o respeito total pela Constituição e o «efectivo empenhamento do Governo que, para além de mediador, tem que ser o dinamizador e o garante do cumprimento do contrato».

Este sindicato filiado na UGT propõe-se ainda exigir o desbloqueamento das convenções colectivas, designadamente no sector empresarial do Estado, a revogação do tecto salarial e «a imediata normalização de todos os conflitos laborais, designadamente os despedimentos na CP».

Como base de negociação do contrato social o SITESE defende uma política de salários, rendimentos e preços que impeça a degradação do poder de compra e incentive a poupança.

O Congresso considerou que deverá também ficar definida a actualização anual das tabelas salariais bem como a alteração da lei da contratação colectiva tendo em vista o cumprimento rigoroso dos prazos de vigência.

Quanto à revisão da legislação laboral deverá ser harmónica e globalmente coerente sem abranger a lei da greve ou regulamentação que indirectamente limite este direito. Deverá ainda proibir os despedimentos sem justa causa ou qualquer alargamento deste conceito e não alterar a Lei de Férias, Ferias

dos e Faltas «mantendo-se a liberdade contratual até hoje existente».

O SITESE pretende também ver consagrado que a gestão das empresas públicas se deve fazer «numa base de competência, empenhamento e, com participação efectiva dos trabalhadores», designadamente através da tomada de posse dos gestores eleitos pelos trabalhadores.

O Congresso aprovou também um documento com as orientações para a negociação colectiva que fixa as 26 reivindicações do sindicato neste domínio, e que vão dos salários e remunerações até à protecção dos representantes dos trabalhadores, emprego juvenil e contratos a prazo.

No relatório apresentado pela direcção constata-se que houve nos últimos três anos um agravamento da intransigência e da intolerância patronal, bem como da sua cada vez maior falta de respeito pelas leis do trabalho. Só entre 1980 e 1982 o sindicato interveio em 1409 novos processos.

Os congressistas receberam dos delegados da ANOP uma explicação sobre o processo de tentativa de extinção

da agência, que desde Outubro do ano passado tem vivido de subsídios da Secretaria de Estado do Emprego.

Intervenção de António Janeiro

O presidente do SITESE, António Janeiro, afirmou que esta organização sindical nunca aceitará qualquer alteração à lei laboral que cause o aumento do desemprego ou deteriore as relações de trabalho.

Janeiro que falava no encerramento do Congresso do SITESE, referiu-se nomeadamente ao alargamento do actual conceito de justa causa e disse que não aceitava a revisão da Lei da Greve, ou a sua regulamentação, na medida em que este diploma era suficientemente explícito para que fosse necessário regulamentá-lo.

Aquele dirigente sindical que também é deputado socialista — acrescentou que o SITESE defendia a revisão da Lei das Associações Sindicais, de forma a dignificar e fortalecer a participação dos sindicatos na vida do País.

Sobre a Lei dos Contratos a Prazo, António Janeiro afirmou que o SITESE exigia a sua rápida revisão «de forma a acabar-se a grave imoralidade de estar legislada a exploração dos trabalhadores».

Referindo-se à delimitação dos sectores, o presidente da direcção do SITESE disse que essa «era uma falsa questão de que se usava e abusava para ocultar incapacidades ou objectivos políticos marcadamente antinacionais».

«No caso da banca e dos seguros, trata-se da natural vocação para a parasitagem económica dos capitalistas», salientou.

CGTP diz não ao alargamento das taxas moderadoras

A CGTP qualifica de «abusiva e provocatória» a recente medida do Governo AD que alargou aos trabalhadores da Função Pública a obrigatoriedade de pagamento da «famigerada» taxa dos 25 escudos sobre os medicamentos.

Para a CGTP, a instituição da referida taxa, que já foi declarada inconstitucional, evidencia a inexistência de uma política de saúde, actuando o MAS sob a «pressão dos diversos grupos de interesses constituídos».

E isto porque, prossegue a central sindical, em vez de tomar as medidas necessárias à cria-

ção de um sistema de saúde verdadeiramente ao serviço do povo português, o MAS «favorece o dispêndio excessivo e descontrolado de milhões de contos com medicamentos em que apenas estão interessadas as multinacionais» ao mesmo tempo que «promove a transferência de somas vultosas para o sector privado».

Por tudo isto, a CGTP exige a «imediata revogação da taxa dos 25 escudos bem como de todas as taxas moderadoras» propondo-se para tal «diligenciar rapidamente nesse sentido junto da Assembleia da República».

Patrões da Mexicana não cumprem a lei

O Sindicato dos Trabalhadores da Hotelaria do Sul manifesta, em comunicado, a sua disposição de prosseguir as actuais formas de luta na Pastelaria Mexicana e de convocar outras até conseguir a anulação do despedimento de um delegado sindical que considera «ilegal».

Com efeito, e como o «DL», oportunamente, noticiou, António Ferreira, delegado sindical, que trabalhava naquela empresa há 10 anos, foi suspenso e agredido sob a alegação de ter redigido um comunicado sindical.

Tal actuação da entidade pa-

tronal, flagrantemente violadora da liberdade de expressão, colide, ainda, com o Decreto-Lei n.º 68/79, que estabelece a protecção dos delegados sindicais.

Face à intransigência manifestada pelos patrões da «Mexicana» que, depois de duas reuniões no Ministério do Trabalho, continuam a recusar-se a integrar o referido trabalhador, o Sindicato da Hotelaria do Sul mantém, permanentemente, uma delegação de dirigentes sindicais frente àquela unidade hoteleira que, sempre acompanhada do delegado sindical, distribui comunicados a todas as horas de ponta.

Despedimentos na Fundação Couto

PORTO, 6 — Em Abril de 1974 foi criada, em Vila Nova de Gaia, a Fundação Couto, tendo como objectivo o apoio à população trabalhadora ou residente naquela concelho a fim de colaborar com as famílias na guarda e educação dos seus filhos. A excep-

ção da primeira direcção da instituição (o seu trabalho foi reconhecido e aceite por todos) outras direcções se lhe seguiram. Presentemente, num abaixo-assinado, pais das crianças que frequentam o citado estabelecimento afirmam «o seu total repúdio pelo conteúdo das notas de culpa enviadas às funcionárias Alcina Maria Loureiro Leys Correia e Maria José Couto Marques, com a finalidade de um imediato despedimento». Diz o documento, que «nas notas de

culpa, os factos são deturpados e empolados, inserindo-se numa manobra preparada desde há algum tempo pelo sr. Manuel Vidal, que, nos poucos meses que está na instituição, utilizou métodos nada consentâneos com o bom funcionamento de qualquer local de trabalho e muitos menos com uma casa onde o principal são e deverão ser sempre as crianças». Noutro passo do abaixo-assinado, lê-se: «Os pais não põem em causa as qualidades de gestão económica do sr. Manuel Vidal, mas sim as suas habilitações pedagógicas e de relações humanas» e por isso «exigem o imediato afastamento das suas funções» e «o arquivamento dos processos disciplinares às duas funcionárias atrás citadas e o retorno à normalidade do funcionamento da instituição».

Diz sindicalista em contacto com o MNE:

Pessoal dos consulados quer nova tabela e estatuto da classe

Representantes dos trabalhadores dos consulados e missões diplomáticas portuguesas na Europa em greve há quase duas semanas voltam ao Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE) para conversações sobre as suas reivindicações.

Um porta-voz do sindicato representativo daqueles trabalhadores disse à ANOP que, na sequência de uma reunião com o MNE, ficaram acordadas duas sessões de conversações para hoje e segunda-feira.

Acrescentou que a reunião de ontem não o deixou optimista quanto a um possível desbloqueamento imediato do conflito laboral, sublinhando que a continuação da greve encetada em 24 de Maio depende da evolução das negociações.

O porta-voz do Sindicato dos Trabalhadores dos Consulados e Missões Diplomáticas na Europa referiu que o conflito laboral resulta da falta de acordo com o MNE acerca de aumentos sala-

riais e estatuto profissional da classe.

Os trabalhadores reivindicam também a anulação do processo disciplinar instaurado ao presidente da mesa da assembleia geral do Sindicato — disse, sublinhando que o processo resulta de perseguição movida a dois trabalhadores do Consulado de Estugarda, Alemanha Federal.

«Se a corrupção fosse combatida a sério neste país, tratar-se-ia de uma problema muito grave — afirmou o porta-voz sindical em relação à alegada perseguição».

Acrescentou que o processo disciplinar — instaurado por desobediência a uma ordem — invoca legislação que não pode ser aplicada ao trabalhador em causa. Relativamente às reivindicações salariais dos trabalhadores, o porta-voz sindical referiu que o aumento de massa salarial global reivindicado é de 17 por cento, em média.

Disse ainda que os trabalhadores reivindicam uma distribui-

ção deste aumento de massa salarial em função da inflação e do nível de poder de compra verificado nos países em que se encontram, o que choça com as posições do MNE e referiu que a tabela salarial reivindicada apresenta aumentos que vão desde 3 por cento para os trabalhadores em serviço na Alemanha Federal até 61 por cento para os que estão na Jugoslávia, Grécia e Turquia.

O estatuto profissional — disse — é das reivindicações mais sentidas pelos associados do sindicato. Actualmente, os trabalhadores são considerados assalariados locais em prestação eventual de serviço, o que é anacrónico quando muitos dos trabalhadores são responsáveis por actos de representação do Estado português — declarou.

«A excepção do trabalho de direcção que compete a diplomatas, todo o serviço é feito por nós» — disse, sublinhando que os trabalhadores representados

pelo sindicato (1300 em todo o Mundo) são mais de metade do pessoal do MNE e ocupam funções que vão desde empregados de limpeza a vice-cônsul.

Acrescentou que os trabalhadores reivindicam de há muito um estatuto profissional que estabeleça a sua integração na Função Pública, no quadro do MNE, e que contemple os aspectos específicos da sua situação.

Reconheceu a existência de «aspectos técnicos de maior complexidade na elaboração de um tal estatuto, citando o caso da segurança social e das transferências. Referiu que o Sindicato não exige a aplicação do estatuto profissional a todos os trabalhadores dos Consulados e missões diplomáticas, mas preconiza que pessoal que pretenda manter-se na situação em que actualmente se encontra o possa fazer.

Sindicato dos TFP's tem novos estatutos

Cerca de 10 mil associados aprovaram no passado dia 31 a proposta de alteração de estatutos do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Sul.

Nos estatutos aprovados, os reformados podem continuar a ser membros activos do sindicato e é prevista e regulamentada uma maior descentralização «para uma resposta mais em cima do acontecimento».

São ainda adoptados o símbolo e a bandeira aprovados no I Congresso dos TFP's e introduzidos princípios fundamentais consonantes com as conclusões do IV Congresso da CGTP-IP.

Sector como as instituições privadas de solidariedade social e Casas do Povo vêm clarificada a representatividade que nelas deverá ter o sindicato. Por outro lado, os não sindicalizados poderão estatutariamente ter participação na actividade sindical do seu local de trabalho dentro dos parâmetros definidos pelos associados que aí laboram. Ficou também aberta a possibili-

dade da assembleia de delegados vir a alterar a quotização em um por cento.

Regulamentação de faltas por doença

A Federação dos Sindicatos da Função Pública considerou «absurdo» e «impraticável» o novo esquema de justificação de faltas por doença dos funcionários públicos.

Em comunicado distribuído, a Federação anuncia que vai pedir à Assembleia da República e ao novo Governo a revogação do Decreto-Lei 219/83 que diz ser «uma aberração quer no plano técnico quer das concepções autoritárias que propõe».

A Federação sindical considera, por outro lado, que o decreto-lei é inconstitucional «porque o Governo não estava autorizado pela Assembleia da República a legislar sobre o regime da Função Pública», é lesivo dos interesses dos trabalhadores na medida em que «retira direitos já adquiridos quanto aos efeitos das faltas por doença».

DOSSIER

...QUANTO A TROPA VAMOS MAL, OBRIGADO

Pensar o Serviço Militar Obrigatório, hoje, em Portugal: eis uma tarefa difícil e complexa. Os oficiais de Abril voltaram aos quartéis e deles resta, sobretudo, a lenda. Com a sua entrada em cena terminaram as guerras coloniais, mas o inimigo imaginário contra o qual se mima a guerra, nas instruções, voltou a ser o «terrorista». Entre os 45 mil jovens anualmente incorporados nas Forças Armadas, o número de faltas às inspecções está a regressar aos valores mais altos dos anos das três frentes «ultramarcas»: ele ronda os 23 por cento, como em 1972. Ao mesmo tempo, os 15 mil objectores de consciência declarados desde 1975 continuam sem estatuto definido e, com os seus 24 meses de tropa obrigatória, Portugal detém um «máximo» europeu — mas nem uma coisa nem outra dependem de qualquer Estado-Maior: é à Assembleia da República que compete legislar sobre estas matérias.

Pensar o Serviço Militar Obrigatório é uma tarefa difícil e complexa: em alternativa ao modelo de defesa que ele materializa, espreita o cenário de umas Forças Armadas predominantemente constituídas por profissionais, que o país civil tem razões para temer. Por outro lado, a «tropa» portuguesa faz parte de uma «Internacional» — a do Tratado do Atlântico Norte — que lhe exige modernização, adequação funcional a uma estratégia que a transcende — e esses objectivos custam caro, convidam à reivindicação de uma considerável fatia do Orçamento do Estado. Finalmente, e talvez em homenagem aos aos soldados que fizeram Abril, a crítica da instituição militar calou-se, no nosso país. A problemática relativa às Forças Armadas afunilhou-se e passou a dar lugar à polémica circunstancial em torno da articulação da tropa com a política. Ora, nunca é de mais repetir, em 1983, que não é nesses termos, nesse registo, nessa reflexão mais ou menos sacralizada que os jovens incorporados ou faltosos de hoje querem discutir o interlúdio militar, seu preço e consequências. Não basta continuar a ler, ao serão, as mesmas páginas de tão vasto livro. É preciso, já é preciso voltar a lê-lo desde o princípio...



As guerras coloniais acabaram, mas a instituição militar mostra dificuldade em se conceber sem elas. O que é, para a tropa, a Paz?

O serviço militar obrigatório entre o «corte» e a «ruptura»

A guerra acabou, mas eles continuam a prepará-la...

Clara Viana

«A partir de hoje há mais dois cães que não fumam, há menos duas amélias, menos duas putas...» Já ninguém se lembra se chovia ou fazia sol, naquele dia de 1979, na parada do Regimento de Comandos da Amadora, mas foi assim que um oficial anunciou aos instruendo a morte de dois dos seus companheiros. Anos antes, em plena guerra, os jovens aquartelados na Escola Prática de Cavalaria de Santarém eram informados, também na parada, também por um oficial, de que a sua posição, ali, era de «dois graus abaixo de cão»...

A tropa portuguesa está cheia de tiques do passado. Tiques com que se confrontam os cerca de 45 mil jovens que hoje em dia nela são anualmente incorporados. Porém a maioria deles sabe que entre as duas situações evocadas algo de fundamental se modificou: acabou a guerra, Portugal já não se defende de «terroristas» em três frentes coloniais.

A guerra acabou, mas o tempo passado na tropa é fundamentalmente dedicado a prepará-la como se ela continuasse. As ex-colónias são há anos países independentes mas, em muitos quartéis, o inimigo imaginário continua a ser o «guerrilheiro», o «terrorista». A guerra de mato ainda domina os exercícios militares.

Por outro lado, a tropa, quer dizer, as Forças Armadas, fornecem aos seus mancebos 405 especialidades, mas até o Estado-Maior do Exército concorda em que a maior parte delas não tem aplicação na vida civil.

Este dossier é feito com base em declarações de jovens que largaram o Serviço Militar Obrigatório (o «SMO») entre 1979 e 1982. Um «corte», um «desvio», uma «alteração de percurso», eis como todos classificam a sua passagem por ele. Mas este dossier também vive de informações de jovens que «meteram o Chico», quer dizer: que por lá foram ficando, renovando contratos e acabando por «escolher» a carreira das armas. E de objectores de consciência. E de refractários.

E de respostas fornecidas por um Estado-Maior.

Entre todos eles se defende uma de duas posições: alguns pensam que, apesar de tudo, o «SMO» se deve manter, porque pior seria, para o País, umas Forças Armadas só-de-profissionais. Outros não pensam assim — e entre estes estão sem dúvida alguns dos refractários de hoje (5 por cento actualmente, contra 2 ou 3 por cento antes do 25 de Abril).

Recorde de duração

Com uma duração legal de 24 meses, o Serviço Militar Obrigatório português é o mais longo da Europa Ocidental. Nos outros países, à excepção da Grã-Bretanha e do Luxemburgo, onde ele não é obrigatório, e da Suíça, onde a tropa se faz «a prestações», o tempo de tropa varia entre os 8 e os 22 meses. Na Bélgica, por exemplo, embora varie conforme o local de incorporação, não ultrapassa os 10. É na Grécia que ele atinge os 22.

Estipulados por uma lei de 1968 (1), os 24 meses portugueses podem na prática, ver-se reduzidos. É o que se passa no Exército, onde a tropa acaba por durar 16 meses — mas na Força Aérea e na Armada os dois anos mantêm-se em vigor. Para os compelidos e refractários, claro, não há benesses. Em qualquer ramo, passam dois anos no «SMO».

A maioria dos nossos interrogados considera não haver justificação para que, em tempo de paz, se passe tanto tempo em quartéis. E o curioso é que mesmo do ponto de vista das Forças Armadas — pelo menos é a posição do Estado-Maior do Exército — várias foram as pressões feitas, desde 1976, para que seja alterada a lei do «SMO». Essa alteração está nas mãos da Assembleia da República!

Desvio e ruptura

Perda de tempo, desvio, ruptura... Inspeccionados no ano em

que completam os 18 e incorporados entre os 20 e os 21, muitos jovens portugueses começam a ser afectados pela tropa antes mesmo de a ela serem chamados. Qual, de facto, a empresa disposta a assinar contrato de trabalho com um «mancebo» que ainda tem a situação militar por resolver?

Para os que estudam há dois caminhos, face à incorporação: o pedido de adiamento ou a tentativa de concluir os seus estudos na tropa. De 13 a 15 mil jovens estão actualmente na situação de «adiados». Serão incorporados quando tiverem, em média, 23 anos, e acabarão por só demandarem o mercado de trabalho, na maioria dos casos em primeira tentativa, perto dos 25 anos. É uma idade um pouco «avanzada» para quem procura um primeiro emprego...

Quanto aos que tentam concluir estudos na tropa beneficiando do estatuto de «estudante-militar», poucos alcançam esse objectivo. Dois dos nossos contactos estavam nesta situação: nenhum terminou estudos. Porquê? «Primeiro foi o ritmo intenso da recruta, impossível de conciliar com os estudos. Depois foi a dificuldade de viver o confronto diário entre o papel de militar e o de estudante...»

Porém a ruptura entre a vida de tropa e a vida de civil é mais funda e mais geral: é verdade que, para alguns, menos inocentes ou mais «polinizados», o dia-a-dia de um quartel reproduz fielmente as relações na estrutura social e até a «hierarquia espontânea» baseada no assimetria desenvolvimento regional. Mas todos concordam em que o tempo passado no quartel não contribuiu praticamente em nada para uma preparação que lhes pudessem vir a ser útil na vida civil. Porquê? Primeiro porque, como todos dizem, «as especialidades atribuídas na tropa raramente têm em conta as habilitações literárias ou as experiências profissionais preexistentes». Depois,

porque «na sua maioria são directamente dirigidas para a preparação militar». Assim, a missão de «formação» que a tropa atribui a si própria passa a constituir uma remota possibilidade.

O próprio Estado-Maior do Exército admite que, das 405 especialidades fornecidas pelas Forças Armadas, apenas 67 têm interesse para a vida civil. Além disso, a maioria destas últimas requer uma formação profissional anterior, uma vez que os 16 meses de facto passados nos quartéis não permitem uma formação profissional efectiva — nem sequer nos casos de topógrafos, socorristas, condutores de auto e máquinas, transmissões, sapadores bombeiros... quanto mais em especialidades mais complicadas, como as de desenhador de construção, torneiro, soldador, impressor de fotografia, bate-chapas, mecânico, etc...

O analista na cozinha

O Estado-Maior do Exército diz que as especialidades são atribuídas com o objectivo de «aproveitar o homem no conjunto das suas potencialidades». Assim, afirmam-nos ali, «atende-se às condições psicofísicas, às habilitações literárias e técnico-profissionais e, claro está, às necessidades das Forças Armadas». Mas, como o Estado-Maior reconhece (e limitamo-nos a citá-lo), «por diversas razões não é diversas vezes possível ter em conta os três critérios», e os jovens acabam por ser distribuídos «apenas em função das suas condições psicofísicas». Até porque — vale a pena não esquecer — «a preparação militar é a principal missão das Forças Armadas», que devem, sobretudo, formar combatentes...

O Estado-Maior também alude à falsificação de habilitações e de documentos profissionais que ocasionariam distorções na colocação por especialidades, embora não forneça números que nos permitam avaliar da importância do fenómeno. Certo é que, para

todos os nossos interlocutores recém-saídos do «SMO», as distorções e as perversões na distribuição das especialidades são vividas como resultando de razões inteiramente diferentes: há um anedotário riquíssimo nesta matéria, cujo B-A-BA consiste em fixar que «na tropa estão-se borrifando para o que um tipo sabe, fez ou quer fazer».

Um deles, soldado num quartel de Lisboa, diz que a tropa «foram três meses durante os quais aprendeu o comportamento que deveria ter durante os treze seguintes». Ele é desenhador com prática de ilustração. Na tropa ensinaram-no a escrever à máquina. Só que aprendeu em teclado internacional, para ser depois colocado numa repartição onde quase só havia teclado nacional...

O melhor exemplo, retirado do anedotário vivo, é o contado por um ex-comando: na Amadora, responsáveis pela instrução informam-se das profissões dos recrutas para os distribuírem por especialidades. Um deles prova que é analista, trabalhando no laboratório de uma empresa química. Resposta: «Passa a fazer as análises na cozinha». Este exemplo pode, dizem-nos funcionar como regra geral.

Um jovem sargento diz-nos que os militares na sua posição não desempenham geralmente nas unidades, tarefas correspondentes à preparação técnica que adquiriram. O serviço burocrático predomina, a pretexto da reforma dos mais velhos, que o asseguravam. Passam a ser empregados de escritório sujeitos à disciplina militar — o que, segundo a nossa fonte, está a fazer grassar entre os jovens sargentos um sentimento de profunda frustração: «A carreira de sargento é uma miséria, onde não existe um vislumbre de realização profissional. Muitos acabamos por abandonar as nossas unidades para tirarmos cursos de topógrafos, transmissões, meteorologia, computadores, que nos permitam, pelo menos durante uns anos, alguma profissionalização...»

...QUANTO A TROPA VAMOS MAL, OBRIGADO

Há hoje mais refractários do que no tempo das guerras coloniais

São cerca de 45 mil os jovens anualmente incorporados nas Forças Armadas. Este número não abrange todos os «mancebos» em idade de serem chamados: com o fim da guerra, a tropa reduziu as suas necessidades humanas, por todos os tipos de razões, inclusivamente financeiras... Assim, dos cerca de 100 mil jovens que em cada ano, desde 1978, se deveriam ter apresentado à inspecção, 60 mil têm sido considerados aptos — e é a partir destes que se incorporam os recrutas. Falámos de 100 mil... mas na prática o universo é mais reduzido, e é mesmo um Estado-Maior que o admite. É que as faltas à inspecção, que em 1974 e 1975 apresentaram tendência para diminuir, têm vindo de novo a aumentar, atingindo, por exemplo em 1980, percentagem idêntica à de 1972, no auge das guerras coloniais: cerca de 23 por cento.

O Exército é o ramo que absorve maior número de incorporados. Ali entram, anualmente, 35 mil soldados, e três mil oficiais e sargentos milicianos. Para a Armada entram cinco mil soldados e 300 oficiais, e para a Força Aérea dois mil soldados e 60 oficiais.

Os critérios de distribuição pelos três ramos assentam, segundo o Estado-Maior do Exército, em três princípios: «o desejo manifestado pelo jovem, o perfil necessário para cada um deles e as necessidades das Forças Armadas». Claro que a ordem dos factores não é arbitrária mas, sempre segundo o Estado-Maior, «se não houver incompatibilidade, a tendência é para satisfazer o desejo manifestado» o que, garantem-nos, se tem vindo a acentuar.

Regionalização

Questões levantadas pelos nossos interlocutores saídos do «SMO», a respeito da forma como se procede às incorporações: elas prendem-se com a selecção feita entre os que são chamados e os que o não são, por um lado e, por outro, com a sua colocação nas unidades.

Quanto ao primeiro aspecto, um deles, actualmente sargento, diz-nos que quase nunca são tidas em consideração as condições económicas dos «em idade de serem chamados». Esse facto tem frequentemente consequências desastrosas para as suas vidas, que se repercutem no seio da instituição militar.

Quanto à colocação nas unidades, ela é um dos factores porque o «SMO» é geralmente vivido como um «corte» excessivo e inútil. Com efeito, é habitual que jovens oriundos do Norte sejam colocados no Sul, e vice-versa. O «SMO» assume assim, imediatamente, o significado de um exodo forçado, uma ruptura com o meio social de origem. A filosofia da «descoberta do País» com a qual a instituição mascara este regime geral de desorganização não consegue escamotear a sua consequência principal: é que os custos económicos da deslocação que o «SMO» representa são praticamente inportáveis para a maioria dos soldados...

O Estado-Maior diz que existe hoje a preocupação de proporcionar um «SMO» tão perto quanto possível do lugar de residência. No entanto, acrescenta que «o desenvolvimento assimétrico do País e as condições demográficas não permitirão uma regionalização a cem por cento».

Essa regionalização está em vigor nos Açores e na Madeira. Os incorporados locais não saem das ilhas a não ser para

obterem especialidades que ali não existem, ou que apenas têm centros de instrução nacionais (caso da Polícia do Exército).

No continente, o EME diz estar a tentar colocar os soldados no quartel mais próximo da capital de distrito onde deram o nome. Quanto aos sargentos e oficiais, por serem instruídos em centros próprios e colocados a nível nacional segundo a sua classificação, só por coincidência acontece a «regionalização».

Os «novos» desertores

Situações económicas desesperadas estão na origem da maioria das «novas» deserções. Situações económicas desesperadas estão também, contraditoriamente, na origem da escolha, por parte de alguns do «SMO», da carreira militar. Como veremos em artigo próprio, há quem renove contratos durante cinco anos e acabe por ficar na tropa por falta de empregos no exterior. Mas falemos, de momento, dos desertores:

Um dos jovens por nós abordado conheceu, no quartel onde esteve, um soldado que ali se encontrava há cerca de três anos. Era um pedreiro, casado e com filhos. Sendo-lhe impossível sustentar, com o pré da tropa, a família, tinha-se habituado a fugir regularmente, para ir trabalhar. Acabado o trabalho, apresentava-se de novo no quartel, era preso e, uma vez solto, voltava a fugir.

Caso idêntico é o de um camponês também chefe de família, que também fugia regularmente para trabalhar. Este teve a sorte de encontrar quem, no quartel, fizesse «vista grossa» às suas fugas, e conseguiu concluir, nos 16 meses previstos, o seu «SMO».

Um soldado ganha actualmente mil escudos na recruta e 2300 a seguir a ela. Nestas condições é fácil compreender porque desertam jovens com responsabilidades familiares.

Outra razão de deserção é a incompatibilidade psicológica vivida por alguns dos incorporados. Eles apercebem-se, já no quartel, de que não conseguirão suportar «aquela vida». Trata-se, decerto, de situações estatisticamente muito menos representativas que as anteriormente descritas.

E quanto aos refractários? O que os levará a essa situação?

Neste caso trata-se, mais provavelmente, de jovens que resolvem assumir, com essa atitude, a recusa da alteração de vida obrigatória, provocada pelo ingresso numa Força Armada e sobretudo viradas para a «repetição mimética» de uma guerra que já não existe...



O Tejo substitui desajeitadamente os rios africanos, adaptado ao cenário apocalíptico do desembarque. A instituição recria, como sabe e pode, simulacros wagnerianos de defesa contra «terroristas» e contra invasores «vindos de leste»



Mil escudos durante a recruta, 2300 depois dela. Alguns dos que têm obrigações familiares desertam para poderem ir trabalhar

A verdade é que, actualmente, a percentagem de refractários (cerca de 5 por cento) é superior à existente antes do 25 de Abril, nos anos de guerra (então rondava os 2 ou 3 por cento). Este número dá conta da profunda insatisfação e do espírito de recusa com que parte considerável dos jovens portugueses encaram, hoje, a perspectiva do «SMO».

E se o número de refractários é tão significativo, mais ainda é o número de faltas à inspecção, na sua maioria posteriormente justificadas, e que testemunham a existência de um forte sentimento de «hesitação» sobre que atitude tomar perante a tropa, no momento em que ela os chama

pela primeira vez. Eis os números reveladores, onde as percentagens se referem ao total dos indivíduos que se deveriam ter apresentado às inspecções:

1960-13,5 por cento;
1965-22,1 por cento;
1972-23,7 por cento;
1973-20,7 por cento;
1974-17,5 por cento;
1975-18,2 por cento;
1976-19,8 por cento;
1977-21,6 por cento;
1978-22,8 por cento;
1979-23,2 por cento;
1980-23,1 por cento.

Punições

As punições atribuídas aos jovens na situação de refractários

ou de compelidos são, essencialmente, as que existiam antes do 25 de Abril, uma vez, como já afirmámos, a lei que rege o «SMO» data de 1968. A sua aplicação prática é que pode, contudo, não ser tão rígida... Quanto aos desertores, eles são punidos ao abrigo do Código de Justiça Militar, actualizado em Abril de 1977. Eis o que, a respeito destas três situações, dizem as leis em vigor:

A Lei n.º 2135 (LSM) distingue entre os indivíduos que se pretendem eximir ao cumprimento do serviço militar duas situações:

a) Refractários — considerando como tais os indivíduos que faltarem sem motivo justifi-

cado à incorporação (Art.º 40.º n.º 4-a);

b) Compelidos — englobando nesta classificação todos os indivíduos que se tenham eximido às operações de recrutamento a que estavam obrigados (aqueles que faltam às provas de classificação geral ou complementar ou a outra situação das previstas no Art.º 30.º da L. S. M. dado que o recenseamento é promovido oficiosamente) (Art.º 40.º n.º 4-b) e Art.º 9.º e sgs. e 12.º e sgs.). Num caso como noutro os indivíduos ainda não se encontram a prestar o S. M. O. Consequências do incursão numa destas duas situações:

a) Refractários — 1. Criminalmente são passíveis da pena correspondente ao crime de desobediência nos termos da lei penal comum;

2. Em tempo de guerra são equiparados a desertores nos termos do Art.º 30.º n.º 3 da L. S. M.;

3. Não podem beneficiar da atribuição da qualificação de amparo (Dec. Lei 412/78);

4. Não podem beneficiar da redução do tempo de serviço (Art.º 40.º — LSM);

5. Não podem beneficiar do adiamento das provas de classificação ou da incorporação por motivo de estudos;

6. Não poderão ser providos em emprego ou funções públicas.

b) Compelidos — 1. Criminalmente são puníveis por desobediência simples ou qualificada, nos termos da Lei Penal Comum, por remissão dos Art.ºs 59.º, e 60.º da L. S. M.;

2. Não podem ser qualificados amparos (Dec. Lei 412/78);

3. Não podem beneficiar de redução do tempo de serviço (Art.º 40.º L. S. M.);

4. Não poderão ser providos em emprego ou função pública.

c) Uns e outros ficam obrigados ao pagamento da Taxa Militar (Art.º 68.º n.º 1 d) em dobro (art.º 11.º — Parágrafo único do Regulamento da Taxa Militar).

A deserção constitui crime essencialmente militar e como tal é previsto e punido pelos Art.ºs 142.º e sgs. do C. J. Militar, aprovado pelo Dec. Lei n.º 141/77, de 9 de Abril.

Comete o crime de deserção o militar (já incorporado) que se ausente ou deixe de se apresentar na sua unidade conservando-se em situação de ausência ilegítima por um período variável consoante a sua graduação, o tempo de serviço, se encontre em serviço ou não, se encontre de licença ou não, e ainda diferentemente para tempo de paz ou de guerra.

Para o tempo de paz o prazo regra é de oito dias consecutivos de ausência ilegítima, sendo de 10 dias se o militar se encontrar de licença na disponibilidade, licenciado ou na reserva. Estes prazos são reduzidos a 3 ou 4 em tempo de guerra. São elevados ao dobro para os militares que no 1.º dia de ausência ilegítima ainda não tenham sido incorporados há mais de 3 meses.

A deserção para país estrangeiro constitui uma modalidade agravada do crime de deserção. As penas aplicáveis vão de 2 a 8 anos de presidio militar consoante a gravidade e a graduação do militar inapto. Nos casos de mera culpa a deserção é punível com prisão militar.

C. V.

AMANHÃ: Drogas e violências no «SMO»; o que dele pensam os partidos políticos



Segndo Averell Harriman

Andropov está disposto a melhorar relações com Washington

O líder soviético, Yuri Andropov, deseja melhorar as relações com os Estados Unidos e está disposto a responder favoravelmente às iniciativas diplomáticas nesse sentido, disse hoje Averell Harriman, enviado especial a Moscovo.

Harriman, 912 anos, embaixador em Moscovo durante a II Guerra Mundial, tem desde essa altura relações de amizade com o actual líder soviético.

Segundo disse, Andropov expressou o desejo de alcançar níveis de entendimento com os Estados Unidos similares aos obtidos durante a II Guerra Mundial na luta comum contra o Terceiro Reich de Adolfo Hitler.

Resistindo a dar pormenores sobre a sua entrevista com Andropov, Harriman sublinhou contudo o interesse manifestado por ele quanto a um regresso a acordos soviético-norte-americanos similares aos obtidos durante a II Guerra Mundial.

«Se a administração Reagan der os passos necessários para negociar acordos de interesse mútuo, incluindo o Comércio, eu creio que se poderá ter respostas de Andropov», disse. «Vi-o muito ansioso por que sejam os Estados Unidos a darem o primeiro passo».

Harriman declinou fazer mais revelações até se encontrar com o secretário de Estado, George Shultz.

Em Washington, entretanto, o presidente Ronald Reagan nomeou Jack Matlock, embaixador na Checoslováquia, para assessor da Casa Branca para as questões soviéticas.

Fontes da Casa Branca comentaram que Reagan quer os serviços de um especialista experiente em assuntos soviéticos para preparar as propostas norte-americanas sobre a redução de armas estratégicas, acordos bilaterais sobre comércio de cereais e assuntos consu-

lares e culturais, para além dos problemas envolvendo a Polónia, Afeganistão e a crise na América Central.

Matlock é um diplomata de 53 anos, ex-professor de temas soviéticos na Universidade de Dartmouth, foi assessor na Embaixada em Moscovo antes de ser nomeado embaixador em Praga, em Julho de 1981.

Retorno às propostas de Julho de 1982?

Os Estados Unidos e a União Soviética deixaram escapar uma oportunidade de chegar a um acordo sobre os euromísseis ao rejeitarem as propostas feitas em Julho do ano passado pelos chefes das duas delegações às negociações de Genebra, segundo um relatório ontem publicado pela Comissão dos Negócios Estrangeiros do Senado.

O documento considera que apesar da rejeição, por Was-

hington e por Moscovo, das propostas comuns feitos pelos negociadores americano e soviético, Paul Nitze e Youli Kvitinsky, «talvez a melhor oportunidade» de se chegar a um acordo diz respeito aos euromísseis consistisse na utilização das grandes linhas dessas propostas.

Estas previam a instalação na Europa Ocidental, de 300 mísseis de Cruzeiro americanos dispostos de uma ogiva nuclear cada um, contra 75 mísseis soviéticos «SS-20» de três ogivas, instalados na URSS. O plano de Paul Nitze e Yuli Kvitinsky eliminava a implantação dos 108 mísseis «Pershing-2», previsto para a Alemanha Federal.

O relatório de muito influente comissão senatorial estabelece um quadro sombrio das relações americano-soviéticas.

Esteve sequestrado a

ETA libertou es o industrial Diego

MADRID (do correspondente do «DL», Fernando Prado e Colón do Carvajal) foi esta madrugada libertado o sequestrado. Era o homem mais procurado pela polícia «lamentável», segundo os seus familiares, Prado pouco antes da uma hora da madrugada num cruzamento arredores desta capital. Parece correcta a tese de que estava sequestrado na capital, e não no País Basco.

Se bem que todas as fontes de informação se recusam a falar da questão, parece igualmente indubitável que a família de Diego Prado (o seu irmão Manuel passa por ser um dos amigos mais íntimos do rei Juan Carlos) pagou um avultado resgate pela sua libertação, por enquanto de difícil cálculo numérico.

O sequestro de Diego Prado foi o segundo mais longo na larga história terrorista espanhola. O mais longo, foi o de Luís Suer, um empresário valenciano, que esteve em poder da ETA político-militar durante noventa dias.

A polícia não foi capaz de encontrar nem pistas nem meios para chegar até Prado e obter a libertação de um homem com uma trajectória pública e financeira com altos e baixos. Recorde-se que Prado e Colón Carvajal chegou a ser detido por presumíveis fraudes no seu «Banco de Descontos».

O ponto alto, o «clímax» desta investigação policial,

ocorreu no passado dia 6 de Abril, quando forças de segurança da polícia passaram a pente fino o populoso bairro de Pilar, na zona Norte de Madrid, durante quase três dias, vasculhando casas e apreendendo automóveis. Não encontraram mais que alguns supostos colaboradores da ETA, logo postos em liberdade pelos juizes, e «papéis secretos» da recém-nacionalizada Rumasa, cujos directores haviam, ao que parece, escondido «contabilidade pouco clara» em prédios nos arredores de Madrid.

Nos últimos tempos o «Caso Prado» quase entrou no esquecimento, tendo a sua família, e em particular seu irmão Manuel, lançado, em diversas ocasiões, contínuos e amargos apelos para que a sociedade e os espanhóis se lembrassem de Diego Prado.

Até ao princípio da tarde de hoje não se conhecera, muito provavelmente, novos dados relativos à sua libertação, uma vez que a família Prado convocou uma conferência de imprensa para pouco depois do

Cimeira da OUA inicia-se hoje em Addis Abeba

Vinte e três chefes de Estado africanos, incluindo os da Etiópia e da RASD (República Árabe Saraui Democrática), estão já a desenvolver esforços, em Adis Abeba, para tentarem reunir a cimeira da OUA, que deve inaugurar os seus trabalhos hoje à tarde.

Estes chefes de Estado tiveram durante todo o dia de ontem reuniões informais, que se prolongaram pela noite adentro, com o intuito de encontrarem uma solução para o problema do Sara Ocidental, que paralisa a Organização Pan-Africana desde há mais de um ano.

O «Comité dos Doze», formado depois da segunda tentativa malograda de convocação da Cimeira, no ano passado, em Trípoli para tentar fazer sair a OUA do impasse, não chegou a reunir-se, como estava previsto.

A chegada a Adis Abeba, ontem à tarde, do dirigente da

revolução líbia, Muammar Kadhafi, acompanhado por uma importante delegação, suscitou numerosos comentários entre os delegados relativamente aos seus objectivos: assegurar a presidência da OUA que lhe escapou por duas vezes (a primeira por causa do Sara Ocidental e a segunda devido à representação tchadiana), apoiar a RASD e o GUNT (governo de União Nacional de Transição do Chade), que perdeu o poder em N'Djamena em proveito das forças do presidente Hissene Habre, ou propor que a reunião de Adis Abeba seja considerada uma cimeira extraordinária devendo a conferência anual realizar-se novamente em Trípoli.

Continua-se a ignorar se os dirigentes africanos conseguirão encontrar um compromisso para o problema do Sara Ocidental. Os representantes da Frente

Polisário apoiada, na sua luta contra as forças marroquinas, pela Argélia e pela Líbia, ainda não fizeram qualquer comentário oficial.

No entanto, o ministro dos Negócios Estrangeiros da RASD, Ibrahim Hakim, declarou a jornalistas que qualquer pressão exercida para se obter uma nova retirada dos sarauís «será vã», porque, disse, a RASD tenciona participar plenamente na 19 Cimeira e «recusa-se a fazer qualquer novo sacrifício».

A República Árabe Saraui Democrática tinha-se absteído voluntariamente de assistir à segunda cimeira de Trípoli, que esbarrou no problema do Chade.

Ibrahim Hakim sublinhou também que nem o «Comité dos Doze» nem a cimeira estavam habilitados a discutir a presença da RASD, porque esta está em conformidade com a carta da organização.

Por seu turno, os marroquinos e países como o Gabão sublinham que não aceitarão participar na cimeira ao lado da RASD e que só a aplicação da resolução adoptada na cimeira de Nairobi, em 1981, permitirá desbloquear a situação. Esta resolução previa um cessar-fogo e eleições no Sara Ocidental, sob supervisão internacional.

O caso chadiano também ameaça subir de tom, visto que estão presentes duas delegações, uma de N'Djamena e a outra do GUNT, embora, segundo os observadores, a maioria dos países presentes não pareçam estar prontos para seguir a Líbia na sua oposição ao governo de N'Djamena, que recebeu o convite oficial para participar na reunião.

As consultas devem continuar hoje, ignorando-se se será respeitada a data de abertura da cimeira.

Episcopado italiano

O episcopado italiano interveio pela primeira vez na campanha eleitoral ao lançar, na passada semana, um apelo implícito aos italianos para que se abste-

nham no escrutínio de 26 e 27 de Junho.

A presidência da conferência episcopal, que reuniu em Palermo na Sicília, para marcar a sua

OS MÍSSEIS DE WILLIAMSBURG

Continuação da pag. 3

EUA, através de pressões para garantir os sistemas de segurança a nível regional, ou, em alternativa, foi uma operação conjugada dos complexos industriais - militares a curto e médio prazo de modo a preparar a ofensiva superarmamentista actual, produzindo a estagnação económica de todos os aliados e adversários?

Em Williamsburg, os opulentos do Ocidente sabiam de antemão que não há condições para perpetuar o endividamento colossal, a estagnação e os encargos militares, sem uma proposta de política de relações económicas internacionais gerais que conduza à confiança política e económica.

Até porque o banquete do conflito político - económico generalizado, ratificado em Williamsburg, já, produziu a pior das toxinas: a militarização.

Em Williamsburg estiveram ausentes grandes actores, componentes básicos do sistema-mundo. Enquanto os EUA conversam em Genebra com a URSS sobre a redução dos mísseis euro - estratégicos de modo a que a espoleta de confronto seja neutralizada ou se oficialize uma nova trégua, em Williamsburg conferenciaram a maior potência económica do mundo e alguns países da CEE, Canadá e Japão. Curioso também registar como os líderes económicos pretendem encontrar solução sem os demais líderes militares, assumindo-se como líderes económico - militares! É um

contrasenso, o desajuste premeditado de avançar planos de crescimento e/ou desenvolvimento sem harmonizar o relacionamento entre as principais potências em beligerância. Sem este relacionamento, faz parte da ordem natural das coisas o agravamento de militarização, com os seus limites ao desenvolvimento das forças produtivas, o se carácter internacionalmente desigual... e a marginalização das forças produtivas de povos e expressivos grupos sociais por todos os recantos do planeta. Oicamos o economista Tamás Szentes: «Além dos efeitos perniciosos dos interesses militares afectarem a estrutura de mercadorias do comércio mundial, também as formas de comércio regional se vêem influenciadas pela militarização... A contradição entre integração nacional e internacional aparece também no sistema de militarização como um conflito profundo entre o papel do estado nacional tomando decisões sobre questões militares e a expansão ou aprofundamento dos laços externos, actividades transnacionais e relações de dependência no fornecimento de armamentos e de tecnologia militares».

A redistribuição da liderança, sancionada no apelo de Williamsburg terá tido como objectivo cimeiro a concentração do poder económico, a protecção das posições de comando dos exportadores de armas e controlo das transferências militares mediante investimentos directos, licenciamento, «joint-ventures», serviços de manutenção, etc. Enfim, a rede hierárquica

das transferências de armamento robustece a rede internacional de apropriação de capital. Como fenómeno que deve merecer a nossa maior atenção, a militarização faz eclodir grupos económicos nacionais no interior das multinacionais armamentistas e até para - armamentistas.

WILLIAMSBURG é também a co-responsabilização de todos os aliados na instalação até final deste ano dos mísseis «Pershing II» e «cruzeiro». Todos votaram a favor da pressão, isto é, Williamsburg permitiu a perversão de uma parcela de todo orgânico económico no bipolarização do conflito EUA - URSS. A Europa, o Japão, o Canadá, incapazes de uma caracterização comum da crise, impotentes para ensaiar novas formas de cooperação internacional e de estimular a execução dos princípios da Nova Ordem Económica Internacional, submeteram-se. As relações Leste - Oeste, ficou confirmado, dependem da anuência dos EUA. A actividade do Conselho da Europa afigura-se como um bom exemplo. Em 19 de Abril, a comissão das questões políticas apresentou uma proposta de resolução sobre o desbloqueamento de tensões Leste - Oeste. Para o relator, na situação actual, «a concertação entre as democracias europeias e norte-americanas deve intensificar-se apesar das dificuldades de ordem política e económica» e reafirma-se a importância crucial que reveste a reunião de Madrid da Conferên-

cia de Segurança e Cooperação Europeia para o restabelecimento de um clima de confiança mútua afectada, entre outros factores, «pela violação do Acto Final de Helsínquia devido às acções soviéticas na Polónia e Afeganistão». Acontece que a concertação entre as democracias ocidentais é pura mistificação. Os europeus aguardam subservientes um aceno dos EUA. A «Tribuna Alemã», de 25 de Maio, sumula um artigo publicado no «Nurnberger Nachrichten» sobre o ponto de situação actual da Conferência de Madrid. Depois do «sim» dos soviéticos ao projecto de Acto Final dos países membros e não - alinhados, depois dos países ocidentais terem dado a entender que o documento é aceitável, Kampelmann, chefe da delegação norte-americana lembrou aos seus colegas ocidentais que se mantêm de pé a estratégia combinada da prontidão militar e distensão política, recomendada à NATO no chamado Relatório Harmmel, de 1967. Diz o jornal alemão federal: «O Governo Reagan dá clara preferência à parte militar da estratégia, e acha que a distensão é um favor que os países ocidentais só podem fazer ao bloco comunista desde que este mostre previamente boa conduta política». Aliás, e continuando a seguir de perto o relatório da comissão dos assuntos políticos do Conselho da Europa mantém-se como objectivo primordial nas relações Leste - Oeste o estabelecimento de um clima de confiança recíproca para a melhoria da execução das disposições humanitárias conti-

das no Acto Final de Helsínquia, designadamente a orientação de pessoas e de informações a par das intensificações do intercâmbio cultural e comercial. Mas também nestes domínios as relações Leste - Oeste ficam dependentes menos de uma atitude europeia e mais da guerra económica mundial em curso. Um coisa são as declarações de princípios de instâncias como o Conselho da Europa, outra o quotidiano real dos interesses em conflito. Um conflito tão brutal que só por hipocrisia nos sentimos espectadores longínquos.

A censura ao intercâmbio tecnológico e comercial é demasiado óbvia na obra «Poderio Militar Soviético», preparada pelo secretário de Defesa dos EUA, Caspar Weinberger. A cooperação científica, as transferências tecnológicas, os intercâmbios bilaterais (estudantes, académicos, relatórios, simpósios, literatura) é havida como favorável à expansão industrial soviética e do Tratado de Varsóvia: E recomenda-se declaradamente que há que pôr travão às transferências tecnológicas e comércio Leste-Oeste. Atente-se neste parágrafo: «Para além de constituir a fonte de muita tecnologia electrónica e da capacidade de produção sofisticada da União Soviética, o Mundo Livre, durante a década passada, forneceu ao sector industrial soviético biliões de dólares de eficientes máquinas, ferramentas, linhas de transferências, fábricas químicas e instrumentos de precisão. Estes produtos e tecnologias, têm, sem sombra de dúvida, desempenhado um papel

importante na modernização e expansão da indústria soviética. Embora grande parte da tecnologia incorporada no equipamento ocidental seja compreendida pelos técnicos soviéticos, a compra de tal equipamento através de empréstimos a longo prazo e com baixas taxas de juro, tem proporcionado à União Soviética e a outros países do Pacto de Varsóvia conseguirem uma expansão industrial substancialmente mais rápida do que teria sido possível com recursos internos. «Não se pode ser mais explícito - o intercâmbio da superioridade ao inimigo comum. Impõe-se fechar a torneira. Acabem com a cooperação, com os projectos de interesse mútuo, quer-se dizer. E manifestação destas novas tenazes é concluído o que se tem passado com o gasoduto euro-siberiano.

Williamsburg confirma ainda a sessão ministerial do Conselho Atlântico, que teve lugar em Bruxela, a 9 e 10 de Dezembro do ano passado. Os membros da NATO já estavam decididos a instalar os euromísseis se não se progredir nas negociações INF. isto, é se a URSS não deixar de rejeitar a «opção zero» ou suas variantes. Como se alguém aceitasse ir para a mesa das organizações em estado de capitulação pública, interna e externa.

Afinal, os países que concentram o comércio mundial não se dispuseram a tomar medidas anti-crise conducentes a um desenvolvimento global e generalizado. Primeiro os euromísseis, o combate à crise fica para depois. O espectro dos euromísseis é o sinal que se reentrou numa fase

o durante três meses

esta madrugada go Prado Carvajal

Fernando Jauregui — O financeiro Diego Prado e Colón de Carvajal foi abandonado no cruzamento de estradas secundárias nos braços da polícia ao sustentar que o financeiro Basco.

meio-dia de hoje, a fim de informar a opinião pública. É portanto prematuro dizer-se se pagou ou não resgate e, no primeiro caso, qual foi o seu montante. No entanto, a verdade que é este novo episódio produziu-se num clima em que o terrorismo impulsionado pela ETA está no auge. Este fim-de-semana a organização separatista basca fez rebentar vários petardos em agências bancárias da Costa do Sol.

Aliás, tudo indica que o panorama político no que toca ao País Basco em geral, e ao terrorismo da ETA em particular, é preocupante. O Partido Nacionalista Basco, no Governo Autónomo de Euzkadi (País Basco) hesita em propor uma luta frontal contra a ETA, organização na qual muitos dos seus radicais nacionalistas do PNB (Partido Nacionalista Basco) vêem uma forma extrema de concretizar as suas aspirações independentistas. Nesse sentido, é especialmente grave a petição oficial feita por um porta-voz do PNB e do governo basco para que seja reformado o estatuto

de autonomia da região, dando-se, assim, outro passo para uma maior desvinculação de Madrid relativamente às aspirações independentistas do que parece ser um sector minoritário da sociedade basca. De qualquer modo, a aproximação de uma nova campanha eleitoral no Euzkadi e na Catalunha para a reeleição dos seus parlamentos autónomos e os respectivos governos regionais, abre de novo a perspectiva de uma confrontação entre «espanholistas» e «nacionalistas» que resulta sempre perigosa enquanto não estiver consolidado o edifício democrático.

É neste quadro que haverá que reconhecer esta suposta nova vitória da ETA, que parece ter libertado Diego Prado depois de ter cobrado o seu resgate e sem ter sofrido a mínima baixa por isso. A ETA, facto que o governo de Madrid não ignora, apostará forte, diremos mesmo que jogará uma grande cartada nas próximas eleições autonómicas no País Basco, mesmo sem concorrer ao acto.

o apela ao voto

solidariedade com a Igreja local, oposta à mafia, declarou um comunicado que os eleitores não devem admitir «qualquer forma de demissionismo e devem pro-

mover o bem comum sem qualquer espírito partidário, no respeito pela liberdade de todos e segundo a sua consciência».

de alinhamento policêntrico militar sob a batuta económica dos EUA. Os comentadores têm omitido, não se sabe bem com que objectivos, a globalização do conflito, respeitante à instalação dos euromísseis. Em Março último, George Schultz assegurou às autoridades japonesas que os EUA não sacrificarão os seus aliados asiáticos nas suas negociações com a URSS no tocante aos mísseis nucleares de alcance médio na Europa. George Schultz declarou que Washington pretende manter as negociações num plano global. Também em Março tiveram lugar em Moscovo conversações sino-soviéticas. O vice-ministro chinês dos negócios estrangeiros, Quianuch, encontrou-se com Andrey Gromiko e Ilytchev. A China Popular faz depender o êxito das conversações de três condições: cessação do apoio soviético ao Vietnam na sua acção no Camboja, fim da intervenção soviética no Afeganistão, redução dos efectivos soviéticos estacionados nas fronteiras chinesas. Ou há coincidências nas ofensivas diplomáticas ou a tensão internacional adquire novas modalidades de crispação política e económica.

A Guerra económica-financeira mundial foi accionada, por conseguinte. Dora-vante, não haverá condições para elaborar estratégias de recuperação. A pesquisa, os laboratórios, as empresas, os quadros técnicos, os recursos, o investimento, etc., vão sendo progressivamente dirigidos para a militarização.

O caminho da cooperação

multilateral é esquecido ou propositadamente abandonado. Só que a Europa que foi a Williamsburg não é toda a Europa. E pela Europa que se afirmou em Helsínquia passa uma das últimas tentativas sérias da economia do desarmamento. Foi essa Europa que fundamentou a multilateralização dos anos 70, a experiência mais completa de que dispomos para analisar o inter-relacionamento dos sistemas socio económicos diferentes como factor da paz e segurança colectiva. Foi esse inter-relacionamento que proporcionou a confiança política, a quebra categórica dos hegemonismos, o esbatimento das representações de liderança.

A cooperação Leste-Oeste em bases dinâmicas poderá ser o antídoto eficaz para os mísseis de Williamsburg.

Advogo que ao invés da chifreira emocional e vegetativa dos seguidismos e seguidistas, devíamos concitar todas as energias, investigação e sensibilização da opinião pública para as perspectivas da cooperação, onde caibam a EFTA, a CEE, o CAME, o FMI, os projectos de interesse mútuo, a acentuação das trocas bilaterais. Antes que o espírito de Williamsburg infecte o agir colectivo para a paz duradoura.

Se a Europa Ocidental se render à militarização e novas formas de liderança económica ter-se-à chegado ao último acto de segurança colectiva. Entre a cooperação sem preconceitos e a barbárie da nova ordem militar-económica, a nossa aposta está por fazer.

“EUA não devem querer para os outros o que não querem para si”

Felipe Gonzalez no México:

«Julgar que uma intervenção militar poderá diminuir e resolver os conflitos na América Central, é como querer apagar um incêndio com gasolina», declarou, no sábado, à noite, no México, o presidente do Governo espanhol, Felipe Gonzalez, o qual acrescentou ser necessário «ajudar os Estados Unidos a encontrarem uma solução negociada na América Central e a adoptarem uma atitude positiva, na região e no Mundo».

Terminando, no México, uma viagem de uma semana a quatro países latino-americanos (Colômbia, Venezuela, Panamá e México — Grupo de Contadora), Felipe Gonzalez considerou que «a liderança positiva dos Estados Unidos deveria consistir em não querer para os outros aquilo que não querem para si».

A liderança dos Estados Unidos sobre o mundo ocidental é «objectiva, indiscutível, o que não significa que é boa ou má para os países sobre os quais a exerce», acrescentou o chefe do Governo espanhol. Assim, tal acção foi «positiva para abater o nazismo na Europa. Pelo contrário, a presença de conselheiros americanos na América Central é negativa».

Segundo Felipe Gonzalez, a crise centro-americana «não é fruto da confrontação Leste-



Felipe Gonzalez na América Central: um apelo a Paz

-Oeste». «As suas causas são as profundas e antigas injustiças de que os povos (da região) sofrem, as quais dão origem a revoltas como a que Augusto César Sandino (na Nicarágua) preconizava e que ninguém pode qualificar de comunista», explicou.

O presidente do Governo espanhol indicou, por último, que o seu país está pronto para ajudar os membros do Grupo de Contadora nos seus esforços com vista a uma solução pacífica da crise na América Central, mas que não vê qual a necessidade de se tornar um mediano ou um porta-voz.

Guerrilha avança em El Salvador

A guerrilha salvadorenha passou de acções de corrosão contra as tropas governamentais a «uma guerra contínua e regular que tem dado bons resultados», declarou, domingo, no Panamá, Guillermo Ungo, presidente da Frente Democrática Revolucionária (FDR).

A FDR agrupa a oposição política ao regime do presidente salvadorenho Álvaro Magana, enquanto a FLMN (Frente Farabundo Martí de Libertação Na-

cional) concentra as organizações de luta armada.

Actualmente, a FLMN obtém «cada vez mais rendições de militares e apreensões de armas», afirmou Ungo que, recordando os reveses recentemente registados pelas forças governamentais, comentou que, a luta armada, «não duraria muito mais tempo» no Salvador.

Ungo manifestou a sua inquietação perante aquilo a que chamou «a loucura» do presidente americano Ronald Reagan, denunciando o envio de «mercenários» para o Salvador, pelos Estados Unidos, e «a ingerência» de Washington num «problema interno».

Um novo centro de treino americano vai ser criado, nas Honduras, para permitir a formação de 2400 militares salvadorense, por uma centena de conselheiros militares americanos, recorda-se.

O líder da FDR afirmou que os batalhões salvadorense, treinados no Panamá, tinham sofrido pesadas baixas.

A FLMN tomou a iniciativa, no Leste e no Centro do Salvador, recorda-se, com toda uma série de acções que, para além do aspecto puramente militar, parecem ter por objectivo, demonstrar a ineficácia das forças governamentais.

“Dama de Ferro” visitou a “capital da crise”

Thatcher falou de desemprego mas não falou com os desempregados

Em pleno coração dos West Midlands, uma das regiões de Inglaterra mais atingidas pela recessão, Margareth Thatcher falou muito dos sem emprego mas nunca se dirigiu a eles directamente durante a viagem eleitoral.

Durante toda a jornada, percorreu a província ficando sempre pela periferia de cidades como Coventry, 350 mil habitantes, ou Birmingham, perto de 3 milhões e meio, preferindo visivelmente as paisagens bucólicas da velha Inglaterra, mergulhadas à chuva, ao espectáculo desolador das fábricas fechadas, de montes de sucata enferrujada, de edifícios degradados.

Contudo, nesta capital de fabrico do automóvel e da indústria pesada, Thatcher está bem consciente de que o problema do desemprego pesa bastante. Disso mesmo falou ela perante uma as-

sembleia de acaso, de ingleses médios de meia-idade «bem areados no seu vestuário que souberam desenrascar-se» apesar da crise.

Thatcher disse, o que eles queriam ouvir «que nenhum governo em parte alguma teve tanto vigor e imaginação para ajudar os que não têm trabalho» e que uma vitória do Partido Conservador representa a verdadeira esperança para criar novos postos graças à luta contra a inflação e pela competitividade dos produtos britânicos.

Ainda por cima, o desempregado que a emociona é um verdadeiro «modelozinho» de bom comportamento para um operário qualificado, que nunca faltou um dia ao seu trabalho ou fez greve, e encontra-se de repente sem emprego. Um grande traumatismo para ele e para toda a

sua família, admitiu diante dos seus dois mil seguidores, reunidos num grande hotel dos arredores de Birmingham.

Segundo a secção local do Partido Trabalhista, na grande Birmingham, mais de cinco milhões de habitantes, há 16,2 por cento de desempregados contra 5 por cento em 79, quando a sra. Thatcher chegou ao Poder, numa altura em que o nível médio de desemprego para a Grã-Bretanha, era aproximadamente de 13 por cento.

Duzentas empresas de mais de 50 trabalhadores fecharam as suas portas. A «British Leyland», fábrica de automóveis nacionalizada despediu 2 mil pessoas. Pior: 78 por cento dos jovens de entre 16 e 19 anos, saídos da escola ainda não encontraram trabalho, de acordo com as estatísticas trabalhistas.

Porém a sr.^a Thatcher não procura o contacto directo com eles. Quando, mau-grado as precauções tomadas pelos organizadores da sua campanha eleitoral, ela se encontrou com algumas dezenas — senão mesmo duas centenas de manifestantes de

«blue jeans», bandeirolas hostis à instalação de euromísseis na Grã-Bretanha, e repetindo o refrão «Maggie, fora, fora, fora», nem sequer parou para lhes falar.

Acabou por ser um autocarro de jornais quem apanhou com os ovos podres destinados ao seu «bus» de campanha. Foram os jornalistas que puderam ler a inscrição seguinte: «Vota em Maggie, e reforma-te aos 16 anos».

Foi preciso a «raiva» do dirigente trabalhista de um complexo tecnológico, o Jardim da Ciência de Aston, para dizer a Thatcher que não estava nada contente com a visita, uma vez que as câmaras de televisão não registavam imagens menos tranquilizadoras como o primeiro-ministro montada num tractor, antes fixavam sob a chuva, as homenagens dos seus admiradores.

«Eu não ia, certamente, desenrolar-lhe o tapete, vermelho, depois de que ela fez à indústria de Birmingham», acrescentou colérico, Clive Wilkinson.

Por matar um negro

Branco preso aos fins-de-semana

Um jovem branco sul-africano foi condenado a 1200 horas efectivas de prisão — a cumprir durante os fins-de-semana — por ter morto um negro, no dia do seu aniversário, sem outro móvel, que não fosse o de «despachar um cretino».

Ronnie Johannes Van Der Merwe, electricista, irá trabalhar, normalmente, durante a semana, mas passará os seus sábados e domingos na Prisão Central de Pretória, indica o «Sunday Express», de Joanesburgo.

Ao pronunciar uma pena de 2000 horas de prisão — 800 sendo com suspensão de penas — o juiz E. C. Wilkin,

salientou que o réu tinha agido gratuitamente, e classificou o seu crime como «medonho».

Durante as audiências, as testemunhas contaram que, ao completar 19 anos, no dia 27 de Outubro, último, Ronnie Johannes Van Der Merwe, disse, por duas vezes: «Vou despachar um houtkop» (cretino, em afrikaans).

Pouco depois, parou o seu automóvel, junto de três negros que caminhavam pelo passeio, vibrou duas pancadas na cabeça de um deles, Japhtha Kgopa, de 23 anos. «Ainda queria dar-lhe mais uma, mas já tinha caído», declarou o réu, durante o julgamento.

3 excursões MARAVILHOSAS

Suíça e Áustria

SUIÇA, ITÁLIA E ÁUSTRIA

SUIÇA, ÁUSTRIA E JUGOSLÁVIA

8 DIAS - AVIÃO E AUTOPULLMAN

PARTIDAS TODAS AS 5as FEIRAS DE 14 JUL A 8 SET

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES DESDE 1840

abreu

ALVARÁ No 35 - Operador Turístico

PEÇA-NOS PROGRAMA DETALHADO

LISBOA - Avenida da Liberdade, 160 Tel. 371341

LISBOA - Avenida de Roma, 66 - B Tel. 803609

ALMADA - Rua de Olivença, 9 - C Tel. 2756272

PORTO - BRAGA - COIMBRA - FARO - PORTIMÃO - FUNCHAL

DESPORTO



Um susto e nada mais



Euforia das gentes de Águeda



Ica comanda a alegria

Peniche, 2-Águeda, 5

Vendaval varreu o baluarte

Chovia que só eu sei: a água entrava pelo cabelo e desaguava lá no fundo, bem no rés-do-chão. Lembrei-me logo do melhor português que se escreve sobre touros: e não só. Evidente: do companheiro «Solilóquio», que não mora ao remanso da lareira e tem de dar ao côco para estar no acontecimento. Chovia ou faça sol. E, em Peniche, caía que Deus a dava.

Bem: para que conste, houve a gentileza extrema dos orientadores do Desportivo de Peniche, gente que pouco pode ter aprendido de tabuada mas muito sabe de educação. E aí temos a malta da Informação, vento e água contrários, a trabalharem a meio metro do risco da lateral. Sem arame. Sem cães-polícias. Sem qualquer outra barreira que não aquele murinho de 50 centímetros onde se sentavam os meninos que estão sempre de olhar perdido nas ondas que podem não trazer o pai. O campo do Baluarte parecia um imenso oceano: onde não surgiu a mais pequena turbulência, o mais leve atentado à ética desportiva, a mais ínfima beliscadura no respeito mútuo.

Aí, já, a primeira vénia do cronista: longos anos foi preciso desfilar para ver, em torno de um rectângulo onde se disputava a última instância de subida ao máximo escalão, tão belo enquadramento. A respeitosa falange caseira e a mais numerosa, mas nada turbulenta, embaixada de Águeda. No meio, quase anonimamente, problema de grau um, o trio de arbitragem dirigido por Marques Pires, o director setubalense a estreirar a insígnia de juiz fifeiro sob chuva a potes: bom augúrio.

O espectáculo teve assinatura única: dos comandados por José Carlos, esse «Magriço» que faz questão de trabalhar lá longe e, de ano a ano, projectar o esforço numa dimensão de trovão. Mais um clube colocado no escalão máximo: entretanto, antiga entidade patronal despreza a sua amizade, o seu contributo para um reavivar de imagem. Que pena, Alvalade!

Falemos de coisas agradáveis. Cristóvão Moreira, na futura continuidade daquele admirável «Até ao rabo é toiro!», teria melhor arte para contar aos vindouros como o Recreio de Águeda (impressionantemente, acrescente-se) tomou posse de todas as rédeas do «show» deixando apenas para os bufetes a graça de irem servindo alguma coisita, nada de fresco que a chuva e a trovada chegavam e bastavam. O Rui Santos (de «A Bola») e Martins Reimão («Diário de Notícias») buscam acolito sob um pequeno pano negro, circular, quase sempre vencido pelo vento. Vítor Sérgio e o técnico da RR conseguem asilo (politicamente cedido) no esguio balcão da cabina da publicidade onde já estão a esposa e os meninos do dono da voz. Aos restantes, restava colher espingardas e avançar até junto do outro baluarte: o tal murito infantil onde os meninos se preparavam já para festejar o dia inesquecível do Águeda. Joaquim Queirós e Óscar Saraiva, texto e foto da «Gazeta dos Desportos», à nossa esquerda: vamos a isto que se faz tarde.

O Recreio de Águeda rapidamente a quebrar veleidades:

Peniche ia naufragando, mas de braço no ar e à vista de porto de boa salvação. As bandeiras dos amigos da «Levira» inundavam a plateia: trás e trás. Dois golos para a sossega. Jorginho impecável na assinatura de entraça, Simão fabuloso no arranque para o chute de António Jorge. Bobó (o melhor em campo) derretendo tudo e todos.

Um cãozito atravessa o terreno. Dos médios aos tércios, com saída pela Porta do Príncipe, como se estivesse em Sevilha. Rapidamente, Júlio Amador (o treinador da terra dos «carapaus à Benfica») notando que o 10 (Santos) não acertava nem em balão de bexiga: entre o 16 (Maná) e outro galo passou a cantar junto de Bobó, digam o que disserem muito para repescar em termos de FC Porto, em função de contrato antigo.

Um rapaz chamado Cambraia, de mau figadozito, aviava sortidamente a clientela: por um triz, a grande bátega de água quase ia trazendo temporal, porque o bom do moço, privado de artes maiores, choca com o apitador de turno, espalhando-o ao comprido: em jogo diferente, levava (pelo menos) com o icterí-



Nando: excelente no centro do furacão

cia, o que já seria prenda benevolente para o modo como tratava a clientela do seu bairro. Não ficámos fregueses, mas festa é dia de bombos.

O guardião do Águeda, perturbado a noventa graus, sabendo-se alvo de mil olhares espiais de Alvalade, solta tudo o que é bola. Terreno difícilimo, travessas baixas, chuva permanente ajudam a disfarçar o nervosismo de dois «cantos» cedidos em 30 segundos, o Credo na boca e a saliva escorrida. Assim como se o corno do bicho estivesse colado ao céu da boca. Mas, logo vem a indiscutível grande penalidade cometida sobre Ica: Craveiro crava o ferro. Mortal: era o 3-1. Nenhuma hipótese de virar a moeda.

No segundo turbilhão foi o pé na tábua e que Deus nos guie. Águeda: golos pareciam perdizes tolhidas de reumático. Peniche: o atônito espanto perante quem vinha conquistar o forte. Um erro crasso do Recreio de Águeda não é aproveitado por inépcia de quem mandava: Júlio Amador, que bem soube encontrar antídoto para as rabiosas progressões de Bobó (mandando entrar Maná para a esgrima e recolher Santos ao duche, mal se cumpriam duas dezenas de minutos de desacerato total do n.º 10 penichense) não teve unhas, garra ou argumento para evitar que Nando e seus acompanhantes iniciassem o baile mortal no Baluarte, à beirinha da muralha que ouviu tantos milhares de rezas e não poucas devoções. E os golos surgiam como cerejas, nove morenos e um «tostado» fazendo a farrá do molhado espectáculo, grandes penalidades para saborear ou dissecar, o presidente aguedense Joaquim Albano passeado em ombros, a contar-nos: lá, no nosso «municipal», estamos a erguer a superior e a geral, vamos já pegar na central e espetar a relva, o campo de treinos fica um brinquinho, a piscina olímpica vai atirar com campeões para as vossas primeiras páginas, o pavilhão polivalente é uma realidade.

José Carlos (imagem perfeita de um rei com pés na terra, desses que não se candidatam a presidentes de República) deitava água na fervura do demasiado entusiasmo e, passeado ao colo, o vermelho fato de treino rasgado em tiras e voando em recordações, respeitava o Académico de Coimbra e erguia o cálice pelo desportivismo de Peniche, onde só faltou o sol mais rasgado para tudo ser maré bonançosa. Dezasseis pontapés de canto contra a casa: que valia isso perante o campeão da zona? Que importava aquela asneira tremenda de ter feito entrar Belo sem aquecimento, para o moço sair quase de cócoras, tristemente rendido por má orientação?

Lá longe, Gomes jogava para a Europa. Boavista voltava atrás no acertar com o ponteiro. Benfica ia e vinha até a poisar o ponteiro dos minutos. Espinho saltava sobre brasas. Marítimo

afundava-se antes de perder asa em Santa Catarina ou à caneta de Maria Virginia, iam-se embora os sonhos, todos emburilhados no mesmo papel de rebugado em que viajaram longos meses. Esquecia-se, por Peniche, aquele louco mosqueiro que, de gabardina em punho, quis desbaratar a assembleia, fazendo feio o mais belo e refulgente. A luta palmo-a-palmo com os conimbricenses do Académico deixava palco livre para o extravasar de corações.

Peniche reverenciava-se: o Águeda tinha valores de sobejo para a esgrima mais apurada. Nando: OK para sublimação superior, Bobó (dono e senhor entre a ligação tronco-cabeça), Craveiro (enquanto durou a perninha marota) e especialmente, esse espantoso Simão que é (aqui o juro) funcionário para tribo maior se o Águeda não abrir os cordões à bolsa. Penichenses também em brilho?

Claro que sim: Horácio, Sardinheiro, Maná (tardamente chamado ao trabalho activo), Moreno e José Francisco. Porém, excepcionais, super mesmo, foram os que não cobravam do «cartel»: público (lindo), estádio a exigir benefício urgente e mais que lógico. Peniche com o grande abraço de parabéns pela descoberta de um mundo futebolístico quase ignoto. No fiel da balança um Recreio Desportivo de Águeda que, se não tiver azar no rumo, pego já nele. Entra para lavar e durar.

NEVES DE SOUSA

Peniche: Rodrigues; Horácio, Paulinho, Furtado e Pejapes; Moreno, José Francisco e Sardinheiro; Pereira, Santos (Maná, aos 21 m) e Duarte. Marcadores: José Francisco (aos 29 m) e Pereira (aos 63 m).

Águeda: Justino; Simão, Isalmar, Jorginho e Sá Pereira; Bobó, Cambraia e Craveiro (Belo, aos 55 m, e Marques, aos 63 m); Ica, Nando e António Jorge.

Marcadores: Jorginho (aos 4 m), António Jorge (aos 7 m), Craveiro (aos 41 m, de «penalty»), Bobó (aos 65 m) e Sá Pereira (aos 89 m, de «penalty»).

Árbitro: Marques Pires (Setúbal), acompanhado por Rui Santiago e Francisco Piriquito. Excelente direcção do jogo.

Suborno a penichenses?

Águeda desmente e ataca

Fernando Duarte, futebolista do Desportivo de Peniche, acusa: «houve três jogadores que foram subornados pelo Águeda.» Nas colunas do nosso prezado colega «A Bola», o n.º 13 da turma dirigida por Júlio Amador levanta uma forte suspeita contra a equipa de José Carlos, fala de um encontro na Praia da Areia Branca e de três jogadores (aliciados) que alinharam sob olhares da Polícia. Tenho provas concretas de que houve traição, garante Fernando Duarte. Refiro-me a dinheiro que o Águeda pagou a jogadores que alinharam. Eu e o «capitão» vamos desvendar tudo: traíram o brio da equipa e a honra do Peniche.

A proóssito desta acusação (gravíssima) escutámos o presidente aguedense Joaquim Albano Costa, que nos garantiu estar absolutamente tranqüilo porque isto é uma fantasia pegada. Mais: fizemos golos porque produzimos um belo futebol ofensivo e dominámos completamente a situação. Ontem, nenhuma equipa era capaz de nos resistir. E, para já, responsabilizo judicialmente o jogador Fernando Duarte obrigando-o a retractar-se ou a provar o que disse para «A Bola»

Joaquim Albano acrescenta:

— Não me preocupa nadinha com o que esse senhor disse, mas o Recreio de Águeda é que não pode ficar em plano de suspeita.

Depois:

— Na próxima 6.ª feira vamos fazer uma festa, com a participação do Penafiel. Nesse dia, já o Fernando Duarte estará a contas com a Justiça.



DESPORTO

pona esquerda

Olhanense protesta situação eborense

A direcção do Olhanense anunciou que vai solicitar o adiamento do Torneio de Competência até resolução do protesto apresentado pelos algarvios, quando do jogo Juventude-Olhanense, que os alentejanos venceram por 1-0. Para além dos **erros técnicos do árbitro**, a direcção do Olhanense argumenta que o Juventude alinhou com um jogador castigado com um mês de suspensão. O caso (afirma) é o mesmo que já derrotou o Juventude de Évora, no jogo que havia ganho ao Vasco da Gama (de Sines) por ter alinhado com o mesmo jogador. Carlos de Freitas (adiantam) foi punido pelo Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol, com 30 dias de suspensão, e **alinhou frente ao Olhanense, sem que o castigo tivesse sido cumprido**.

O presidente do clube algarvio, que hoje se desloca a Lisboa para formalizar o pedido e entregar o recurso, disse que **será imoral se a Federação der início ao torneio de competência, arriscando a que seja criado um novo caso tipo Alcobaça**.

O Olhanense é o 3.º classificado do campeonato de futebol da 2.ª Divisão (Zona Sul), tendo somado 35 pontos, menos um que o 2.º classificado, o Lusitano de Évora. Se o Olhanense ganhar o protesto, ficará automaticamente apurado para disputar o torneio de competência.

Quiseram envenenar Saronni

Um industrial italiano apaixonado pelo ciclismo tentou envenenar, no penúltimo dia do «Giro», o «líder» da prova, Giuseppe Saronni, para impedir que ele ganhasse a Volta à Itália em bicicleta — revelou a Polícia. A notícia, mantida em segredo pela Polícia de Gorizia, localidade onde ocorreu o incidente, só foi revelada horas depois de o campeão do Mundo ter ganho sem problemas a prova.

Giovanni Arrigoni, um industrial que fornece peças sobressalentes à equipa — comandada por Roberto Visentini (o mais directo rival de Saronni) — tentou anular o campeão envenenando a comida com uma dose excessiva de um forte laxante. Foram os próprios criados do restaurante onde Saronni devia comer que, apesar do suborno oferecido, denunciaram o facto à Polícia e impediram a concretização da tentativa de envenenamento. Segundo a Polícia de Gorizia, o frustrado envenenamento, além de satisfazer «vinganças desportivas», daria a Arrigoni grandes lucros comerciais.

“Mafia” e “Camorra” corrompem desporto

A «mafia» napolitana fixou raízes junto de todas as entidades que se dedicam a apostas desportivas, actividade que lhe rende 150 milhões de dólares por ano. A informação, considerada sensacional, foi obtida pelo semanário «L'Espresso», que na sua edição de hoje divulgará os pormenores do caso, que é actualmente o centro das investigações da Polícia italiana. De acordo com a referida publicação, alguns personagens da nova «Camorra organizada», dirigida da prisão por Raffaele Cutolo, tomaram posições mesmo junto do Comité Olímpico Nacional.

Agressões dão irradiação

A Associação de Futebol de Lisboa, em resultado de processos disciplinares, irradiou (por agressões a árbitros) os jogadores Gentil Jesus Leitão (Grupo Recreativo das Galinhas), Damásio Marques da Silva, Edilberto Nunes de Oliveira e Mário Fernando Pereira Torcato (todos do Atlético Clube do Tojal) Alfredo Manuel Ribeiro Silva Santos, (Sporting Clube Lourinhense). Também o massagista João de Sousa Pereira Cruz (Clube Operário de Futebol) foi irradiado das práticas desportivas.

Falcão: 37 500 contos ao ano

O futebolista brasileiro Paulo Falcão poderá romper, ainda hoje, as negociações com o Roma para a renovação do contrato, por falta de acordo entre as duas partes. A «Gazetta Dello Sport» afirmou que o advogado e representante de Falcão (Cristoforo Colombo), teve uma longa reunião, sem êxito, com Ettore Viola, filho do presidente do Roma (Dino Viola). No final do encontro, Colombo disse que se estava quase a atingir o ponto de ruptura, enquanto Viola lamentou que as coisas tivessem chegado «a tal ponto». Colombo acrescentou que o clube romano continua a ser o preferido por Falcão. Mas os seus dirigentes terão de decidir até hoje à noite se estão ou não interessados no concurso do jogador. Embora o representante de Falcão não tenha falado em verbas, existem indicações não-oficiais de que o jogador não assinará por menos de 715 mil dólares (cerca de 75 mil contos) por um contrato de dois anos. O jogador brasileiro manifestou repetidamente que gostaria de permanecer no Roma, mas já se fala numa substancial oferta do Inter de Milão e, inclusive, do interesse da Juventus, grande vencedor no campeonato desta época, que foi conquistado pelos romanos.

Zoff diz adeus

O guarda-redes do Juventus e da selecção nacional italiana, Dino Zoff, anunciou, em Turim, que irá abandonar a actividade profissional. Dino Zoff (41 anos) acrescenta que o seu contrato com a Juventus termina a 30 do corrente e que considera estar ao serviço do clube só até essa data.

Zico: a farsa dos Mecenias

Os sindicatos italianos criticam vivamente, o preço oferecido pelo clube italiano Udinese (da 1.ª divisão) pela transferência do brasileiro Zico. Segundo certas informações não confirmadas, o preço pela transferência do jogador brasileiro seria de quatro milhões de dólares. O presidente do Udinese, um industrial que preside também a um grupo de aparelhos electrodomésticos e de electrónica, acaba de anunciar prejuízos na ordem dos 87 milhões de dólares.

Nacionais de futebol

Marítimo desce, Espinho arrisca, Águeda sobe

Marítimo (do Funchal), Amora e Alcobaça, descem à 2.ª Divisão, após a 30.ª, e última, jornada do campeonato principal do futebol português. Amora e Alcobaça estavam, já, condenados: e, com a derrota em Portimão (0-3), junto com o triunfo do Espinho, no seu campo, sobre o Estoril (2-1), a equipa madeirense desceu, automaticamente, de escalão. O Espinho disputará o Torneio de Competência, para se tentar manter no escalão principal.

Por seu lado, o Recreio de Águeda ascendeu à 1.ª Divisão, a confirmar o lugar cimeiro na Zona Centro, da 2.ª Divisão. O Águeda é inédito primodivisionário, nos seus 59 anos de história: ontem, foi vencer a Peniche, por 5-2. Os outros dois clubes que ascendem, automaticamente, ao bloco mais cotado são o Penafiel (já vencedor da Zona Norte) e o Farense (na Zona Sul). Penafiel e Farense regressam ao escalão principal: só o Águeda se estreará, na próxima época, na 1.ª Divisão.

O Torneio de Competência, entre as 1.ª e 2.ª Divisões do futebol português, concluídos os campeonatos, deverá ser disputado entre as seguintes equipas: Espinho (1.ª Divisão); Vizela (2.º da Zona Norte, da 2.ª Divisão); Académico de Coimbra (2.º da Zona Centro); e Lusitano de Évora (2.º da Zona Sul).

Sobem à 2.ª Divisão: Fafe, São Martinho, Tirsense, Guarda, Naval Primeiro de Maio, Caldas, União de Tomar, Estrela da Amadora, Olivais e Moscavide, Esperança de Lagos e Silves. Falta decidir a subida de um dos clubes pela série B, dado que dois encontros importantes (Marco-José Alves e Paços de Brandão-Lixa) foram interrompidos devido ao mau tempo.

Descem à 3.ª Divisão: Lourosa, Leça, Oliveirense, Bragança, Estrela de Portalegre, Estarreja, Oliveira do Bairro, Nazarenos, Odivelas, Vasco da Gama, Atlético e Quimigal.

A última jornada do campeonato de futebol da 1.ª divisão foi também a derradeira da luta dos últimos, pois no topo da tabela tudo estava já esclarecido. Com o Amora e o Alcobaça já despromovidos, restava encontrar o terceiro a baixar à divisão secundária e o que irá disputar o Torneio de Competência. O Marítimo (Funchal), ao ser derrotado (0-3) no campo do Portimonense, baixou de escalão e bastaria à equipa da Madeira ter pontuado para se livrar da despromoção, dado que o Varzim perdeu em casa com o Setúbal (esta foi a 1.ª e única vitória fora dos sadinos no campeonato) e o Estoril foi derrotado em Espinho (2-1). O Espinho, com este triunfo, evitou a descida e irá competir com os segundos das três zonas da 2.ª divisão (Vizela, Académico de Coimbra e Lusitano de Évora) para se manter no escalão principal do futebol português.

Lá no topo, o campeão (Benfica) passou até Braga (vencendo por 2-0) e o FC Porto, 2.º classificado, foi vencer o último, a Alcobaça, por 5-1. Gomes marcou dois dos golos, totalizando 36 no campeonato, o que lhe confirmou a «bola de prata» e quase certamente a «bola de ouro» europeia de melhor marcador.

Em Alvalade, Sporting e Guimarães, ambos apurados para a Taça UEFA, sendo respectivamente 3.º e 4.º classificados, cumpriram o calendário, com vitória do Sporting com um golo solitário de Jordão.

Mas uma mexida houve na tabela, nesta derradeira jornada, que modificou bastante as posições de duas equipas. O Boavista, que chegou a ver o espectro da 2.ª divisão, acabou no 5.º lugar (isolado) dado o Rio Ave ter perdido (2-3) na sua deslocação à Amora e os «axadrezados» terem vencido (no Bessa) o Salgueiros (4-1). Em contrapartida, o Rio Ave, que chegou a ambicionar um lugar na Europa, caiu do 5.º para o 8.º lugar.

Portimonense, Vitória de Setúbal, Estoril e Varzim ficaram-se na segunda metade da tabela, e só ontem descaíram ao terem a certeza de que na próxima época estarão de novo na divisão n.º 1.

Entretanto, a única incógnita do 2.º escalão foi desfeita a favor do Recreio de Águeda, que, ao vencer por 5-2 em Peniche, se vai estreiar na 1.ª divisão, ao vencer a Zona Centro da segunda. Penafiel e Farense tinham já o regresso assegurado ao escalão principal.

Números e nomes

Resultados dos jogos da 30.ª e última jornada do nacional da 1.ª: Braga-Benfica, 0-2 (0-2 ao intervalo); Alcobaça-Porto, 1-5, (1-2); Sporting-Guimarães, 1-0 (1-0); Amora-Rio Ave, 3-2 (1-2); Portimonense-Marítimo, 3-0 (1-0); Espinho-Estoril, 2-1 (0-0); Boavista-Salgueiros, 4-1 (1-0); e Varzim-Setúbal, 0-1 (0-1).



A selecção «canarinho» já está no nosso país para, na 4.ª feira, em Coimbra, defrontar uma «selecção portuguesa» sem benfiquistas, sem portistas, sem Oliveira, sem Jordão e sem Manuel Fernandes

Marcadores

Gomes (do Futebol Clube do Porto) conquistou o título de melhor marcador do campeonato português de futebol, ao alcançar 36 golos. O «artilheiro» do futebol portista, com este número de tentos, pode ter conquistado, igualmente, a «bola de ouro», troféu destinado ao melhor marcador da temporada em toda a Europa. Os melhores dez classificados nacionais são: 1.º Gomes (FC Porto) 36 pontos; 2.º Nenê (Benfica) 21; 3.º Nhabela (rio Ave) e Jordão (Sporting) 18; 5.º Walsh (FC Porto) 15; 6.º Filipovic (Benfica) 14; 7.º Oliveira (Sporting) e Raul Águas (Portimonense) 10; 9.º Vítor Madeira (Estoril) Diamantino (Benfica) e Sousa (FC Porto) 9.

Divisão 2

Resultados dos encontros da 2.ª divisão (última jornada) na Zona Norte: Lourosa-Leça, 1-0 (interrompido aos 45 minutos por mau tempo); Valdevez-Valonguense, 4-2; Bragança-Sanjoanense, 0-1; Famalicão-Feirense, 2-1; Vizela-Gil Vicente, 2-0; Leixões-Riopele, 2-1; Paços de Ferreira-Chaves, 4-0; Oliveirense-Penafiel, 0-1. Classificação final: 1.º, Penafiel, 43 pontos (ascende à 1.ª Divisão); 2.º, Vizela, 38 (disputa o torneio de competência); 3.ºs, Leixões e Paços de Ferreira, 37; 5.º, Chaves, 35; 6.º, Sanjoanense, 34; 7.ºs, Gil Vicente, Feirense e Famalicão, 31; 10.º, Valdevez, 30; 11.ºs, Riopele e Valonguense, 20; 13.º, Lourosa, 27 (menos um jogo), desde à 3.ª Divisão; 14.º, Leça, 17 (menos um jogo), desde à 3.ª Divisão; 15.º, Oliveirense, 16, desde à 3.ª Divisão; 16.º, Bragança, 13, desde à 3.ª Divisão.

Zona Centro: Rio Maior-Benfica de Castelo Branco, 0-0; União

de Coimbra-Torriense, 3-0; Estrela de Portalegre-Anadia, 3-2; Peniche-Águeda, 2-5; Beira-Mar-Estarreja, 1-0; Oliveira do Bairro-Nazarenos, 2-1 (interrompido aos 22 minutos, pelo mau tempo); Académico de Viseu-Académico de Coimbra, 0-2; Covilhã-União de Leiria, 1-1. Classificação final: 1.º, Águeda, 49 pontos, sobe à 1.ª Divisão; 2.º, Académico de Coimbra, 48, disputa o torneio de competência; 3.º, União de Leiria, 44; 4.º, União de Coimbra, 33; 5.º, Beira-Mar, 31; 6.ºs, Torriense e Rio Maior, 28; 8.ºs, Covilhã, Anadia e Benfica de Castelo Branco, 27; 11.ºs, Peniche e Académico de Viseu, 26; 13.º, Estrela de Portalegre, 24, desde à 3.ª Divisão; 14.º, Estarreja, 21, desde à 3.ª Divisão; 15.º, Oliveira do Bairro, 20 (menos um jogo), desde à 3.ª Divisão; 16.º, Nazarenos, 19 (menos um jogo), desde à 3.ª Divisão.

Zona Sul: Barreirense-Sacavenense, 3-0; Olhanense-Odivelas, 3-1; Elvas-Juventude, 2-0; Belesnenses-União da Madeira, 2-1; Nacional da Madeira-Atlético, 3-1; Lusitano de Évora-Vasco da Gama, 3-1; Cova da Piedade-Farense, 0-1; Sesimbra-Quimigal, 4-0. Classificação final: 1.º, Farense, 49 pontos, sobe à 1.ª Divisão; 2.º, Lusitano de Évora, 36, disputa o torneio de competência; 3.º, Olhanense, 35; 4.º, Belesnenses, 34; 5.º, Nacional da Madeira, 33; 6.ºs, União da Madeira e Sacavenense, 31; 8.ºs, Cova da Piedade e Elvas, 30; 10.º, 29; 11.º, Sesimbra, 28; 12.º, Juventude, 27; 13.º, Odivelas, 26, desde à 3.ª Divisão; 14.º, Vasco da Gama, 24, desde à 3.ª Divisão; 15.º, Atlético, 22, desde à 3.ª Divisão; 16.º, Quimigal, 15, desde à 3.ª Divisão.

Divisão 3

Igualmente, se concluiu o Campeonato do 3.º escalão. Últimos resultados, na Série A: Vianense - Limianos, 4-0; Cabeceirense - Aves, 4-1; Mirandela - Valenciano, 0-0; Coelima - Melrense, 1-0; Fafe - Moreirense, 5-0; Monção - M. Cavaleir. (interrompido pelo mau tempo); S. Mart. - P. Barca, 2-0; e Felgueiras - Neves, 2-0. Sobem à II Divisão: Fafe e S. Martinho. Descem aos Regionais: Coelima, Neves, Macedo de Cavaleiros e Cabeceirense.

Série B: Marco - José Alves, 0-0 (int. por mau tempo); Vila Real - Valadares, 2-1; P. Brandão - Lixa, 1-1 (interrompido por mau tempo); Infesta - Paredes, 1-0; Vilanovense - Ribeirão, 4-1; Amarante - Esmoriz, 2-1; U. Lamas - Lamego, 2-0; e Erme-sinde - Tirsense, 0-2 (interrompido por mau tempo). Sobem à II Divisão: Tirsense, faltando conhecer o 2.º clube. Descem aos Regionais: Vila Real, Paços de Brandão, Infesta e Ribeirão.

Série C: Branco - Vildemoinhos, 2-1; S. Romão - Viseu e Benf., 1-1; Quaiões - Mangualde, 2-3; Ovarense - Tondela, 2-1; P. Castelo - Poiares, 3-4; Mealhada - Naval 1.º de Maio, 1-0; Guarda - U. Seia, 3-1; e Alcains - Esperança, 4-0. Sobem à II Divisão: Guarda e Naval 1.º de Maio. Descem aos Regionais: Esperança, Quaiões, Seia e Penalva do Castelo.

Série D: Marinhense - U. Santarém, 0-0; Bombarralense - Marinhais, 4-2; Nisa Benfica - U. Tomar, 1-4; Alvaiázere - Pom-

Tabela final

	J	V	E	D	G	P
1.º Benfica	30	22	7	1	67-13	51
2.º Porto	30	20	7	3	73-18	47
3.º Sporting	30	18	6	6	48-25	42
4.º Guimarães	30	11	10	9	35-24	32
5.º Boavista	30	12	6	12	32-38	30
6.º Braga	30	13	3	14	41-43	29
7.º Setúbal	30	12	5	13	29-33	29
8.º Rio Ave	30	13	3	14	43-45	29
9.º Portimonense	30	11	7	12	35-31	29
10.º Salgueiros	30	9	9	12	26-36	27
11.º Estoril	30	9	8	13	26-39	26
12.º Varzim	30	8	10	12	23-39	26
13.º Espinho	30	9	7	14	23-37	25
14.º Marítimo	30	8	9	13	26-38	25
15.º Amora	30	6	6	18	23-55	18
16.º Alcobaça	30	4	7	19	20-56	15

DESPORTO



Medideira: despedida briosa do Amora

bal, 2-5; Alferrade - Atouguense, 0-1; Tor. Novas - Portalegren., 2-3; U. Almeirim - Caldas, 0-0; e Cartaxo - Marinha, 2-3. Sobem à II Divisão: U. Tomar e Caldas. Descem aos Regionais: Alvalade, Pombal, Cartaxo e Torres Vedras.

Série E: Montijo - S. L. Olivais, 1-0; St. Clara - Sintrense, 3-3; Tires - Vilafranquense, 1-1; E. Amadora - Lusitânia, 0-1; Oriental - Atl. Cacern., 0-0; Vialonga - Campomaior., 0-0; P. Pinheiro - Oliveirens., 2-0; e O. Moscaide - Coruchence, 2-0. Sobem à II Divisão: Estrela da Amadora e Olivais e Moscaide. Descem aos Regionais: Pêro Pinheiro, «Os Oliveirenses», Coruchence e S. L. Olivais.

Série F: C. Indústria - Despertar, 2-0; Quarteirense - Almada, 2-1; Lusit. V. Real - C. Caparica, 0-1; Campinense - Silves, 1-1; U. S. Cacern. - Esperança, 1-3; Trafaria - Louletano, 1-1; E. V. Novas - Alvorense, 0-1; e Moitense - Seixal, 2-0. Sobem à II Divisão: Esperança de Lagos e Silves. Descem aos Regionais: Despertar, U. Santiago do Cacern., Costa de Caparica e Louletano.

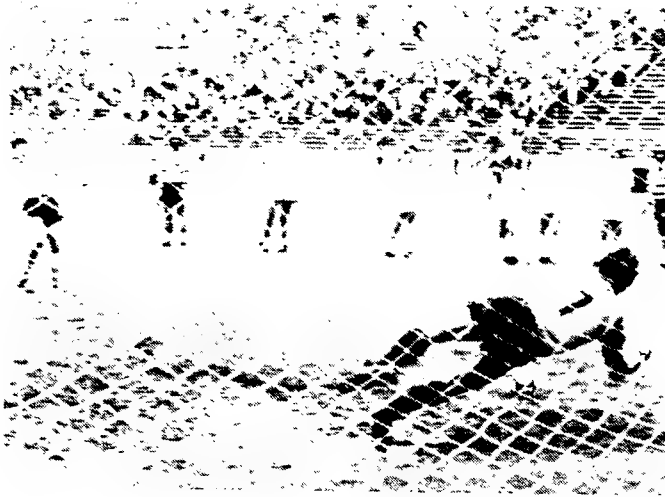
Juniore

Terceira jornada da fase final do campeonato de juniores: Marítimo - FC Porto 0-6 e Santa Clara (Açores) - Sporting, 0-0. Classificação geral:

	J	V	E	D	Golos P
Sporting	3	2	1	0	8-15
FC Porto	3	2	0	1	18-34
Santa Clara	3	1	1	1	2-11
Marítimo	3	0	0	3	0-13

Juvenis

Resultados da 3.ª jornada da fase final da Taça Nacional de Juvenis em futebol, na Zona «A»: Vila Real-Guimarães, 0-2; Rio Ave-FC Porto, 1-1. O Vitória de Guimarães comanda a classificação, com cinco pontos, seguido do FC Porto (3), Vila Real (2) e Rio Ave (2). Zona «B»: Feirense-Sabugal, 2-2 e Naval-União de Coimbra, 1-1. O União de Coimbra lidera (com 4 pontos) seguido do Naval (3), Feirense (3) e Sabugal (2). Zona «C»: Benfica-Portalegrense, 4-0 e União de Santarém-Sporting, 0-2. Benfica, Sporting e União de Santarém têm quatro pontos e o Portalegrense continua a zero. Zona «D»: Torralta-Estrela de Vendas



Alvalade: Oliveira falha cobrança de «penalty»

Novas, 2-1 e Barreirense-Atlético, 3-0. O Torralta lidera a classificação (com cinco pontos) seguido do Estrela de Vendas Novas (quatro), Atlético (dois) e Barreirense (um).

Iniciados

Resultados dos jogos referentes à 4.ª jornada da Taça Nacional de Iniciados. Zona Norte: Vila Real - FC Porto, 2-4; Vitória de Guimarães - Cartaxo, 3-0. O FC Porto lidera a classificação (sete pontos) seguido do Vitória de Guimarães (6), Cartaxo (2) e Vila Real (2). Zona sul: Barreirense - Salesianos, 2-1 e Beja - Sporting, 0-6. O Sporting (menos um jogo) lidera a classificação, com seis pontos, seguido do Barreirense (seis pontos), Beja (um ponto, também com menos um jogo) e Salesianos (um).

Particular

Antigos jogadores da Académica de Coimbra venceram (por 4-0) antigos jogadores do União de Leiria, em jogo particular realizado no Estádio Municipal de Leiria. O encontro foi organizado pela Escola do Clube de Ténis de Leiria e os marcadores dos golos foram Vitor Marques, Luís Eugénio (2) e Luizinho.

RFA: Hamburgo é campeão

O Hamburgo conquistou o título de campeão de futebol da Alemanha Federal, ao vencer o Schalke por 2-1, em Gelsenkirchen. O seu rival, o bremen, também venceu a jornada O bochum, por 3-2.

Taça de Espanha

Um golo de Marcos no último minuto deu a vitória ao Barcelona na final da taça de Espanha, em Saragoça, frente ao Real Madrid, por 2-1. Ao intervalo os catalães vencião por 1-0: golo de Victor, aos 32 minutos. O Real Madrid empatou aos cinco minutos do 2.º tempo por Santillana e, quase sobre o apito final, Marcos obteve o golo da vitória para o Barcelona, evitando o prolongamento.

Taça da RDA

O Magdeburgo conquistou a Taça da RDA ao vencer na final o Karl - Marx - Stadt por 4-0. Na próxima temporada a RDA estará representada nas competições europeias pelos seguintes clubes: Dinamo de Berlim (Taça dos Campeões), Magdeburgo (Taça das Taças), Vorwaerts Frankfurt e Carl Zeiss Jena (Taça UEFA).

MICROSCOPIO

Hipismo em Santarém

O tenente Villa de Brito, montando «Mon Prince», ganhou a prova destinada a cavalos de 3.ª e 2.ª categorias, integradas na Feira Nacional de Agricultura, em Santarém. O capitão Pimenta da Gama (em «Wotan»), e o tenente Marques de Carvalho (em «Hi-Fi»), classificaram-se em 2.º e 3.º lugares. Na prova destinada a cavalos de 4.ª categoria, triunfou «Urco», montado pelo coronel Nuno Bivar, seguindo-se «Skylab» e «Kaly», montados (respectivamente) pelo alferes Duarte Silva e pelo capitão Pimenta da Gama. Realizou-se também uma prova destinada a cavaleiros juvenis, ganha por Diogo Temudo. Participaram nestras três provas 57 conjuntos.

INATEL: torneios

O Centro Cultural e Desportivo do Banco Borges & Irmão (do Porto), venceu o Campeonato Nacional de Basquetebol masculino do INATEL, ao vencer na final (em Aveiro) 94-86, o Centro Cultural e Desportivo da Fidelidade-Grupo Segurador.

Na final do Campeonato Nacional de voleibol masculino, também disputado no pavilhão gimnodesportivo de Aveiro, o Centro Desportivo e Cultural do Banco Português do Atlântico (Porto) venceu por 3-1 (15-11, 7-15, 15-1, 15-6) o Centro Desportivo e Cultural do Banco Português do Atlântico (Lisboa).

Halterofilia: campeonato

Francisco Coelho (Ginásio Clube Português), é campeão nacional de halterofilia, na categoria de 100 quilos e venceu, simultaneamente, o segundo Torneio Internacional de Almada, que se disputou no Pavilhão da União Píedense. Participaram nos Campeonatos Nacionais Absolutos 22 atletas de 9 clubes e, ainda, levantadores de mais dois países (Suíça e Itália), que competiram com os portugueses no Torneio Internacional Cidade de Almada. Francisco Coelho totalizou 388 263 pontos, vencendo este torneio, seguido pelo suíço Jean Daniel (369 696 pontos) e pelo italiano Rodaro Marco (360 618).

No campeonato nacional, os vencedores, nas diferentes categorias, foram: em 52 quilos: Paulo Duarte (Luso), 72,5 (aranco), 90 (arremesso), total de 162,5 quilos. Este atleta bateu o recorde nacional de juvenis da categoria, no arremesso, com 90,5 quilos. 56 quilos: Raul Dinis (G. D. de Carcavelos), 85-117,5-202,5; 60 quilos: José Mestre (Luso), 80-100-180; 67,5 quilos: Carlos Alves (União Píedense), 110-142,5-252,5. Este atleta, com o arremesso de 142 5 quilos, fixou novo recorde nacional absoluto na categoria. 75 qui-

los: Carlos Duarte (F. C. do Porto), 105-140-245; 82,5 quilos: Jorge Soares (União Píedense), 130-160-290; 90 quilos: Luís Pires (Lisgás), 105-130-235; 100 quilos: Francisco Coelho (G. C. P.), 155-200-355. O total de 355 quilos é novo recorde nacional absoluto na categoria. 110 quilos: Campos Costa (F. C. do Porto), 105-140-245.

Boxe: Mundial

O norte-americano Marvin Hagler manteve o título mundial dos médios ao vencer po KO o seu compatriota, Wilford Scurpion, em Providence (EUA). A decisão do combate surgiu durante o 4.º assalto de um combate previsto para durar 15.

O norte-americano Larry Holmes conservou o seu título de campeão do Mundo dos «pesados» (versão WBX) ao bater o seu compatriota Tim Witherspoon, aos pontos, em 12 assaltos, ontem à noite em Las Vegas. A pontuação de cada um dos três juizes foi a seguinte: 118-111 a favor de Holmes e 115-114 para Witherspoon.

Disco: recorde mundial

O soviético Yuri Dumtchev estabeleceu novo recorde mundial do lançamento do disco, com uma marca de 71,88 metros, durante os campeonatos de atletismo de Moscovo. Dumtchev conseguiu o máximo no seu 6.º e último lançamento.

O anterior recorde estava em poder de Wolfgang Schmidt (RDA), com 71,16 metros, desde 9 de Agosto de 1978.

TOTO BOLA a chave

1 Braga-Benfica	2
2 Alcobaca-Porto	2
3 Sporting-Guimarães	1
4 Amora-Rio Ave	1
5 Portimonense-Marítimo	1
6 Espinho-Estoril	1
7 Boavista-Salgueiros	1
8 Varzim-Setúbal	2
9 P. Ferreira-Chaves	1
10 Peniche-Águeda	2
11 Acad. de Viseu-Ac. Coimbra	2
12 Covilhã-União de Leiria	X
13 Cova da Piedade-Farense	2

Totobola: previsões

Os serviços de escrutínio do Totobola prevêem de 800 a 900 apostas com 13 resultados certos. Com 12 resultados certos, prevêem-se de 18.000 a 20.000 apostas. O montante para cada prémio é de 19 562 327 escudos.

Espinho, 2—Estoril, 1

Babá e Rosa Santos salvaram o Espinho

Nervos, raiva e emoção foi coisa que não faltou no renovado Campo da Avenida (em Espinho) onde a turma local conseguiu, à tangente, escapar da despromoção automática. Independentemente da justiça que presidiu ao triunfo espinhense, deve dizer-se, em abono da verdade, que o mesmo só foi possível graças, por um lado, à inspiração de Babá (a «arma secreta» de Carolino para o 2.º tempo) e, pelo outro, a um erro do tamanha da Torre dos Clérigos, cometido por Rosa Santos, ao anular um golo limpinho ao Estoril, quando iam decorridos 42 minutos de jogo...

Mas, como dissemos, a vitória do Espinho (única hipótese para a equipa não descer de imediato) foi plenamente justificada ao longo dos 90 minutos, sendo certo, porém, que as dúvidas subsistiram até ao fim, já que os estorilistas jamais se mostraram conformados com o resultado e tudo fizeram para contrariar os legítimos anseios da turma da Costa Verde.

Espinho que, desde muito cedo, começou a fazer pela vidinha, embora nem sempre da melhor maneira. Por vezes, os nervos impediram os pupilos de Carolino de jogar aquilo que está ao seu alcance e daí um certo atabalhoamento quer na zona intermediária quer no ataque, onde os passes transviados se sucediam, em benefício claro da tranquila equipa do Estoril.

Estiveram em equação dois estilos perfeitamente distintos: de um lado, o Espinho, cheio de pressa para alcançar um golo que lhe abrisse as portas do torneio de competência e, consequentemente, a evidenciar muita perturbação, mormente na sua dianteira, onde Moinhos, apesar de toda a sua experiência, mais parecia uma defesa contrário do que um ponta-de-lança. Do outro, o Estoril, calmo, bem disciplinado tacticamente, tanto a defender como a contra-atacar, e, por isso mesmo, a causar sucessivas situações de embaraço para Mendes e seus pares.

Deste confronto de processos resultou, naturalmente, um maior assédio da turma espinhense à baliza defendida (e de que maneira!) por Manuel Abrantes, mas, ao mesmo tempo, verificou-se que os lances portadores de maior dose de «veneno» foram protagonizados pelos estorilistas, sobretudo através de Vitinha que, não raras vezes, apareceu desmarcado pelo flanco direito, a aproveitar muito bem a «ausência» de Raul. Daí que não nos tenha surpreendido o tal golo anulado por Rosa Santos, na circunstância a favorecer os locais, quando iam decorridos 42 minutos: golo que surgiu na sequência de mais um contra-ataque, desta feita conduzido por Vitor Madeira e concluído da melhor maneira por Garcês.

Após o intervalo e com a entrada de Babá para o lugar de

Moinhos a turma espinhense ganhou outra acutilância atacante. Mais apoiado do que até aí, Mória teve, por duas vezes, o golo nos pés, que todavia, deixou escapar ingloriamente. Tudo se conjugava, por consequente, no sentido de um adiantamento no marcador por parte dos «tigres». Mas, eis que um autêntico balde de água fria caiu sobre o Estádio da Avenida, em Espinho. Enquanto lá longe, em Portimão, se jogava a favor da turma de Costa Verde, no seu reduto, os pupilos de Carolino viram o seu futuro mais sombrio do que nunca quando Garcês logrou desfeitear Mendes, depois de um bom trabalho de Vitinha. Tudo parecia perdido. Carolino jogou (então) novo trunfo, ao substituir Vitor Manuel (defesa) por David, um jovem atacante com muita codícia e sangue na guelra. Depois dos nervos, os espinhenses deixaram transparecer uma certa raiva que seria decisiva para o volte-face operado em oito minutos. Figura em evidência: Babá que, qual máquina de terraplanagem, fez ruir os alicerces da defesa estorilista. Primeiro, num lance muito confuso que suscitou alguns protestos da equipa forasteira. Depois, em golpe vistoso, com uma entrada fulgurante de cabeça, na sequência de um canto do lado esquerdo do seu ataque. Foi o delírio, em Espinho.

Jogadores e técnicos, adeptos e simpatizantes, festejaram efu-

sivamente o renascer de uma esperança que parecia extinguir-se momentos antes. Qual chuva, qual carapuça. Gente do mar, habituada às vicissitudes do mau tempo, ignorou pura e simplesmente a intempérie que se abateu sobre o Estádio da Avenida e que a nós, jornalistas, deixou profundas marcas. A hora, porém, era de festa. Festa que iria prolongar-se pelo fim da tarde, já que, entretanto, o guardião Mendes tinha regateado uma e outra vez, o «forcing» final dos seus opositores.

Não fora o erro já referido e teríamos de concluir que Rosa Santos havia estado simplesmente impecável...

Manuel Neto

Árbitro: Rosa Santos (Beja), auxiliado por Francisco Lobo (bancada) e Joaquim Rosa (peão).

ESPINHO: Mendes; Vivas, Balacó, Vitor Manuel (David, aos 55 m) e Raul; Dinis, Pinto da Rocha e Carvalho; Mória, Moinhos (Babá, na 2.ª parte) e Vitorino.

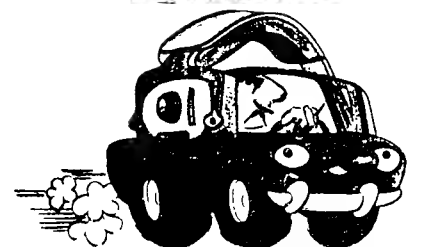
ESTORIL: Abrantes; Teixeira, José António, Pedro Xavier e Ernesto; Vitinha, Paulo, Vieira e Isidro; Garcês e Vitor Madeira.

Marcador: Babá (62 e 70).

Auto Rádios e Anti Roubo



PHILIPS



EXPOSIÇÃO, VENDA E MONTAGEM

CETRA

CENTRO TÉCNICO DE REPARAÇÃO AUTOMÓVEL, SARL

Concessionário PHILIPS para instalação de AUTO RÁDIOS

R. Cidade de Bolama, 1-B — Olivais Sul Tel. 55.9000 1800 LISBOA



DESPORTO



O resultado conseguido pelo Barcelona em Alvalade mantém as melhores hipóteses espanholas de passagem à final do torneio, quando do jogo da 2.ª mão, dentro de duas semanas fizeram alinhar: Sporting: Ramalheite, José Rosado, Realista, Luís Nunes e Trindade; Barcelona: Trullós, Vila-puig, Torner, Celtell, Pauls e Torres. Golo de Luís Nunes, aos 3 minutos

Hóquei europeu: Sporting titubeante

Resultados completos da 1.ª mão das meias-finais das três taças europeias de clubes em hóquei em patins, cujos jogos se disputaram no sábado:

- Taça dos Campeões: Sporting (Portugal) - Barcelona (Espanha), 1-0; e Sentmenat (Espanha) - Cronenbarg (RFA), 6-3.
- Taça dos Vencedores de Taças: Benfica (Portugal) - Den Haag (Holanda), 9-2; e Liceu da Corunha (Espanha) - F. C. do Porto (Portugal), 5-4.
- Taça CERS: Juventude de

Viana (Portugal) - Giovinnazzo (Itália), 7-2; e Tordera (Espanha) - Vercelli (Itália), 7-2. A 2.ª mão das meias-finais, disputa-se no próximo dia 18.

Juniões

O Belenenses conquistou o título de campeão nacional de juniores, em hóquei em patins, ao vencer (nas Antas), o F. C. Porto, por 4-3, na 2.ª mão da final. Na 1.ª mão, há uma semana, no Restelo, o Belenenses vencera por 8-4.

Andebol: "taça" para Oeiras

A Associação Desportiva de Oeiras, ao bater na última jornada o Campo de Ourique, tornou-se campeão nacional de andebol feminino, na competição cuja fase final se disputou no Pavilhão das Paredes. As duas equipas serão as representantes nacionais nas competições europeias, visto que o Campo de Ourique foi o vencedor da Taça de Portugal. Resultados da última jornada: Sp. Espinho - Académico, 19-14; Beira - Mar - Torres Novas, 23 - 28 e Oeiras - Campo de Ourique, 13 - 9. Classificação final: 1.º Oeiras; 2.º Campo de Ourique; 3.º Torres Novas; 4.º Beira - Mar; 5.º

Espinho e 6.º Académico do Porto.

Homens finalistas

O Sporting e o Encarnação triunfaram nos jogos das meias-finais da Taça de Portugal masculina e são os finalistas da prova. O Encarnação bateu (com relativa facilidade) o Sanjoanense (30-23) e o Sporting foi vencedor ao Restelo (35 - 32) num jogo emocionante, após prolongamento, já que no tempo regulamentar as equipas estavam empatadas (29 - 29). O Belenenses (conquistador da Taça do ano passado) perdeu o troféu, que poderá ser arrebatado pelo Sporting na final em que defrontará no sábado o Encarnação.

Roland Garros bateu recordes

O quadro de honra do Grande Prémio de França em ténis, edição 1983, que ontem se concluiu, é o seguinte: individuais masculinos — Yannick Noah, (França); individuais femininos — Chris Evert-Lloyd (EUA); pares masculinos — Anders Jarryd e Håns Simonsson (Suécia); pares femininos — Rosalyn Fairbank (África do Sul)-Candy Reynolds (EUA); pares mistos — Kathy Jordan-Eliot Teltscher, (EUA); individuais juvenis masculinos — Stepan Edberg (Suécia); individuais juvenis femininos — Pascale Paradis (França); pares masculinos juvenis — Mark Kratzmann-Simon Youl (Austrália); pares femininos juvenis — Carin Anderholm-Helene Olsson, Suécia.

Os recordes de afluência e de receita foram batidos, durante os 14 dias que duraram os internacionais de ténis da França. Para assistirem às finais, registaram-se menos entradas que o ano passado (14 592 contra 15 072) mas, em contrapartida, no conjunto das duas semanas, o número de espectadores pagantes elevou-se a 254 952 contra os 238 305 de 1982. Quanto às receitas, registaram-se 21 725 806 francos (mais de 282 mil contos) contra 18 698.795 do ano passado. Um outro recorde (ainda) foi o da transmissão televisiva: 49 televisões transmitiram a final Noah-Wilander, 43 das quais em directo.

Para nós

O Sindicato dos Jornalistas (através de uma comissão organizadora) realiza, de hoje até ao dia 13, nas instalações do Clube de Ténis do Porto, o torneio de ténis «Imprensa / 83», destinado apenas aos profissionais da imprensa. O torneio servirá para apurar dois representantes do Norte, que se juntarão aos do Sul, para participarem nas Olimpíadas dos Jornalistas Europeus, que decorrerão ainda este mês, de 24 a 29, na cidade francesa de Nice. Simultaneamente, este torneio servirá de trampolim para futuras realizações: a classificação final do «Imprensa / 83», colocará os tenistas nas respectivas posições do «ranking» nortenho.

Inscreveram-se 25 jornalistas,

entre os quais uma mulher (Manuela de Melo, da RTP), em representação de nove órgãos de Comunicação Social. Associaram-se a este torneio o Governo Civil do Porto, a Associação de Ténis do Porto, Sportima, Alvo Desportivo e Pinto's. Simões Lopes será o juiz - árbitro, coadjuvado por António Moura (JN), ficando o gabinete de Imprensa a cargo de Jorge Gonçalves (PJ).

O sorteio efectuado nas instalações do CTP ditou os seguintes encontros para hoje: Álvaro Faria «PJ» - Marques da Cruz (RTP), cujo vencedor jogará com Costa Carvalho («CP»), Dias Gomes («JN») - Marinho Neves («GD»), Djalma Neves (RTP) - Castro Ribeiro (RTP), António Catarino («CP») - Vítor Rebelo (RTP), cujo o vencedor jogará com Faria de Moraes («NT»), Artur Pires (RTP) Manuel Luis Mendes («JN»), cujo vencedor jogará com José Medo (RTP) - Manuel Neto («JN»), - Manuel Gomes de Almeida («CP»), cujo vencedor jogará com Fernando Mendes («JN»). Amanhã jogarão José Alcino («NT») - Manuela de Melo (RTP) e o vencedor jogará com José Bastos (RR) e na quarta-feira, Dias Costa (RTP) - Júlio Montenegro (RDP), cujo vencedor jogará com Frederico Martins Mendes («JN») e António Bondoso (RDP) - Pacheco de Miranda (RTP), cujo vencedor jogará com Simões Lopes (ANOP). Haverá troféus que serão distribuídos pelos finalistas de singulares e pares - homens, e medalhas para todos os concorrentes, independentemente de diversos artigos de material desportivo. Haverá ainda um troféu para a única presença feminina.

Ténis: Copa Ibérica

O espanhol José Ferrer venceu a segunda jornada da Copa Ibérica em Ténis, torneio internacional para veteranos, que se concluiu no Estoril. O torneio teve 107 inscrições de portugueses e espanhóis, e José Ferrer voltou de novo a vencer a final individual. A única vitória portuguesa registou-se na prova de pares, em que Eduardo Osório e João Caetano venceram José Ferrer e Admirall, 4-6, 6-3, 6-3.

Basquetebol: sobem Luso e Conimbricense

O Luso e o Conimbricense são os grupos a promover na próxima temporada à I Divisão Nacional de basquetebol, como campeões zonais da divisão n.º 2 que terminou ontem. O Belenenses, ao bater a turma barreirense impôs-lhe a primeira derrota na fase final: os «azuis» triunfaram por 75-70. Quanto ao Conimbricense, concluiu a «poule» totalmente vitorioso, visto que ontem bateu o Illiabum, por 110-65. As turmas de Coimbra e do Barreiro defrontam-se no próximo sábado para encontrar a campeã nacional.

Nas competições para jovens, que principiaram, o FC Porto e a Académica de Coimbra (juniores), o Ginásio Figueirense, Vasco da Gama e Algés (juvenis) revelaram qualidades muito idênticas, devendo os títulos discutir-se com palpite incerto.

Europeu: classificação

Com o triunfo da Itália, frente à Espanha (105-96), ficou estabelecida a classificação final do Campeonato da Europa de Basquetebol, que decorreu em Nantes, e que foi a seguinte: 1.ª, Itália; 2.ª, Espanha; 3.ª, União Soviética; 4.ª, Holanda; 5.ª, França; 6.ª, Israel; 7.ª, Jugoslávia; 8.ª, Alemanha Federal; 9.ª, Polónia; 10.ª, Checoslováquia; 11.ª, Grécia; 12.ª, Suécia.

Na sua agenda

VOLEIBOL: A Associação de Voleibol do Porto vai organizar o «Dia do minivoleibol», a 10 do corrente, no Colégio Internato dos Carvalhos, comemorando o «Dia de Portugal e das Comunidades».

Placard

Bólios Fórmula Um

O piloto italiano Michele Alboreto alcançou a segunda vitória da sua carreira, ao vencer, ontem, nos EUA, o Grande Prémio de Detroit de Fórmula 1, ao volante de um «Tyrrell», à frente de Keke Rosberg (actual campeão mundial) John Watson e Nelson Piquet. Alain Prost, que se classificou em 8.º lugar, continua a liderar o Mundial de Condutores, com 28 pontos, seguido, com menos um, pelo brasileiro Nelson Piquet.

Voleibol: Nacional

O Esmoriz e o Leixões, «guias» dos «nacionais» de voleibol masculino e feminino, triunfaram nos jogos de ontem e deram mais um passo para consolidar as suas posições e conquistar os respectivos títulos. Ambas as formações têm um final de prova (faltam três jogadas) relativamente fácil, pelo que dificilmente deixarão o comando até conclusão das provas. Resultados masculinos: Esmoriz-F.C. Porto, 3-1; ISEF-Nac. Ginástica, 3-1; CDUL-Benfica, 2-3 e Leixões-Sp. Espinho; 3-2. Femininos: Sporting-Atlético, 0-3; CDUL-Benfica, 3-2; CDUP-Leixões, 0-3 e Guimarães-Sp. Espinho, 3-0.

Giro

O italiano Giuseppe Saronni, campeão mundial de fundo, ganhou a sua 2.ª volta à Itália em bicicleta, com a vantagem de 1 minuto e 7 segundos sobre o seu compatriota Roberto Visentini, vencedor da última etapa, um contra - relógio de 40 quilómetros. A média de Saronni foi de 38,911 quilómetros por hora, a

mais elevada da história do Giro.

A classificação final dos dez primeiros desta 66.ª Volta à Itália foi a seguinte: 1.º Giuseppe Saronni, Itália, 100.45,30 h; 2.º Roberto Visentini, Itália, a 1,07; 3.º Alberto Fernandez, Espanha, a 3,40; 4.º Mário Beccia, Itália, a 5,55; 5.º Dietrich Thurau, RFA, a 7,44; 6.º Marino Lejarreta, Espanha, a 7,47; 7.º Faustino Ruperez, Espanha, a 8,24; 8.º Eduardo Chozas, Espanha, a 9,41; 9.º Lucien Van Impe, Bélgica, a 10,54; 10.º Wladimiro Panizza, Itália, a 12,00.

Natação: recorde nacional

A nadadora Alexandra Silva (FC Porto), bateu o recorde nacional absoluto dos 800 metros livres femininos, durante as provas da fase regional do nacional de clubes na Piscina das Antas. Alexandra Silva percorreu a distância no tempo de oito minutos e 55 segundos, retirando um décimo de segundo ao anterior recorde, que já lhe pertencia.

Ateneu Comercial de Lisboa

O Ateneu Comercial de Lisboa promove, pelas 21 horas do próximo dia 8, no Pavilhão dos Desportos de Lisboa, o seu tradicional sarau de ginástica para encerramento das classes da época 82/83. Actuam alunos dos profs. Edite Rodrigues, António Rocha, Isabel Amaral e Sousa, Alexandra Ferreira, Manuela Bonifácio, Madalena Victorino e dos mestres Herculano Pimentel, Álvaro Santos, Pedro Ferreira e Maria Rodrigues Gomes.

Lopes: ainda e sempre

Carlos Lopes correu os 10 000 metros em 27.35,8 terceira melhor marca do ano, no Torneio Internacional de Atletismo de Lisboa, na pista de Alvalade. A prova era a de maior expectativa do torneio, pois Lopes e Fernando Mamede candidatavam-se ao recorde mundial da distância, na posse do queniano Henry Rono, desde 1978 (com 27.22,5). Cedo se desmoronaram as ilusões de recordes, mas Carlos Lopes acabou por concluir a prova em excelente tempo. Fernando Mamede desistiu, pouco depois dos 3000 metros, depois de já ter falhado, por 45 centésimos, o máximo mundial.

Na 2.ª posição classificou-se o britânico David Clark. O espanhol António Prieto abandonou a prova. A marca de Carlos Lopes, foi a 2.ª melhor da sua carreira, nos 10 000 metros.

Teresinha Vaz (Sporting) bateu o recorde português do lançamento do dardo, com 46,50 metros. O anterior máximo feminino do dardo pertencia a Fátima Pinto.

Marcha atlética

Francisco Reis (Santa Iria) venceu a prova de marcha para todos, que concentrou, em Vila



Teresinha Vaz: o dardo mais longe

Franca de Xira, 150 atletas. A competição, na distância de 5000 metros, e organizada pela câmara municipal local, com apoio da Associação de Atletismo de Lisboa, foi ganha pelo atleta de Santa Iria, com o tempo de 23 minutos e 28 segundos. Nas posições seguintes, classificaram-se, respectivamente,



Mamede desistia daí a instantes

Jorge Esteves (Belenenses), 24,04; Paulo Alves (Santa Iria), 24,49; Paulo Santos (Sporting de Alenquer), 25,31; e José Matos (Santa Iria), 25,50.

Em Miranda do Douro

Portugueses e espanhóis debatem preservação do património cultural

PORTO, 6—Especialistas portugueses e espanhóis, ligados à cultura, reuniram-se, em Miranda do Douro, para encontrar soluções tendentes à preservação do património cultural da região. Os temas tratados neste I Congresso sobre Património Cultural, estiveram a cargo da arquitecta Branca Neves e Júlio Meirinhos, que abordaram, respectivamente, «O centro histórico de Miranda do Douro» e «Uma certa literatura oral».

«La legenda de los Infernos en el Duero» foi uma comunicação da responsabilidade de Herminio Ramos Perez e o «Trajo mirandês» foi o tema apresentado por António Mourinho, que encerrou

os trabalhos do primeiro dia do congresso.

O etnólogo António Mourinho, em declarações à ANOP, e referindo-se à importância da iniciativa que se realiza, pela primeira vez, nesta cidade fronteiriça, afirmou que o encontro, que termina sexta-feira, versará problemas no âmbito da paisagem natural, arquitectura popular, arte sacra, problemas ecológicos, museus, cerâmica popular, tradições e costumes da região.

Por outro lado, o presidente da Câmara Municipal de Miranda do Douro, Júlio Meirinhos, um dos intervenientes dos trabalhos, disse que a iniciativa resulta da tomada de consciência dos responsáveis perante a «cres-

cente e avassaladora onda de vandalismo perpetrado, nas últimas décadas, contra o património cultural e natural da região».

Nesse sentido, acrescentou ainda o autarca mirandês, que é preciso preservar o património cultural nos seus mais diversos aspectos — histórico, artístico e etnográfico, urbanístico e paisagístico.

Organizam e promovem esta iniciativa responsáveis pelo Projecto Cultural Integrado de Miranda do Douro, Comissão Coordenadora Distrital de Bragança, para além da Câmara Municipal de Miranda do Douro e Museu Abade de Baçal.

A alcadesa do Ajuntamento de Aranda do Douro (cidade gemi-

nada com Miranda do Douro), director da Associação Amigos del Duero, director do Museu Provincial de Belas-Artes, em Zamora, maestro mayor-adjunto, d Grémio de Artes Várias de Salamanca e director do Museu de Zamora, são algumas das personalidades ligadas à cultura do país vizinho que estão presentes, ou representadas, na iniciativa.

Artesanato, museus regionais e a defesa do património cultural local, «Vida urbana — que processo de urbanização», a pintura e a talha nos séculos XVII e XVIII do Nordeste Transmontano, nos concelhos de Vimioso, Mogadouro e Miranda do Porto, são temas a tratar ainda hoje.



António Assunção e Maria Henriqueta em «A excepção e a regra»

Grupo de Campolide faz oito dias no «Nacional»

O Grupo de Campolide inicia na terça-feira, às 21 e 30, na sala experimental do Teatro Nacional, em Lisboa, uma curta série de espectáculos com a peça «A excepção e a regra», de Bertolt Brecht.

A iniciativa inscreve-se no âmbito da colaboração entre o Teatro Nacional e as companhias de teatro da descentralização. O grupo de Campolide atribui um significado especial a esta actuação em Lisboa, por o espectáculo que apresentará ter recebido da crítica e do público as melhores referências.

A peça de Brecht representa o regresso do Grupo de Campolide a Lisboa, depois de um conjunto de espectáculos em 1981, com um trabalho de José Saramago, «Que farei com este livro?».

A encenação de «A excepção e a regra» foi o resultado da deslocação a Portugal de dois destacados homens de teatro da RDA, Peter Schroth e Peter Kleinert, especialistas de Brecht e encenadores do Theater im Palast de Berlim.

A interpretação é assegurada por Canto e Castro. Este seu trabalho mereceu-lhe em 1981 o prémio da crítica para a melhor interpretação. Outros dos protagonistas é António Assunção que no mesmo ano foi nomeado para o «Sete de Ouro».

A série de espectáculos em Lisboa terá uma sessão diária às 21 e 30, excepção feita ao dia 12, em que se realizará um único espectáculo às 16 horas. Os dias 10 e 11 terão duas sessões, às 16 e às 21 e 30. A oportunidade de ver o espectáculo em Lisboa termina no dia 15.

Em França

Os emigrantes portugueses promoveram homenagem ao escritor Jorge Reis

No domingo, o grande salão da Mairie de Montreuil encheu-se de emigrantes portugueses e os trabalhadores portugueses da região parisiense acompanharam, pela emissão do Rádio Clube Português de Vilejouif, a homenagem ao escritor Jorge Reis que foi, aos microfones da RTF, a voz portuguesa que informava e esclarecia, que falava da Pátria e da Cultura Portuguesa.

A homenagem amistosa teve como motivo imediato o facto de Jorge Reis se ter reformado e cessado, portanto, as suas funções na O.R.T.F.. Iniciativa de trabalhadores portugueses que a Jorge Reis quiseram manifestar apreço e gratidão, a sessão

da Mairie de Montreuil, foi patrocinada pela Associação França-Portugal e o primeiro orador, foi, justamente, o seu presidente, o sr. Jean Lévy.

Durante toda a tarde sucederam-se as saudações a Jorge Reis, a leitura de correspondência de pessoas solidárias com a homenagem, exibiram-se ranchos e artistas, e foi projectado um conjunto de «slides» evocativo da vida e actividades do homenageado. Informações recebidas de Paris explicam a ausência do Embaixador Siqueira Freire pela circunstância de estar prevista a condecoração de Jorge Reis no dia 10 de Junho, cerimónia que terá lugar na Embaixada de Portugal.

crítica de cinema

“Morte ao Sol” de Guy Hamilton

As adaptações recentes de romances de Agatha Christie têm-se caracterizado por um tom retro onde um certo «charme», o cabotismo dos actores e bastante atenção cenográfica e de guarda-roupa conseguiam prender o espectador à actuação das celulazinhas cinzentas de Hércule Poirot.

Morte ao Sol continua essa senda. Mas, após uma primeira meia hora assaz divertida, onde o espectáculo parece assumir a frivolidade, desenvolvendo «números» de actores e exibindo uma galeria de vestidos de ficar estupefacto, o filme começa a perder gás, a voltar ao redil de contar apenas uma história, de cumprir o argumento programado. E a história não é muito brilhante.

Dir-se-ia que até ao crime tudo vai bem, depois o filme fenece. Os interrogatórios dos suspeitos, a solução final, quer dizer, tudo o que é especificamente policial nesta ficção tem um tom arrastado que contrasta com a desenvoltura inicial. Só uma ou outra cena com Maggie Smith vai, no segundo tempo, mantendo a chama.

Peter Ustinov é Poirot, um Poirot supercabotino mas com algum humor, talvez ainda mais vincado que em **Morte no Nilo** e certamente menos interessante que a criação de Finnet em **Um**



Peter Ustinov e Maggie Smith em «Morte ao Sol»: os actores são o trunfo do filme

crime no Expresso do Oriente. Mas o cabotismo de Ustinov (que já vem — lembrem-se de Nero em **Quo Vadis?** — de muito longe) é quase familiar e aceita-se. Melhor se aceita ainda Maggie Smith e Diana Rigg para piorar com Jane Birkin e Nicholas Clay (os assassinos menos fascinantes do mundo e, lá dizia Hitchcock, quanto melhor é o vilão melhor o filme, o que para **Morte ao Sol** só desabona). James Mason tem uma cena para mostrar o que vale e não mostra tudo.

Um filme que se deixa ver sem enfado já merece alguma aten-

ção? Já. Os tempos vão maus para espectadores muito exigentes.

FICHA:

Título original: Evil under the sun.

Realização: Guy Hamilton (G.B. — 1981)

Argumento: Anthony Shaffer, segundo novela de Agatha Christie.

Fotografia: Chris Challis.

Cenários: Elliot Scott (production designer), Alan Cassie (art director).

Guarda-roupa: Anthony Powell.

Música: Cole Porter.

Montagem: Richard Marden.

Interpretação: Peter Ustinov (Hércule Poirot), Maggie Smith (Daphne Castle), Jane Birkin (Christine Redfern), Diana Rigg (Arlene Marshall), Colin Blakely (sir Horace Blatt), Nicholas Clay (Patrick Redfern), James Mason (Odell Gardner), etc.

Distribuição em Portugal: Exclusivos Triunfo.

Cinemas: Alfa 1 e Tivoli.

Classificação: Não aconselhável a menores de 13 anos.

crítica de teatro

“O Fim” pode ser o princípio

«O FIM», de António Patrício. Versão cénica e encenação: José Gil. Cenografia: Grupo de Teatro do B.B.I. Interpretação: Marina Cecília, Luísa Oliveira, Fernanda Lobão Dias, Isabel Pereira, Manuel Sá, António Nogueira, Alfredo Fernandes, Jorge Paiva, Conceição Galamba e Assunção Lopes. Grupo de Teatro do Centro de Cultura e Desporto dos Empregados do Banco Borges & Irmão. Maio 83.

Ouvia o intérprete da personagem do ministro criada por António Patrício e não podia acreditar: parecia-me estar a ouvir o secretário-geral do Partido Socialista. «Há oito dias já, não existimos... desde que os representantes dos nossos credores, reunidos em conferência internacional, o decidiram. Pois bem: o

conselho de ministros reuniu hoje... (...) calculou-se a hora a que chegarão, pr'a tomar posse de nós, as esquadras estrangeiras... (...) Vão dar-nos mesmo um parlamento... Só não existimos... (...) Quanto ao meu esforço... Da primeira vez que fui ministro, puseram-me fora; de segunda, pensaram que não valia a pena...» Claro, não é possível identificar o poema dramático de António Patrício com a situação actual: trata-se de mera coincidência.

«O Fim», que Jorge Listopad estreou há anos num belo espectáculo da Casa da Comédia, é peça difícil e talvez por isso pouco representada. Através de a isso este novo grupo de amadores, sob a direcção de José Gil.

Numa velha casa da Calçada de São Francisco, um dos possíveis 18 espectadores (éramos 13

mas não houve azar), aguardo na escada que o espectáculo comece. Batem à porta e é aí mesmo, na velha escada de um prédio degradado como o Paço Velho, que o espectáculo principia. Somos depois levados para uma pequena sala onde decorrem os primeiros diálogos e finalmente para a sala principal (também ela, aliás bastante reduzida), trabalhada cenograficamente com panejamentos e espelhos, como a Rainha queria, e na qual é percorrido o espantoso itinerário para a loucura que a peça febrilmente traça.

José Gil procurou transpor as dificuldades de interpretação do texto, desdobrando as principais personagens: A Rainha e o Desconhecido. O recurso não resulta inteiramente porque os intérpretes dificilmente puderam aguentar um texto tão densamento

poético como este. E na interpretação da Rainha, e em especial por parte de uma das intérpretes, que o espectáculo encontra o tom justo e convincente. Trata-se, salvo erro, de Fernanda Lobão Dias, que me parece poder vir a ser uma actriz muito a sério.

Embora este poema simbolista, de um tom demencial sem paralelo na nossa literatura dramática, não seja o mais indicado para um grupo de amadores, não há dúvida que os bancários têm em cena um espectáculo que não devem perder.

Já agora não quero deixar de chamar a atenção para a necessidade de a cena final, uma das mais notáveis cenas do teatro português como já escrevi e repito, precisar de um outro tempo para exprimir toda a sua fulgência, o espanto de outro mundo que a define.

CARLOS PORTO

VIAGENS ESPECIAIS PARA JOVENS

Não perca tempo a comparar: quando se decidir, já estas estarão esgotadas!

RDA — Partida a 24/7 (8 dias)

Berlim, Dresden, encontros, visitas

Preço previsto 34 000\$00

Bulgária — Partida provável: 25/7 (11 dias)

Mar Negro, Sófia, Plovdiv, programa cultural e desportivo, encontro juvenil internacional (e ainda duas estadias de meio dia em Madrid, com visita da cidade)

Preço previsto 38 000\$00

VIAGEM DE AVIÃO * PENSÃO COMPLETA * EXCURSÕES LOCAIS
ENTRADAS * VISITAS * GUIA

AGITURISMO

Rua da Glória, 43
(aos Restauradores)
1200 Lisboa
Tel. 37 31 10/1
Alv. 414/83 — Oper. Tur.

O Vagabundo dos Limbos

Ribera (desenho)

Godard (texto) **26**



continua

Árvores comunicam entre si

Investigadores americanos descobriram indícios que levam a pensar que as árvores comunicam entre si, revelou a Fundação Nacional das Ciências (National Science Foundation, NSF).

Num comunicado divulgado hoje a NSF indica que segundo os professores Gordon Orians e Davis Rhades, ambos da Universidade do Estado de Washington, as árvores atacadas por insectos enviam «mensagens» de alarme àquelas que ainda não foram atingidas, para as prevenir.

Estas «mensagens» nota a NSF, consistem em emissões de feromonas, substâncias emitidas pelos animais em geral e que agem nos indivíduos da mesma espécie.

Rinoceronte branco em vias de extinção

O rinoceronte branco, componente da fauna moçambicana, está em vias de extinção, revela um documento do Departamento de Floresta e Fauna Bravia do Ministério da Agricultura, citado pelo semanário «Domingo».

Dos cerca de 40 rinocerontes brancos que se julgava existirem em Outubro de 1982, apenas meia dúzia subsiste na reserva de caça de Maputo, no distrito de Matutuine.

O documento que dá conta desta situação, refere que este facto é desagradável, pois a nível mundial existem importantes acordos para salvar a espécie, sendo Moçambique um dos países que os subscreveu.

Investigações levadas a efeito pelo Departamento de Floresta e Fauna Bravia levaram a concluir que pelo menos dois animais aparecem mortos todos os meses, sendo de destacar o facto de as presas dos rinocerontes brancos lhes seres retiradas.

Festival de humor de Gabrovo dá prémios

«Os deuses Caíram de Cabeça», do cineasta botswaniano Jammy Use, venceu em Gabrovo, na Bulgária, o prémio Charlie Chaplin do Festival dos Filmes Cômicos e Satíricos.

Dois primeiros prémios foram concedidos aos filmes «Melodias de Escola», de Ferentz Varsani (Hungria) e «Orquestra Sem Nome» de Ludmil Kirkov (Bulgária).

Perto de 3 000 autores — cineastas, desenhadores, fotógrafos e pintores — provenientes de 48 países, apresentaram cerca de 6 600 obras nesta bienal de humor e sátira.

O belga Luc Daskemaeker recebeu o primeiro prémio do Desenho Humorístico, enquanto o alemão oriental Henri Berg foi galardoado com o prémio da caricatura.

«Virgem negra» em edição numismática

O rosto da Virgem Negra de Czeszochowa figurará na obliteração da correspondência expedida do Vaticano durante a viagem que o Papa João Paulo II efectuará à Polónia, de 16 a 23 deste mês, anunciou ontem a Santa Sé.

Durante a visita ao seu país natal, o Sumo Pontífice deslocar-se-á a Czeszochowa, 250 km a sul de Varsóvia, para celebrar o 600.º aniversário da imagem «milagrosa» da cidade.

Evite o encandeamento.
Vale pela sua segurança e pela dos outros.

circular e viver.

POUPANÇA VERÃO

83

ESTEIRAS DE PRAIA GRÁTIS
em compras SUPERIORES A 1.000 esc.

em todas as lojas dos

GB

armoazéns CONDE BARÃO

devores p/decoração lg.2.80 **298.**

renda p/decoração lg.2.80 **175.**

lençóis-saco casal/solteiro **295.**

voalme p/decoração fant lg.2.80 **158.**

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

"Desenterrar o avô"

A locutora anuncia para o serão uma série francesa, não me lembro em quantos episódios (poucos, creio) que nos conta a história da filha não sei de quem que se apaixonara por um assassino.

Gosto destas coisas à brava. Eu cá fico muito agradecido (muito grato, melhor dizendo) à RTP por nos avisar do conteúdo da história. Assim a gente não perde. Foi como naquele episódio da «Balada (parece que de abalada) de Hill Street» transmitido na sexta-feira. A RTP aguçou-nos várias vezes o apetite com o filme de propaganda: tratava-se de um problema que girava à volta de uma rapariga violada e esfaqueada. Assunto tão extraordinário, não acham? Quem ia perder uma coisa destas?

Assim como me deleitei com o massacre de Travanca minuciosamente descrito em **Telejornal**. No dia seguinte, como pude verificar, só se falava disso. Garantido: a RTP descobriu a sua vocação. Caixa-viajante da morte e da angústia fica-lhe a matar. E depois, enquanto se fala disso não se fala em cousas tão «insignificantes» como sejam os termos do acordo PPD/PS, as dificuldades e as injustiças que se aproximam, etc., etc.

Aliás, Mário Soares não faz nenhum segredo da situação. Foi comovente — viram, no sábado? — a sua evocação-invocação de Sá Carneiro, homem que, sabê-

mo-lo agora, tudo fez por «esta nova aliança». Só nos faltava mais esta, vermos o dr. Mário Soares a apresentar-se, a ele, como legítimo herdeiro e continuador de Sá Carneiro.

E por que sucede isso, meus senhores e minhas senhoras, porquê? O dr. Mário Soares também explica: «O PS e o PSD são dois partidos interclassistas. Há neles toda a espécie de gente...»

Ainda bem que é ele quem o diz. Se fosse Miguel Urbano Rodrigues, processavam-no com certeza. E era mais um processo para o currículo...

Mas não houve só domingo, com o drama da Sylvie apaixonada por um assassino, com a **Fame** e seus problemas de plástico, como o seu **Telejornal** à procura de uma nova maneira de estar na televisão (uma informação mais dietética), com o seu «Girabola» igualmente semeado de dramas.

Voltemos um pouco ao sábado. No «Aqui e Agora» o debate sobre os horários do comércio.

Antes de mais, destaquemos as presenças fortíssimas e vitórias (nos domínios da expressão, do conhecimento das situações e dos problemas essenciais) de Manuel Guerreiro, da Federação do Comércio, e de Jorge Araújo, da Liga dos Pequenos e Médios Comerciantes. O primeiro situou o problema na área de uma política global de

que não pode separar-se, com a citação de casos concretos, irrefutáveis; o segundo, num depoimento de grande valor humano, em que mostrou a evolução dos horários do comércio, entendida como uma grande conquista dos trabalhadores. «Para cumprir os horários agora propostos, teríamos que desenterrar o meu avô...»

Chama-se a isto inteligência da comunicação, a sabedoria de encontrar as frases que falam melhor, que explicam melhor que todos os discursos. Jurarei que nem o empregado mais submetido à alienação terá deixado de entender o que verdadeiramente está em jogo.

Aliás, quer um quer outro tudo fizeram para trazer o secretário Teixeira Pinto ao âmago do problema: os horários propostos favorecem as grandes empresas com capitais estrangeiros, e só elas. Em vão. O secretário serviu-se de todos os atalhos para evitar o desagradável encontro. Parecia um coelho acoitado pelos furões.

Quanto ao sr. Manuel Amorim, da Federação do Comércio Retalhista, ficou bem clara a ligação profunda com o poder instituído. Bastou ver o seu contentamento pela constituição do novo Governo, pela coligação PS-PSD. Não conseguiu, de forma nenhuma, convencer-nos de que defendera realmente os interesses dos pequenos retalhistas. Além de que

aquilo que já se conhece do acordo da «nova aliança» é de molde a desencorajar as mais piedosas intenções...

Voltemos, porém, ao **Telejornal** domingueiro.

Certamente, se tem procurado uma informação mais calma, a condizer com o espírito do Dia do Senhor. Talvez, por vezes, se exagere num certo tipo de superficialidade. Foi o caso da entrevista com comandante do navio onde se «proletariza» o príncipe André, da Inglaterra, piloto de avião contra submarinos. Senhores, senhores, que temos nós com essas fofocas?

Mais grave foi a história daquela tartaruga, perto de Santiago do Chile, «presa» numa esquadra de Polícia, onde os agentes, etc. etc. Formiguices destas, exaltadas poética e pitorescamente, trazidas desse inferno que é o Chile, são, pelo menos, de mau gosto. De excessivo mau gosto. Pode-se jogar a bisca — mas é pouco recomendável fazê-lo à beira de um moribundo.

Lá se vai mais um domingo. Nem a presença de Sócrates deu nada. Prudentíssimo, ele não sabe nada, absolutamente nada. O que em homem de tamanha sabedoria é cousa de muito espantar.

A fim de evitar confusões, esclareço, em tempo, que este Sócrates é o brasileiro e não o grego, o da cicuta. Aliás, pela entrevista, percebia-se.

Hoje



Uma cena da peça de Jean Giraudoux, intitulada «A Louca de Cahillot», que é, esta noite, representada, na RTP-1 (1.ª parte)

Das 13.30 às 17.30 Ciclo Preparatório TV

18.17 Tempo dos Mais Novos

18.55 Tempo de Desporto — ténis I.

19.30 Telejornal

20.30 Telenovela — «Origens».

21.00 E Sempre Bom Saber

21.10 Teatro — «A Louca de Chaillot» (1.ª parte). Intérpretes: Helena Félix, Ana Paula, Suzana Prado, Fernanda Montemor, Amílcar Botica, Baptista Fernandes, Joaquim Rosa e Manuel Luís Gonet. Realização: Cecília Neto.

22.35 Música de Câmara

23.10 Último Jornal



Na RTP-2 exhibe-se mais um episódio de «Cabocla»

17.27 TV/2 Notícias

17.40 «Aconteceu na 5.ª Avenida» — intérpretes: Don de Fore, Ann Harding, Charles Ruggles, Victor Moore e Gale Storm. Realização: Roy Del Ruth.

19.30 Desenhos Animados

19.50 Computadores

20.30 2.ª Volta

22.00 Jornal da noite

22.20 Telenovela — «Cabocla».

Amanhã



08.00: Bom Dia Portugal; 09.50: Desenhos Animados; 10.10: Nós e a Lei; 10.35: «O Mundo dos Romanos»; 11.25: «O Mordomo Ideal»; 12.05: «Baila Comigo»; 13.00: Jornal da Tarde; das 13.30 às 17.30: Ciclo Preparatório TV; 18.17: Tempo dos Mais Novos; 18.45: Indústria, Hoje e Amanhã; 19.10: Vamos Jogar no Totobola; 19.30: Telejornal; 20.30: «Origens»; 21.05: «A Louca de Cahillot» — 2.ª parte; 22.35: Grande Reportagem; 23.35: Último Jornal.

09.30: Teletexto; 10.17: TV/2 Notícias; 18.30: «A Vivenda dos Ventos»; 19.30: Desenhos Animados; 20.20: 5.ª Dimensão; 20.45: Cine-Clube/2 com o filme «A Hipótese do Quadro Roubado»; 22.00: Jornal da Noite; 22.20: «Cabocla».

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...



«A Louca de Chaillot» (21.10)



«Aconteceu na 5.ª Avenida» (17.45)

...e sugere para hoje...



Júlia pede a Sara que lhe perdoe os termos em que se lhe dirigiu.

Francisco pede a Duarte que o auxilie a resolver o problema.

Xavier conversando com Paula, convence-a a tentar retirar o selo da Catacumba.

Luís telefona a Teresa e convida Filipa a passar uns dias em sua casa. Depois, durante o almoço, convida Dourado e Gabriela a irem com ele ao hotel, estudarem o projecto de remodelação, pedido por Sara.

Filipa dá uma série de entrevistas na Rádio, como campanha de lançamento da sua gravação.

Julietta conta à empregada que a irmã está muito zangada com ela pois mentiu acerca do telefone que está cortado por falta de pagamento. Nesta altura aquele toca.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

10.º ANIVERSÁRIO 1973 - 1983

GIBEL

CABELEIREIRO DE SENHORAS



Para si criámos o sistema GIBEL que nos permite ser mais rápidos e mais económicos além disso abolimos a gratificação. das 8 h às 20 h

Cç. do Sacramento, 38 — LISBOA



ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-RDA

Pç. José Fontana, 17-4.º 1000 Lisboa
Telefone: 539821/2 das 15 h. às 19 h.

CURSO INTENSIVO DE LÍNGUA ALEMÃ

de 27 de Junho a 15 de Julho

Horário: 2.ª a 6.ª-feira das 18.30 h. às 20 h.
Inscrições de 14 a 23 de Junho na sede da Associação, das 15 h. às 19 h.

INFORMA-TE! INSCREVE-TE!

Visite a

53.ª FEIRA DO LIVRO

PARQUE EDUARDO VII

Aberta até 12 de Junho



POUPE COMBUSTÍVEL

Partilhe o seu automóvel com outras pessoas que façam habitualmente o mesmo percurso.



DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

COMARCA DE LISBOA
8.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

«DL» — 6/6/83 — 1.ª Publicação

Para citação de credores desconhecidos

Pelo Juízo de Direito desta comarca, 3.ª secção, correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada Movinorma, Lda., com sede na Rua do Mar, n.º 13, em Lisboa para no prazo de dez dias, posterior aquele dos editos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Proquicheme — Produtos Químicos Industriais, Lda., desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Lisboa, 25 de Maio de 1983

O Juiz de Direito,
(Américo Joaquim Marcelino)
O Escrivão-Adjunto,
(Luís Filipe Garcia Alves Lico)

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

13.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

«DL» — 6/6/83 — 1.ª Publicação

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilatação de vinte dias, que se começará a contar da última publicação do anúncio.

Execução sumária n.º 7833 2.ª secção.

Exequentes — Certified — Produtos de Manutenção Industrial, Lda..
Executado — António Pinheiro Dimas, residente em Aveiras de cima do concelho de Gzambuja-Cartaxo.

Lisboa, 26.4.1983

O Juiz de Direito,
a) Jaime Manuel Belém Santana Grapo
O Escrivão de Direito,
a) Maria Margarida de Oliveira Costa Esteves

roteiro cultural

Música

O sexto concerto da XVII Exposição Europeia realiza-se hoje, às 21.30, na Igreja de S. Roque, com a apresentação do grupo Hesperion XX, que interpretará um programa constituído por música da Renascença, em Nápoles. O grupo de instrumentos antigos, e composto por Montserrat Figueras, Jordi Savall, Sergi Casademunt, Paolo Pandolfo, Bruce Dickey, Charles Toet, Lorenzo Albert, Robert Clancy e António Barbera.

Os Encontros Gulbenkian de Música Contemporânea prosseguem, amanhã e depois, às 18.30, no Grande Auditório, com a apresentação do Arditi String Quartet, em dois concertos: no primeiro, o programa é constituído por obras de Berio, Scelsi e Luigi Nono; e no segundo por peças de Ferneyhough, Emanuel Nunes e Xenakis.

Conferências

Na Sala José Leite de Vasconcelos, da Sociedade de Língua Portuguesa, Rua de S. José, 41-2.º (perto do cruzamento com a Rua das Pretas), o poeta e professor E. M. de Melo e Castro, fará, na 3.ª-feira, dia 7, às 18.30, uma conferência-colóquio com projeções, sobre «Pontuação criativa na escrita».

Bailado

Reuven Terpsicore, Grupo Universitário de Dança, dirigido por Ruben Marks, estreia, amanhã, às 21 horas, na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, o seu

espectáculo «Fases de uma outra linguagem».

Cinema

Na Cinemateca Portuguesa (Rua Barata Salgueiro, 39), é hoje exibido, às 21.30, o filme «Queen Kelly» (1928), de Eric von Stroheim. Amanhã, à

mesma hora, projecta-se «I Dream Too Much» (1935), de John Cromwell.

Exposições

Na Cooperativa Árvore, do Porto, são inauguradas hoje,



Um dos trabalhos de Eyer Marcel em exposição na Galeria Metrópole

ao fim da tarde, mais duas exposições. Na Sala 2, estará patente a exposição de pintura «Divagações» de Nereide, autodidacta que decidiu começar a pintar depois de ver os Matisse de Saint Paul e Vence; na Sala 3, será inaugurada uma exposição de fotografia de José Rodrigues, residente em Amsterdão.

Uma exposição de pintura do artista suíço Eyer Marcel é hoje inaugurada, em Lisboa, na Galeria Metrópole (Rua Barata Salgueiro, 41-3.º, dt.º, onde ficará patente ao público até 17 de Junho, de 2.ª a 6.ª-feira, entre as 12 e as 19 horas e 30. Os trabalhos, cerca de 30 telas e 20 desenhos, foram realizados durante os seis últimos meses que o artista passou em Portugal. O mundo dos seus quadros não é um mundo belo. Eyer Marcel só pinta pessoas, todas enas nuas. Não somos seduzidos por estes quadros: temos de os enfrentar ou, então, esquecê-los, se pudermos.

Uma exposição de fotografias de Wolfgang Volz, sobre as obras de Christo «Running Fence», «Valley Curtain» e «Wrapped Walk Ways» é, hoje, inaugurada, no Instituto Alemão de Lisboa, onde ficará patente, até 24 de Junho. A exposição inclui, ainda, um apontamento sobre um projecto de interesse poli-

tico, a embalagem do Reichstag de Berlim, e sobre a última obra de Christo, a cercadura de onze ilhas, em frente de Miami/Florida, feita com 640 000 metros quadrados de sintético cor-de-rosa.

A exposição «A mesa» com João Cutileiro, Maria Felizol e Pedro Fazenda, está patente ao público, até 15 de Junho, na Galeria Diagonal, do Hotel Cidadela, em Cascais, de 2.ª a 6.ª, das 16 às 20 horas, e, aos sábados e domingos, das 14 às 20. A mostra é uma demonstração de virtuosismo na arte de trabalhar as pedras ornamentais.

Tapeçaria de Arraiolos e Beiriz está exposta nas Arcadas do Parque, Estoril, numa iniciativa da Junta de Turismo.

Na Escola Superior de Belas-Artes, de Lisboa, estão patentes, ao público, duas exposições: «Brinquedos», obras apresentadas ao concurso de «design», de jogos e brinquedos (dias úteis, das 10 às 18 horas), e «Homeostática», obras dos estudantes da ESBAL, Ivo, Manuel Vieira, Pedro Portugal, Pedro Proença e Xana (dias úteis, das 10 às 20 horas).

Na Altamira (Av. 5 de Outubro, 35), António Botelho, Emília Nadal, Manuel Baptista e Francisco Ariztia, expõem pintura (de 2.ª a 6.ª, das 10 às 19 horas). A mostra está patente, ao público, até 11 de Junho.

COOPERATIVA DE PRODUÇÃO E CONSUMO DE ALCÂNTARA (2.ª COMUNA)

Sede própria: Rua da Cascalheira, 9 e 11 // Telefone 63 64 80.// LISBOA

CONVOCAÇÃO

Ao Abrigo do Art.º 20.º - alínea do Estatuto, convoco a reunir a Assembleia Geral EXTRAORDINARIA no dia 17 de JUNHO de 1983, na sede, pelas 21.00 horas, com a seguinte:

ORDEN DOS TRABALHOS

APROVAÇÃO DAS ALTERAÇÕES AOS ESTATUTOS DA COOPERATIVA.

N. B. — No caso de não haver número suficiente, à hora marcada, reunirá a mesma, uma hora depois, em 2.ª convocação, com qualquer número.

O 1.º SECRETÁRIO DA MESA,

rádio

Antena Um

16.00: Batida de limão; 17.00: ZGHIBZ; 18.30: Informativo de trânsito; 19.00: Informação e música; 20.00: «As Minas de Salomão», romance de Rider Haggard; 20.15: O espejo é seu; 21.00: Toda a gente é pessoa; 21.30: Viva a noite; 23.30: Último jornal, Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00, 22.00 e 23.00 horas.

Programa 2

15.55: Música de câmara; 17.00: Musicantes; 17.30: «Missa», para coro misto, à cappella (1963), de Hindemith; 18.05: Culturando; 19.30: Terra viva planeta azul; 20.10: Sinfonia n.º 6, em si menor, op. 74, «Patética», de Tchaikovsky; 21.00: O canto e os seus intérpretes; 22.00: Todo isto é música também; 23.00: Intercâmbio musical; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matiné; 17.00: Conta corrente; 20.30: Quando o telefone toca (3 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos - hora luterana; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora; 01.00: O passageiro da noite; 02.00: Uma noite com Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 18.00: Circulo em FM-19.00: Em órbita; 20.00: Cinco estrelas; 21.00: Abandajazz; 22.00: Café concerto; 00.00: Dois pontos; 02.00: Uma noite com... Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Rede Nacional de OM e FM

15.00: Equipa da tarde; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Programa da LAR; 20.00: Horizonte; 21.00: Hora de música; 22.00: Ouvir e pensar; 23.00: Última hora; 23.55: Meditando. Notícias intercalares a todas as horas.

Rede Sul de FM

14.00: Duas vezes seis; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Paju.

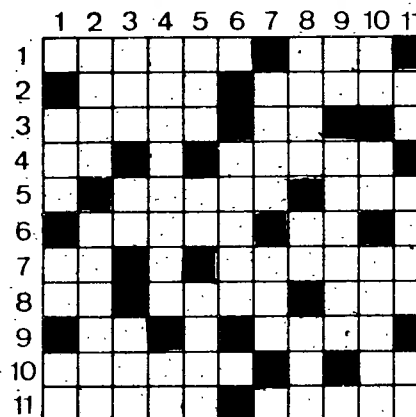
Tiragem média diária do mês anterior: 42 150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13755

HORIZONTAIS:

- Aquele que trabalha em louça de barro. Pronome relativo.
- Elevação da voz ou do tom. Tocas.
- Amuletos. Satélite de Júpiter.
- Carta de jogar. Patrona da ilha de Malta.
- Outeiro. Arteria.
- Saltar. Em a.
- Interjeição que exprime admiração. (Bras): Arreda!
- Manganês (s.q.) Serra de Portugal. Tanto.
- Idem. Zunam.
- Acudo. Post scriptum.
- Alcorão. Irmão de Moisés.



Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

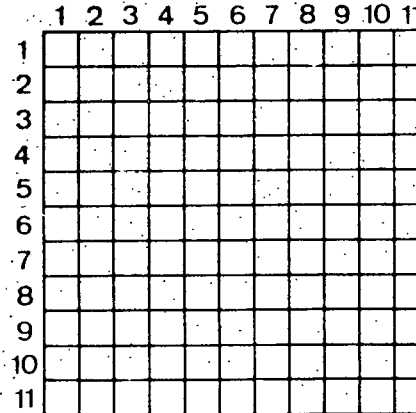
VERTICAIS:

- Executa. Artigo indefinido. Antes de Cristo.
- O mesmo que penol. Vaso de noite.
- Unidade de trabalho. Cobre (s.q.) Mágua.
- Diz-se dos monstros duplos em que cada indivíduo está completamente envolvido e possui todos os órgãos necessários à vida. Rádio (s.q.).
- Rente. Batráquio. Curo.
- Cidade de França.
- Sem tardança. Executa. Artigo definido.
- Espécie de inambu. Em a. Ovário dos peixes.
- Pátria de Abraão. Velhaco (pop.).
- Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Ouro (s.q.). Prensa de penteiro.
- Sua Majestade. Homem de baixa estatura. Solitário.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9606

HORIZONTAIS:

- República da América Central.
- Travaremos luta com.
- Cinquenta e um em romano. Do-brada.
- Palavra hebraica que significa louvai o Senhor.
- Perceberem.
- Magnete natural. Experimentado.
- Sacerdócio (fig) Vê Frânco (s.q.).
- Palmeira da Amazônia. Percebo.
- Nota musical. Clima. Brota.
- Cantigas. Duas vezes.
- Sadios. Quadro de Puvís de Chavannes (também chamado Con-córdia) no Museu de Picardia em Ambiano, França.



VERTICAIS:

- Antiga região da Ásia Menor. Puhado.
- Prestável. Mil e cinquenta e dois em romano.
- Brisa. Fruto da ateira. Arsénio (s.q.).
- Cidade e porto das Filipinas. Ave trepadora.
- Era Cristã. Agiota.
- Apelido. Campeão.
- Cercanias.
- Moral. Cidade dos Países Baixos.
- Defesa. Rainha da Arábia também conhecida por Belkiss.
- Preposição e artigo (inv). Cidade dos Estados Unidos da América capital do Arizona.
- Tomanas sobre ti.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13754

HORIZONTAIS:

- SOLTEIRO. Já.
- Ecoa. Re Céu.
- Ratonas.
- Rio. Odiasse.
- Aa. Planha.
- MIV.
- Perro. Violo.
- Am. Lar.
- VA. Ama.
- Aliaras. Oca.
- Oó. São. Amas.

VERTICAIS:

- Serra. PAVÃO.
- Ocaia. Emalo.
- Rasana. Rás.
- Tão. Piratas.
- NOIVO. Ra.
- Irada. LEÃO.
- Resinava.
- Ahl. Ira.
- CASADO. Rom.
- Ae. Lança.
- JUMENTO. Aas.

Provérbio: Solteiro, pavão; noivo, leão; casado, jumento.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9605

HORIZONTAIS:

- Finlândia.
- Jo. Oirais.
- Rasana. Rás.
- IV. Casa.
- Ola. Sarau.
- Sita. Es. Ba.
- Aló. Dã. Taaf.
- Pascia.
- Sopas. Agá.
- Ateu. Doa.
- Sessão. Remo.

VERTICAIS:

- Formosa. Sás.
- Filho.
- Niscato. Pês.
- Loa. Paus.
- Risadas.
- Noiva. As. Do.
- Dia. Re. Cão.
- Ir. Castigar.
- Aarau. AAA.
- Ias. Ba. Em.
- Essa. Alma.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS **BANCO CENTENÁRIO** **UM BANCO MODERNO**
Banco Fundado em 1864

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	71\$55	77\$55	
ALEMANHA FED (marco)	39\$40	40\$50	
AUSTRIA (xelim)	5\$50	5\$5700	
BÉLGICA (franco)	1\$792	1\$992	
BRASIL (cruzeiro)	\$60	\$160	
CANADA (dólar - notas de 1 a 2)	81\$30	83\$30	
(notas de 5 a 1000)	81\$80	83\$80	
DINAMARCA (coroa)	11\$00	11\$40	
ESPAÑA (peseta)	\$674	\$794	
EUA (dólar - notas de 1 a 2)	100\$15	102\$15	
(notas de 5 a 1000)	100\$65	102\$65	
FINLÂNDIA (marka)	18\$15	18\$75	
FRANÇA (franco)	13\$10	13\$80	
HOLANDA (florim)	35\$05	36\$05	
INGLATERRA (libra)	157\$10	161\$10	
IRLANDA (libra)	124\$95	128\$95	
ITALIA (lira)	\$060	\$070	
JAPÃO (iene)	\$382	\$417	
NORUEGA (coroa)	13\$90	14\$40	
SUECIA (coroa)	13\$75	13\$75	
SUIÇA (franco)	47\$60	48\$70	
VENEZUELA (bolívar)	7\$80	8\$80	

Observações:

- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

cartaz de cinemas e teatros

abcCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.45, 21 e 23
- 18 a
O TOURO ENRAIVECIDO
c/ Robert de Niro

SALA B

Às 14.45, 17.00, 19.00, 21.15 e 23.15
- Int. m. 13 anos
VICTOR VICTORIA

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
AS AVENTURAS DE FLASH GORDON

APOLO 763319

Av. Julio Dinis, 10-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
A BATALHA DE ARGEL

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.
EMMANUELLE, A ANTIVIRGEM

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
OPÇÃO FINAL

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
AS AVENTURAS DE FLASH GORDON

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
EU E CATARINA QUE MARAVILHA

CINE 222 579466

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
SEGREDOS PROIBIDOS

Às 24
O MISTERIOSO MR. MACKINTOSH

CITY CINE 49999

R. Tomas Ribeiro, 34

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O ÚLTIMO METRO
Às 23.45
ASHANTI

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Para Todos
ET, O EXTRATERRESTRE
45.ª Semana

Às 24
SLITHIS, O MONSTRO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.45 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
BOBBY
Amanhã às 11
O HUGO E O ...?

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
MOMENTOS ÍNTIMOS
4.ª Semana

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
ACABA COM ELES E VOLTA SÓ

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
45.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
007, OS DIAMANTES SÃO ETERNOS

IMPÉRIO 555134 5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
AMEÇA PLANETÁRIA
c/ Glen Ford, Robert Vaughn
e Olivia Hussey
2.ª Semana

LONDRES 901313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
FANNY E ALEXANDRE

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O GRANDE GOLPE

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.

TITANS CONTRA VULCÃO

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15 e 21 - N. ac. men. 13 a.
E TUDO O VENTO LEVOU

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
O CASO DANTON

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.30, 18.15 e 21.30
- M. 16 a.
O CONTRABANDISTA

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
PACTO DE SANGUE



Uma cena do filme «A cidade branca».
Realizado por Alain Tanner. Em exibição no Quarteto.

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14, 16, 18, 20 e 22
- Int. men. 18 a.
BILBAO
Às 24
NEM GUERRA, NEM PAZ

SALA 2

Às 15, 17, 19, 21 e 23

- 13 a.

AQUI HÁ GATO

Às 24

CARRIE**SALA 3**

Às 14, 16, 18, 20 e 22

- M. 16 a.

NEIGE (NEVE)

Às 24

FURIA**SALA 4**

Às 14.30, 16.45, 19, 21 e 23

- M. 18 a.

CIDADE BRANCA

Às 23.30

O ÚLTIMO TANGO EM PARIS

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15, 17, 19 e 21.30

- M. 12 a.

O PADRE E AS NUDISTAS

c/ Paul Préboist

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 18 a.

GELADO DE LIMÃO

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 13.45, 17.30 e 21.15
- N. ac. men. 13 a.
GANDHI
10.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
VICTOR, VICTORIA
17.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45
- Int. men. 13 anos
THE GRADUATE
(A PRIMEIRA NOITE)
5.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
A BATALHA DE ARGEL
Às 24
BIG BOSS, O IMPLACÁVEL

7.ª ARTE 730715

Av. Republica, a Est. de Entre Campos
Junto ao n.º 68

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
- N. ac. men. 13 a.
007, AVENTURA NO ESPAÇO
c/ Roger Moore

STAR 204210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A VIDA É UMA FESTA...

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- N. ac. men. 13 a.
TOOTSIE, E QUANDO ELE ERA ELA
6.ª semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
MORTE AO SOL
2.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
BARRACAS NA PRAIA

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
NOVA IORQUE 1997

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «Morte ao Sol», às 21.30 (13

anos)

ALFA-2 - «Country Man», às 21.15 (12

anos)

ALFA-3 - «Opção Final», às 21.45 (12

anos)

MUNDIAL - «Opção Final», às 21.30

(12 anos)

ROYAL - «Os Heróis de Telemark», às

21.30 (13 anos)

RESTELO - «O Veredicto», às 21.30

(13 anos)

OLIMPIA - «Esquecida e Gostosa»,

sessões permanentes (18 anos)

ZODIACO - «O Expresso da Meia-Noite»,

às 21.30 (18 anos)

2000 - «Os Salteadores da Arca Perdi-

da», às 21.30 (13 anos)

QUINTETO - «O Império Contra-Ata-

ca», às 21.30 (13 anos)

CINEMATECA PORTUGUESA -

«Queen Kelly», às 21.30 (18 anos)

ROYAL - «O Agente Secreto 007», às

21.30 (13 anos)

PROMOTORA - «Big Boss, o Implacá-

vel», às 21.30 (18 anos)

OLIMPIA - «Sexo no Colégio», sessões

permanentes (18 anos)

Linha de Cascais

S. JOÃO DO ESTORIL - CineLândia -

«Missing desaparecido», às 21.15 (18

anos)

CASCAIS - Impala - «As Freiras de St.

Arcangelo», às 21.30 (18 anos)

CASCAIS - Oxford - «O Grande Filão»,

às 21.30 (16 anos)

Outra banda

ALMADA - Cine-Estúdio - «Bairro da

Lata», às 21.30 (13 anos)

COSTA DE CAPARICA - Silcine - «Os

Malucos da Caserna», às 21.30 (Todos)

ALMADA - Incrível - «Mercenários por

conta própria», às 21.15 (13 anos)

ALMADA - Academia - «O Soldado»,

às 21.15 (13 anos)

SETUBAL - Jupiter - «O Gendarme e

as Gendarmetas», às 21.15 (16 anos)

Linha de Sintra

AMADORA - Cine Plaza - «Do Fundo

do Coração», às 21.30 (13 anos)

AMADORA - Lido - «Internato de Ra-

parigas», às 21.30 (13 anos)

AMADORA - CineEstúdio - «A Noite de

Verenness», às 21.30 (13 anos)

CACÉM - Cine Estúdio Flores - «Nin-

guém diga que está bem», às 21.30 (13

anos)

ERICEIRA - CineEstúdio - «Piranha»,

às 21.15 (13 anos)

Porto

RIVOLI - «Patton», às 21.30 (13 anos)

VALE FORMOSO - «Guerra Aberta»,

às 21.45 (13 anos)

CHARLOT - «A Vida Continua», às

21.30 (13 anos)

AGUIA - «Filhos de Ninguém», às 21.30

(13 anos)

COLISEU - «Opção Final», às 21.30 (12

anos)

LUMIÈRE - Sala L - «Conflito de Gera-

ções», às 21.45 (13 anos)

LUMIÈRE - Sala A - «Um Casamento

Muito Especial», às 21.30 (13 anos)

BEBÉ - «Angústia de Viver», às 21.30

(18 anos)

JÚLIO DINIS - «Os Comandos de Tek-

wando», às 21.30 (18 anos)

ESTÚDIO - «Uma Vida na Escuridão»,

às 21.30 (13 anos)

PASSOS MANUEL - «Morte ao Sol», às

21.45 (13 anos)

TRINDADE - «Blade Runner», às 21.30

(13 anos)

RAIONE - «Mercenários por Conta

Própria», às 21.30 (13 anos)

BATALHA - «Gelado de Limão», às

21.45 (12 anos)

OLIMPIA - «Bionic Boy», às 21.30 (12

anos)

PEDRO CEM - «O Bar da Última Espe-

rança», às 21.30 (13 anos)

FOCO - «Scanners», às 21.30 (18 anos)

TERÇO - «Os Rapazes da Companhia

C», às 21.30 (13 anos)

SÃO JOÃO - «Scanners», às 21.30 (18

anos)

Lisboa

Permanente

ANJOS (AO CINEMA ROXY) - «

Guerra - Rua Andrade 32-36 (T. 845513);

AV. ROMA B.º SÃO MIGUEL

- São Miguel - Pç. Francisco de Moraes

1 (T. 770324); BAIXA - Cortez - Rua

São Nicolau 93 (T. 325378); ENCAR-

NAÇÃO - Zira - Pç. Casas Novas II. 66

(T. 311216); ENC. RESTELO-ESC. P.

VICENTE - Belém - Rua Tristão Vaz 10

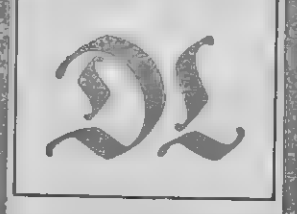
A (T. 612248); ESTADOS UNIDOS -

Gaspardinho - Rua Dr. Gama Barros 54

A (T. 890465); GALINHEIRAS-

CHARNECA-LUMIAR - São Barto-

lomeu - V. Paulo Jorge 1 (T. 790969);



Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro, 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARES DE HOJE			
PREIA-MAR BAIXA-MAR			
12.31	3,3 m	5.52	1,5 m
24.48	3,4 m	18.16	1,6 m
DIA 7			
13.20	3,4 m	6.41	1,3 m
		19.05	1,3 m
TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS			
VIANA DO CASTELO	15°		
BRAGANÇA	15°		
VILA REAL	14°		
PORTO	15°		
PENHAS DOURADAS	15°		
COIMBRA	15°		
CABO CARVOEIRO	17°		
PORTALEGRE	12°		
LISBOA	16°		
ÉVORA	12°		
BEJA	13°		
SAGRES	16°		
FARO	17°		
PONTA DELGADA	13°		
FUNCHAL	15°		

tempo

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ

Cad pouco nublado, tempo mais quente, mas muito húmido. A noite, com alguma chuva. A temperatura sobirá de temperatura.



FORAM ENFORCADOS hoje de manhã em Ancara, dois militantes de extrema-direita, soube-se de fonte judicial na capital turca. O Tribunal Militar de Izmir (porto do Mar Ege) tinha reconhecido Selcuk Duracik (23 anos) e Halil Esendag (24) culpados de terem atacado, de noite, em 1979, uma padaria de Turgutlu (província de Manisa) e de terem morto quatro trabalhadores com opiniões políticas de esquerda. O Conselho Nacional de Segurança ratificara a sentença.

A POLÍCIA ANUNCIOU que num apartamento do bairro ocidental de Belfast, foram atingidas a tiro três mulheres e uma quarta espancada. Quatro homens mascarados entraram ali e alvejaram três irmãs nas pernas e esmurraram a outra. O incidente surgiu na sequência da morte sábado à noite na mesma rua de um homem de 32 anos, assassinado à punhalada enquanto o seu irmão ficava ferido. O homem, acusado deste homicídio, é irmão das três mulheres feridas no ataque de domingo à noite.

O «FINANCIAL TIMES» não foi impresso, domingo, em Londres, devido ao malogro das negociações sobre as reivindicações salariais de membros do seu pessoal técnico londrino, indicam na direcção do jornal económico.

Vinte e quatro controladores, filiados no poderoso sindicato das artes gráficas NGA estão em greve desde terça-feira à noite. As suas reivindicações salariais associadas à sua recusa em aceitarem novas normas de produtividade são consideradas inaceitáveis pela direcção do jornal.

Em Francoforte, as edições europeias do jornal não foram impressas na quinta e na sexta-feira devido a uma greve de solidariedade com os grevistas londrinos.

O JORNAL EGÍPCIO «AL AH-RAM» terá, a partir de Outubro uma edição internacional, em língua árabe, elaborada no Cairo e impressa em Londres — indicou o director do jornal, Abdellah Abdel Bari.

Esta edição, que tem por objectivo satisfazer os leitores do Médio Oriente, terá uma tiragem inicial de 50 000 exemplares, mas não foi ainda anunciada a data exacta da saída do primeiro número.

TENTARAM ROUBAR O POLÍCIA na altura trajando à civil, e acabariam por ser presos. Foi ao princípio da manhã na Rua da Palma, em Lisboa, quando o sergente da construção civil Luís Serra, de 20 anos, se dirigiu a um transeunte oferecendo um relógio para venda. Na circunstância o sócio, João Amaral, de 30 anos, cromador, tentou roubar a carteira do possível comprador. Este defende-se e, na oportunidade, a carteira cai ao chão e, abrindo-se, mostra o cartão e o «crachat» que identificavam a vítima como agente da PSP. Perante tal situação fugiram, mas o guarda decidiu e bom corredor, alcançou-os.

Um ano depois da invasão israelita

Convocada para hoje no Líbano uma greve nacional

● **Andropov apoia liderança de Yasser Arafat na OLP**

Um ano depois da invasão israelita do Líbano, vários notáveis da zona sul do país convocaram para hoje uma greve nacional para assinalar o primeiro aniversário da intervenção das tropas de Telavive. Entretanto, e após os confrontos que opuseram no passado sábado facções palestinas, Yasser Arafat acusou certos países árabes de terem apostado na rebelião contra a direcção da OLP. Recordar-se que na passada sexta-feira, Yuri Andropov enviou a Arafat uma mensagem na qual o dirigente soviético reafirmava o apoio da URSS à OLP sob a direcção de Yasser Arafat.

Foi no dia 6 de Junho de 1982, há exactamente um ano, que três colunas blindadas israelitas, apoiadas por uma poderosa barreira de fogo de artilharia e por bombardeamentos aéreos maciços, rompiam as fracas barreiras da força das Nações Unidas e lançavam-se ao assalto de Beirute.

A operação denominada pelos militares de Israel como «Paz na Galileia», iniciou, assim, uma nova fase da intervenção de Telavive no Líbano que teria, na cumplicidade nos massacres de Sabra e Chatila, um dos seus mais negros episódios.

Para assinalar o primeiro aniversário deste facto, vários notáveis do sul do Líbano apelaram à população para fazer uma greve nacional.

Os apelos foram subscritos pelo secretário-geral da secção Líbano sul da Confederação Geral dos Trabalhadores do Líbano (CGTL), Abdel Jawad, pelo deputado por Saida, Nazih Bizri, e por Moustafá Saad, secretário-geral da Organização Nasserista.

Estes notáveis condenaram igualmente as prisões efectuadas diariamente pelos israelitas para aterrorizar a população, denunciaram as condições de «internamento» e convidaram as

organizações e a opinião pública internacional para intervir e terminarem com as práticas israelitas.

Três outras organizações libanesas, o Movimento Chiita Amal, o Partido Comunista Libanês e a organização nasseriana «Mourabitoun», apelaram também ao luto nacional para assinalar o aniversário da invasão.

Confrontos em Bekaa

Os confrontos que no passado sábado se iniciaram pelas 10 horas locais (8 h tmG) no vale de Bekaa e opuseram facções palestinas provocaram quatro mortos e três feridos segundo apurou o correspondente da AFP no local.

Os combates, que duraram duas horas, opuseram dissidentes da Fatah, apoiados por elementos da Frente Popular para a Libertação da Palestina — Comando-Geral (FPLP-CG, de Ahmad Jibril, pró-sírio), às forças leais a Yasser Arafat.

A mediação entre os contendores, que permitiu a suspensão dos debates, foi levada a cabo pela Frente Popular para a Libertação da Palestina, de Georges Habache, e por cerca de 300 palestinos do campo de refugia-

dos de Wafel, que se interpuseram entre os beligerantes.

Comentando o incidente, um porta-voz da Fatah considerou em Damasco que as confrontações constituem um incidente «deplorável» que prova a vontade de «certas partes» em fazerem «desviar» os palestinos da luta comum contra Israel no Líbano.

Por seu lado, a agência palestina Wafa lançou um apelo a uma «resolução dos diferendos no seio da Fatah pelo diálogo democrático, no objectivo de preservar a unidade deste movimento e da Organização de Libertação da Palestina».

Entretanto, em entrevista ontem divulgada pela agência noticiosa argelina, o líder da OLP, Yasser Arafat, declarou que «certos países árabes apoiaram e financiaram os intentos divisionistas de sectores da OLP».

«Certas organizações palestinas, apoiadas por certos países árabes», disse Arafat, «tentaram agravar a situação», mas o conselho militar supremo «contra-atacou e actualmente dominamos a situação».

O dirigente palestino especificou a disponibilidade para confluência com as autoridades jordanas e sírias, sublinhando

que, neste último caso, «tanto a Síria como a OLP estão expostas às mesmas ameaças do imperialismo norte-americano e das forças sionistas».

Na sexta-feira, Yasser Arafat recebeu uma mensagem de Yuri Andropov, secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, na qual o dirigente de Moscovo denuncia os planos «imperial-sionistas» dirigidos contra a «Revolução e a justa causa do Povo Palestino».

«Para fazer fracassar esses planos», é necessária «uma posição sólida e comum da Síria e da OLP», sublinha Andropov que reafirma o apoio da URSS à OLP sob a direcção de Arafat, na base do respeito das resoluções palestinas.

Manifestações em Telavive

Várias dezenas de milhares de manifestantes (mais de 100 000 segundo os organizadores) reuniram-se na sexta-feira em Telavive reclamando a retirada imediata das tropas israelitas do Líbano e a demissão do Governo de Menahem Begin.

A concentração havia sido convocada pelo movimento pacifista israelita «Paz Agora» para comemorar o primeiro aniversá-

rio da entrada do exército israelita no Líbano.

Uma multidão jovem, composta na sua maioria por estudantes e membros dos Kibutzi (aldeias colectivas) reuniram-se na Praça dos Reis de Israel, no mesmo local onde, há perto de um ano, cerca de 100 000 manifestantes da «Paz Agora» haviam ido opor-se à entrada das forças israelitas em Beirute-Oeste.

«Entrastes numa guerra inútil e dispendiosa» lançou da tribuna o comandante de blindados Yossi Ben Artzi, dirigindo-se aos responsáveis israelitas.

Negando qualquer legitimidade à operação «Paz na Galileia» o orador considerou que a segurança da Galileia nada ganhou e até perdeu, com a invasão do Líbano, cujo principal resultado, segundo ele, foi quebrar «a unidade e o moral do exército».

Outros oradores, nomeadamente um militante religioso do «Paz Agora» denunciaram a ideia de que o problema palestino o possa ser resolvido pela força, ideia que, segundo eles, subentende toda a acção do Governo. Os oradores reclamaram a abertura de negociações com os palestinos e o fim da política de «anexação rasteira» na Cisjordânia e na faixa de Gaza.

Vários agrupamentos pacifistas e de esquerda mais radical haviam-se juntado à manifestação. Assim, um milhar de membros do movimento «Há um limite», que reúne militares na reserva opostos à guerra do Líbano, foram reclamar a libertação dos quinze «prisioneiros de consciência» detidos por recusarem servir no Líbano. Jovens árabes israelitas filiados no Partido Comunista deram também o seu apoio à manifestação.

Exigia um resgate de 34 mil contos

Comissário da Polícia brasileira envolvido no rapto de portugueses

O comissário da Polícia de São Paulo, José Gustavo de Oliveira, foi detido sob a acusação de ter participado no sequestro do industrial português Américo Moreira dos Santos, libertado na sexta-feira pelas autoridades brasileiras. Moreira dos Santos, de 55 anos, fora sequestrado em 27 de Abril deste ano, quando se dirigia para a sua residência, pelo referido comissário, pelo investigador Rubens Ambrósio Teixeira, ambos da Polícia de São Paulo, e pelos delinquentes Daniel de Sousa, Nelson Zuffo e Paulo Ferreira.

Os sequestradores, que no seu primeiro contacto telefónico

com os familiares de Américo Moreira dos Santos, exigiram cem quilos de ouro para o libertarem, aceitaram, finalmente, receber 340 mil dólares (34 mil contos) que lhes deviam ser entregues em Lisboa.

A entrega do dinheiro na capital portuguesa falhou porque o comissário Oliveira reconheceu, em 22 de Maio, no Aeroporto da Portela, dois polícias brasileiros que acompanhavam a esposa do industrial sequestrado, a qual vinha satisfazer a exigência dos seus raptadores. Temendo ser descoberto, Oliveira regressou, logo, a São Paulo.

Porém, os dois polícias tinham-no visto e informaram os seus superiores, que mandaram investigar as suas actividades, daí resultando que, na sexta-feira última, foi detido, quando estabelecia um contacto telefónico com os familiares de Américo Moreira dos Santos.

Na mesma noite, o industrial português foi libertado pela Polícia em São Bernardo do Campo, onde permanecera acorrentado durante 37 dias, e deteve os seus sequestradores.

Colaborando com a Polícia, a imprensa brasileira não divulgou informações acerca do rapto no decurso deste lapso de tempo.

Antes provocou distúrbios na estação de Barcelos

Acabara de sair da cadeia e foi trucidado pelo comboio

Tinha saído no sábado da Colónia Penal de Santa Cruz do Bispo, em Matosinhos, o serralheiro Manuel Jesus Sousa da Conceição, de 25 anos que residia no lugar de Argôso, em Meadela, Viana do Castelo, e que ontem, de manhã, foi trucidado por um comboio que circulava em direcção a Barcelos, entre os apeadeiros de Carapeços e Silva.

Presume-se que se tratou de um suicídio, ditado por qualquer descontrolo psíquico daquele ex-recluso. Aliás, tal hipótese é tida quase como certa na medida em que algumas horas antes da

sua morte, Manuel de Jesus havia estado na estação de Barcelos provocando distúrbios de certa envergadura, que levaram os responsáveis da CP a chamar a Polícia.

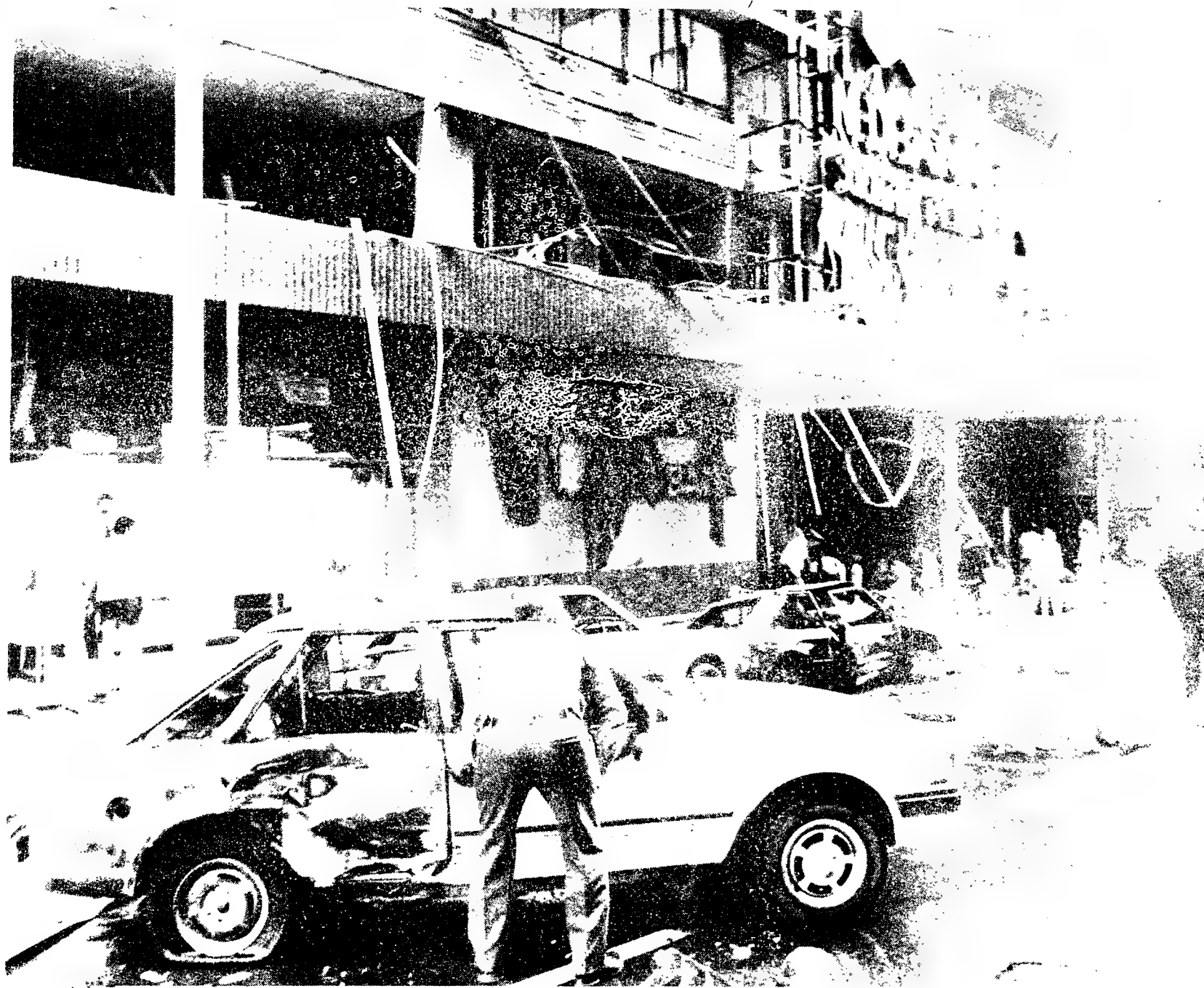
Na altura, porém, Manuel de Jesus terá acatado o conselho dos agentes de autoridade para se retirar mas entretanto dirigiu-se para a linha férrea, onde viria a sucumbir sob o rodado de uma composição.

O cadáver foi conduzido pelos Bombeiros Voluntários de Barcelos para a casa mortuária do hospital daquela cidade.

Sete
Ponto
Sete



Guerras do sentido



Pretória: o atentado reivindicado pelo ANC. A África do Sul pratica uma política de vizinhanças muito semelhante à de Israel

Vizinhança e terror no Sul da África

Págs. 4/5

Ideias

Editorial

Guerrilheiros
do simbólico

Contra o império das significações banalizadas, instalou-se uma guerrilha — a dos sujeitos poéticos. Contra os Estados alimentados por uma língua e por uma certa ideia de posse territorial, instalou-se outra, solidária da primeira — a dos sujeitos que, querendo poder dizer «eu», estão em luta contra o discurso mass-mediático e afirmam que a terra, os territórios, não são de ninguém.

Uma série de «ideias» atravessam estes sujeitos em revolta: a de que o uso da língua, pelo Estado, é uma terrível arma de guerra, um aparelho de sujeição, só aparentemente não-violento; a de que é necessária uma nova «resistência» para permitir a sobrevivência contra a máquina homogeneizadora que legitima o sentido das coisas; a de que, mesmo ao nível das convenções mais assentes, como a distinção entre a cultura e a natureza, há novos saberes que não toleram o descanso e a passividade: a genética das populações, a etnologia e a sociologia animal, aí estão a rebentar as fronteiras tornadas legítimas pelo amadurecimento e a sedentarização de certas disciplinas do conhecimento.

A propósito de Lévi-Strauss, a propósito da opinião pública, a propósito da língua e de como o sujeito se move face a ela e dentro dela: estas novas problemáticas não se limitam a desenhar a estrutura futura de uma obra de ficção científica, elas invadem o quotidiano, a vida e os seus confrontos.

Muitos «homens maduros» não compreendem, hoje, o que alimenta o enorme fosso de gerações. Não compreendem porque é que os jovens não chamam «política» aquilo que eles assim chamaram; porque é que os consensos obtidos à custa da censura comum estão despedaçados e perdem, dia a dia, a sua legitimidade.

Este movimento não é especialmente novo, e dir-se-ia até, que ele caracteriza a reprodução social: há, no seio da repetição, emergências de sentidos que estão condenadas a apenas marcar momentos e a assumirem-se como escândalos literários; e há outras que são suficientemente poderosas para induzirem novos equilíbrios, novas relações de forças. A luta pela legitimação do aborto, pela despenalização do consumo das drogas leves, pela objecção de consciência ao serviço militar obrigatório, por uma outra concepção da mulher e da sua independência, são, apenas, sintomas desta rebelião constante que põe em risco as certezas, os sentidos, as leis em vigor apesar de envelhecidas, em vigor apesar do seu desprazer.

O senso comum e a sabedoria das nações, enquanto máquinas de guerra do Estado, também tentam apropriar-se destes domínios digerindo-os, normalizando os discursos que os representam — ou não fosse a luta ideológica uma luta pela apropriação exclusiva dos objectos de conhecimento.

Exactamente porque o Estado e os meios de comunicação que o «representam», reproduzindo a consciência e a norma colectivas, lutam com todas as suas forças, neste terreno, muitas vezes disfarçados de guerrilheiros, esta é uma guerrilha morífera — mas não dramatizemos: os seus mortos não sangram. Apenas perdem batalhas decisivas num campo que até já nem é tido como exclusivo do homem: o do simbólico.

João Mendes

Antropologia

Olhar sobre o que vive

L

LE REGARD ÉLOIGNÉ é o título do último trabalho do célebre antropólogo Claude Lévi-Strauss (1), um trabalho que se pode chamar de «maturidade», como se diz dos últimos diálogos de Platão. Encontram-se reunidos, nesse trabalho, por um lado textos já conhecidos do público francófono ou anglófono, e por outro textos novos. *Le regard éloigné* surge como um olhar envolvente, um olhar que circula, se detém em países longínquos para melhor ver a civilização que nos cerca. Olhar ainda do autor sobre si próprio, sobre os momentos da sua vida passados em Nova Iorque ou noutros lugares, sobre a maneira como a obra surge. Lévi-Strauss coloca-se numa boa perspectiva e, de olhar no infinito, informa-nos sobre a disposição dos objectos que fazem o nosso mundo.

O mundo físico

Os textos desta última obra podem parecer, à primeira vista, desconexos. Mas há um fio condutor, que os une, uma rede que os percorre. Lévi-Strauss, para além do problema da opressão e da liberdade que levanta, dá-nos também como que uma lição de olhar, uma lição de «coisas». Aprender a olhar o mundo e a natureza, a interrogar a ordem secreta que nela se pressente, parece ser o ponto de partida da antropologia estrutural.

Olhar, sem exclusão visto que o espectador faz parte do objecto da investigação, a sua própria ordem secreta, não pode ser dissociada do sistema de conjunto: **numa ciência em que o observador é da mesma natureza do seu objecto, o observador é ele próprio, parte da sua observação** (2). Lévi-Strauss estabelece um paralelo entre a estrutura em nós e a estrutura fora de nós. Os órgãos dos sentidos são tão estruturados como o são os átomos e as células. Se o mundo é sempre mais do que aquilo que eu podia dizer dele, o pouco que digo prova que em mim já foi gravado o código do mundo e que é essa marca no corpo que permite ao espírito elaborar a análise estrutural. **Por vias erradamente consideradas hiperintelectuais, o estruturalismo redescobre e traz à consciência verdades mais profundas que o corpo obscuramente enuncia** (pag. 165).

O problema da natureza oposta à cultura é pois mal posto, tal como é mal posto o da raça e da cultura. A natureza tem propriedades estruturais que os códigos do nosso sistema

«O método estruturalista não tem nenhuma dificuldade em se reconhecer na fórmula enunciada por Marx Ernst, em 1934, e em que ele preconiza «a aproximação de dois (ou vários) elementos de natureza aparentemente oposta, num plano de natureza oposta à sua». Claude Lévi-Strauss.

Chaké Matossian

nervoso permitem decifrar. Lévi-Strauss abre aqui o caminho à genética das populações que deveria poder trazer muitas implicações teóricas novas ao campo da etnologia. (Temos, no entanto, que sublinhar, de passagem a justa desconfiança de Lévi-Strauss perante certas implicações e conceitos da sociobiologia).

Vemos assim que não é a raça que influencia a cultura, mas que é, pelo contrário, a cultura que selecciona as aptidões genéticas, que por seu lado, influenciam a cultura. Antes mesmo do nosso nascimento, diz-nos Lévi-Strauss, os seres e as coisas que nos cercam formam, em cada um de nós, um aparelho de referências complexas que formam um sistema (pag. 30), deslocamo-nos com este sistema e quando analisamos, por seu intermédio, outros conjuntos culturais, estes só podem aparecer-nos deformados, ou até escapar-nos totalmente.

Há uma interacção entre o contexto sociológico, o sistema neuromuscular, e as nossas condutas, ou as nossas técnicas: **Cada técnica, cada conduta, tradicionalmente aprendida e transmitida, baseia-se em certas sinergias nervosas e musculares que constituem verdadeiros sistemas, solidários, de todo um contexto sociológico.**

O valor da linguística

O facto de os fenómenos fundamentais da vida do espírito se situarem ao nível do pensamento inconsciente foi posto em relevo pela linguística estrutural. A dívida teórica da antropologia estrutural para com a linguística é principalmente para com Roman Jakobson — a quem o livro é dedicado — já tinha sido várias vezes apontado por Lévi-Strauss. Assim, ao indicar-nos a importância dos «nós» e a sua prioridade sobre as «linhas» no seio da rede das relações sociais, o autor mostra-nos que se trata de uma **revolução copernicana em que as ciências humanas muito devem à linguística estrutural** (Pag. 12).

O etnólogo guia-se pelo linguista porque este sabe que há propriedades comuns às gramáticas das línguas do mundo, mas também sabe que os universais que ele poderá atingir formarão sempre um sistema mais pobre que qualquer gramática particular. Tanto para o etnólogo como para o linguista, a tarefa é interminável, tanto para um como para outro os universos libertados poderão quando muito, ser considerados como estruturas abertas, que

acolhem, por isso mesmo, novas definições ou rectificações.

Entre estes universais, Lévi-Strauss, faz corresponder ao fonema dos linguistas, a proibição do incesto dos etnólogos: **assim como o fonema como forma é dado em todas as línguas a título de meio universal através do qual se instala a comunicação linguística, a proibição do incesto, universalmente presente se nos prendemos à sua expressão negativa, também constitui uma forma vazia mas indispensável para que se torne ao mesmo tempo possível e necessária a articulação dos grupos biológicos numa rede de intercâmbio que os põe em comunicação** (pag. 196).

Fonético e fonémico (ético e émico) são os termos que os linguistas utilizam para estudar os sons da linguagem, tais como são dados pelo ouvido ou como se revelam após análise. Os trabalhos sobre o ouvido mostram que a linguagem articulada não é feita de sons e que **na escuta linguística o cérebro não isola sons, mas traços distintivos** (pag. 161). Assim, visto que os órgãos dos sentidos já manifestam uma actividade estrutural, depreende-se que a natureza das coisas é de ordem «émica» e não «ética».

No entanto, como o espírito, o corpo e as coisas fazem parte de uma mesma e única realidade, o dualismo ético-émico surge tão antiquado como os dualismos metafísicos que nos são mais familiares como o ideal-real, abstracto-concreto. Uma vez mais Lévi-Strauss aconselha uma estreita colaboração entre as ciências humanas e as ciências naturais: Jakobson já sentira essa necessidade visto ter sido um dos primeiros a trazer à luz o **extraordinário grau de analogia entre o sistema de informação genética e o da informação verbal** (pag. 197). Já na sua introdução à obra de Marcel Mauss, Lévi-Strauss propunha (ou sonhava) poder aplicar o raciocínio matemático ao estudo dos fenómenos de comunicação.

Não é pois de espantar como o poema de Apollinaire *Les colchiques* e a sua enigmática definição **mães filhas das suas filhas** podem ser esclarecidos por um texto do grande matemático René Thom como o mostra o exemplo das formas biológicas, o **significante (o descendente) podem tornar-se o significado (o pai), basta para tal o lapso de tempo de uma geração** (pag. 297).

O mundo vivo como enigma e o seu código secreto revelam-se a todos os níveis, o que arrasta a

análise estrutural a poder aplicar-se a domínios múltiplos. Com a mesma facilidade, Lévi-Strauss descodifica Wagner, os mitos dos povos da América do Sul, o romance épico, japonês, a obra de Max Ernst, o papel das favas como alimento-media entre o mundo dos vivos, e o além, o casamento como negócio público ou a família como negação e necessidade da sociedade.

Por um lado o autor insiste na existência de uma certa receptividade por parte daquele que cria: **como Vinci compreendeu perfeitamente, a arte tem por papel principal extrair e ordenar as informações profusas emitidas pelo mundo exterior, e que assaltam a todo o momento, os órgãos dos sentidos** (pag. 333) e, por outro lado sobre a maneira como cada um pode ver o mundo exterior e ordenar os seus diversos elementos. Ver o mundo implica um lento trabalho, uma minúcia que hoje se tenta eliminar em proveito da espontaneidade e do diálogo transparente com o «outro». Para Lévi-Strauss, a criação só pode dar-se sendo-se surdo perante o outro, preservando uma certa impermeabilidade. A Humanidade diz-nos ele, deverá reaprender que **toda a verdadeira criação implica uma certa surdez perante o apelo de outros valores, que pode ir até à recusa e até mesmo à sua negação. Porque não podemos fundir-nos, ao mesmo tempo, na fruição do outro, identificarmo-nos com ele, e mantermo-nos diferentes** (pag. 47).

Para Lévi-Strauss, assim como a criatividade implica uma certa recusa do outro, a liberdade só pode manter-se pelo «interior» (pag. 380), ela não pode construir-se de fora sob pena de se destruir. A liberdade real é a dos usos, ela repousa numa parte de irracional, que temos que preservar a todo o custo. O que é o vivo se não esse irracional, organizado que devemos preservar?

Esboça-se enfim, um direito ao ambiente que se desenvolve como um direito do ambiente sobre o homem porque o homem causa mais prejuízos do que aqueles que sofre. Eis sem dúvida o que já tinham compreendido as grandes civilizações do Oriente e do Extremo-Oriente, tal como os povos a que chamamos «subdesenvolvidos».

Este olhar sobre o vivo parece desde logo a única possibilidade que nos resta de poder reencontrar o olhar do artista e criar mundos: **Aprendemos assim a amar e a respeitar melhor a natureza e os seres vivos que povoam, compreendendo que os animais e os vegetais, por mais humildes que sejam não fornecem somente ao homem a sua subsistência, mas foram também, desde os seus princípios, a fonte das suas emoções estéticas mais intensas, e na ordem intelectual, e moral, das suas primeiras e já profundas especulações.** (pag. 166).

(1) Claude Lévi-Strauss, *Le regard éloigné*, Ed. Plon.

(2) e (3) Claude Lévi-Strauss, *Introduction à l'œuvre de Marcel Mauss*, Ed. P.U.F.

O discurso da opinião pública

A

A natureza da opinião pública é portanto da ordem da

Por isso, à medida que ingurgita todas as virtualidades discursivas autônomas, não deixando de fora da sua inscrição nenhuma margem, a máquina discursiva democrática, de correia de transmissão da opinião livre dos cida-

É que a máquina discursiva democrática conjuga-se com a máquina pulsional imprimindo-lhe um regime de funcionamento particular, distinto do regime concreto do funcionamento despótico. É a natureza produtiva do discurso despótico que lhe confere um regime concreto de funcionamento. Produção de uma mais-valia de significação apropriada unilateralmente pelo soberano, apropriação em que radica precisamente o poder despótico com a componente antitética, a exclusão dos que são privados do poder, remetidos para a única competência discursiva que lhes está reservada, a competência interpretativa do único discurso aceite como legítimo. O senso-comum, a doxa circulante como discurso colectivo não apropriado, submete-se à ordem discursiva do saber do soberano canalizando-a em seu proveito exclusivo. Marginalizações, excomunhões, condenações marcam as fronteiras da legitimidade discursiva sob a égide da escola, da corporação, da Igreja, dos campos religiosos a quem são confiadas as funções de naturalização e de

Mas o discurso da opinião pública não aparece ex-nihilo, no seio da máquina discursiva democrática; procede de ajustamentos de formas discursivas erráticas que as máquinas discursivas despóticas e arcaicas deixam fugir do seu regime de funcionamento: silêncio indiferente ou tagarelice irreverente perante a palavra solene do chefe nas sociedades nómadas de caçadores e colectores, narrativas menores, aforismos, discursos plurais do quotidiano, localólia interminável que forma a espuma da Grande Narrativa fundadora legitimamente e que circula nómada nas formas sedentárias do poder, percorrendo-as por dentro, qual exterioridade periférica. São estes interstícios que a máquina abstracta discursiva

É neste sentido que a opinião pública é a máquina de guerra do Estado funcionando segundo o regime, não da violência física, da punição e da mutilação mas da sedução e da persuasão. Estratégia guerreira contra um inimigo do interior regida pelo princípio da captura afectiva oposta à guerra contra o inimigo externo regida pelo princípio da exterminação. Por isso a desconstrução da estratégia discursiva da sedução e da persuasão alimentada pelos «mass media» do Estado democrático substitui hoje a luta antifascista do Estado despótico, é o novo nome da resistência.

A língua, depósito do senso comum

S

Definiríamos então o sujeito poético nos termos em que o coloca Kristeva, a saber, como um sujeito da enunciação que fosse prática, isto é, desconstrução do sentido tético codificado, do senso ou da opinião comum.

Os dentes do "apartheid": "boa vizinhança" quer queira

Jean-Claude Pomonti

A cena passava-se recentemente no Zimbabwe. «Sim, senhor doutor-juiz, — confessava o acusado — fui treinado, durante seis meses, numa base sul-africana (...) A minha missão consistia em recrutar novos elementos e em sabotar objectivos industriais.» Lamentavelmente nas suas longas vestes, Benson Dube, antigo guerrilheiro contra os rodesianos, foi condenado por alta traição nesse país que ele contribuiu para libertar. Soldado perdido? Aos vinte e um anos? Talvez, mas são milhares deles a partilhar o fardo de amargura, de raiva e de ignorância de Benson Dube. Milhares de matabeles, a etnia de N'Komo, que perderam as eleições em 1980, e assistiram, impotentes, à desgraça do seu grande homem. Milhares, aqui e além, cujas decepções são hoje habilmente exploradas pela África do Sul.

Tudo é desmentido por Pretória com uma regularidade de metrônomo.

A lei do silêncio

As provas materiais da

cumplicidade sul-africana com os dissidentes dos países vizinhos, são raras. Há bastantes leis repressivas no país do apartheid para prever uma investigação em profundidade e, mais ainda, a sua publicação. A simples reprodução de alegações pode levar aos tribunais.

Aqui, mais do que em qualquer outro lugar, as Forças Armadas respeitam a lei do silêncio. Alguns arriscam-se, no entanto, a quebrá-la. Segundo um jovem mercenário belga contratado ao ano pelas «South African Defense Forces» (SADF) «só os soldados mais seguros, de origem africana, são alistados nas operações além-fronteiras (...) Se forem presos devem dizer que estavam em missão não autorizada. É essa a palavra de ordem.»

De facto, as «missões não autorizadas» multiplicaram-se um pouco nos últimos tempos. No dia 2 de Novembro de 1982, um antigo major de uma unidade matabele de N'Komo foi preso no Zimbabwe de armas na mão. Yonah N'Dlovu Odeweni reconhece ter feito treinos na África do Sul. A sua narrativa tem toda a aparência de verdade. «Meteram-me num comando inteiramente constituído por homens do Zimbabwe, e que tinha o nome de Phumo Revanhu (a

lança do povo) (...) Deram-me uma AK-47 e treinaram-me durante algum tempo no campo de Dzakutsaku, de onde fugi.» Ferido durante a sua prisão, Yonah teve um braço amputado e foi condenado a três anos de prisão. Pretória assegurou nada saber da «Lança do Povo», mas, no decorrer de revelações que se seguiriam, Harare pôde reconstituir mais claramente a extensão da conspiração urdida do outro lado da fronteira.

Com base «algures para os lados de Caprivi», o célebre «Buffalo Battalion», o batalhão 32 segundo a terminologia oficial, foi constituído em 1976, logo em seguida à derrota das tropas de invasão sul-africanas em Angola, e confiado a um veterano das forças portuguesas coloniais. A existência dos buffalos foi mantida secreta «por razões de segurança» até inícios de 1981. Ainda o seria se um mercenário britânico, John Edwards, «impressionado com os crimes» perpetrados pelos seus antigos amigos contra as populações civis angolanas, não se tivesse confessado à Imprensa britânica. A acreditar neste desertor inglês, os buffalos empregaram em Angola as mesmas técnicas que os Selous Scouts da Rodésia: terrorismo, destruição de infra-estruturas civis, massacres de aldeias, torturas, etc., tudo isto cometido anonimamente, de



modo a fazer cair a responsabilidade das atrocidades sobre o inimigo, a SWAPO.

Parcialmente constituído por antigos soldados do de-

funto FNLA angolano, o batalhão 32, actualmente em repouso na base sul-africana de Rundo, compreende, no mínimo, 1500 homens, várias de-

zenas dos quais são «cães de guerra» belgas, franceses, britânicos, portugueses, rodesianos e mesmo americanos. Os camponeses kangwalis

O apoio às guerrilhas e as "missões não autorizadas"

A

República Sul Africana projecta na cena internacional, e cada vez com maior crueldade, a imagem de uma potência regional que assegura a todo o preço a perpetuidade de um poder pálido que exhibe os seus direitos e se considera cercado por um conjunto de forças hostis. Em face de um complot permanente que visa destruí-la, optou por aquilo a que se chama em Pretória, a defesa ofensiva apropriada, tática que consiste em empregar todos os meios — militares, subversivos, económicos — para enfraquecer a cintura marxista à volta do seu território, e, antes de mais, impedir os terroristas — os nacionalistas negros sul-africanos que optaram pela luta armada contra o apartheid — de aí encontrar refúgio e, de um modo mais geral, de aí constituir san-

tuários. Claro que essa estratégia dura também comporta um aspecto diplomático, e Pretória não hesita em travar diálogo — no caso actual com Angola — quando uma posição de força é conseguida perante um interlocutor eventual.

A «linha da frente»

Essa política parece ser sem nuances. Ela está, no entanto, na lógica dos acontecimentos, sobretudo desde que a revolução dos cravos, em Portugal, privou a África do Sul da sua protecção desse «cordão sanitário» que se deslocou por altura da descolonização precipitada de Moçambique e de Angola. A história acelerou-se então na África austral: logo que as duas grandes colónias portuguesas se tornaram independentes uma solução do conflito rodesiano teria inevitavelmente de desembocar numa independência dirigida por aqueles que tinham pegado em armas contra os dirigentes da antiga colónia rebelde da coroa.

Desde 1973, em face dos crescentes sucessos da insurrei-

ção da Frelimo na metade setentrional do Moçambique colonial, os sul-africanos tinham começado a interrogar-se sobre a solidez dessa protecção, prolongada a oeste pela Namíbia, então ainda gerida como uma «quinta província» sul-africana, desprezando as resoluções das Nações Unidas que punham fim a essa tutela. Do golpe de Estado de 1974 em Portugal, à ascensão do Zimbabwe à independência, em 1980, portanto durante o espaço de seis anos, a África do Sul viu a construção situada na sua periferia desfazer-se com a construção de Estados africanos independentes, muitas vezes marxistas, próximos de Moscovo ou de Pequim, compagnons de route dos nacionalistas negros sul-africanos (principalmente os da A.N.C., Congresso Nacional Africano, fora de lei), não esquecendo que o seu objectivo final era a abolição do apartheid.

O realismo ditava a estes jovens Estados fracos, criados na dor e no barulho das armas, na sua maioria subadministrados e em geral economicamente dependentes de Pretória, que não irritassem de mais o gigante irascível e arrogante confortavelmente instalado nas suas fronteiras. Não tinham meios

para isso e continuam a não os ter. Mas nem por isso podiam renegar-se. O termo linha da frente que os designa, traduz bastante bem a sua ambição de libertar os seus irmãos do Sul, cujos direitos continuam a ser escarnecidos. Desde a independência do Zimbabwe que eles formaram também uma zona de cooperação económica, no quadro da S.A.D.C.C. (1) a fim de se libertar do domínio económico sul-africano.

Estas mudanças, cujas circunstâncias e rapidez não tinham sido previstas em Pretória, obrigaram os sul-africanos a rever os meios da sua sobrevivência. Desde o princípio, no plano jurídico, a única posição legal, para a República Sul-Africana, tinha que dizer respeito às suas próprias fronteiras, reconhecidas internacionalmente. Quanto ao resto, tinha que negociar, contornar, manejar a cenoura e o pau, utilizar os formidáveis trunfos de um Estado semi-industrial bem organizado e bem gerido, de potencial colossal e meios de defesa — e de coerção — que não são de desprezar. O poder pálido tinha de se habituar à ideia de que os países vizinhos, que julgava povoados de diabos, tinham mudado. Devia adaptar-

-se. Para os Afrikaners, tribo branca muitas vezes dividida mas de mentalidade missionária, não se tratava de se dimitir, e ainda menos de se suicidar. As conquistas de 1948, data em que acaparam um poder consolidado ao longo de décadas, não estavam aos seus olhos, em causa. Tratava-se, antes de mais, de encontrar a resposta apropriada.

Durante estes seis anos os governos sul-africanos sentiram-se muitas vezes embaraçados. Em 1975 Pretoria lançou um empreendimento militar em Angola para impedir o MPLA de tomar conta do poder. A ingerência era demasiado flagrante para que soviéticos e cubanos não achessem que era uma boa ocasião para uma intervenção militar maciça. A descolonização de Angola foi um fracasso total: ela desembocou numa guerra civil entre três movimentos de libertação que fez fugir os quatrocentos mil portugueses que asseguravam a administração e a relativa saúde económica do território. A intervenção militar sul-africana — tenha ou não recebido encorajamentos americanos — teve o efeito contrário ao seu objectivo: tropas cubanas e conselheiros militares soviéticos fize-



ram com que a balança pendesse em favor dos seus aliados locais, ainda hoje no poder em Luanda.

Uma veleidade de desanuviamento

Podíamos assim multiplicar

ram quer não



Os bombardeamentos sul-africanos na Matola, perto de Maputo: apresentados ao mundo como «retaliação» contra o ANC

Cinco mil antigos rodesianos?

Segundo um antigo mercenário, «a maior parte dos candidatos do Zimbabwe ou Moçambique» à desestabilização da sua pátria, passam por um período de experiência no Norte namibiano. Depois de serem assim testados, os novos «terroristas» são infiltrados, directamente, junto dos movimentos insurreccionais que vão enquadrar (principalmente o RNM) ou então colocados em espera em campos militares sul-africanos ao longo da fronteira com o Zimbabwe e com Moçambique. Este ponto particular não é negado por Pretória.

«São colocados neste local para controlar as entradas ilegais de imigrantes, cuja língua muitas vezes falam», explicava o general Viljoen. Para Emmerston Munangawa, responsável pelas questões de segurança no Zimbabwe, «eles estão ali para passar à acção no dia próprio e para 'se ocupar' dos novos recrutas». Segundo ele, a África do Sul treinaria assim «cinco mil antigos rodesianos, negros e brancos, em quatro bases do Transval». Todos seriam administrativamente agrupados sob o nome evocador de *Matabele Brigades*. Segundo as informações fornecidas pelos transfugas, hoje presos, as bases teriam os nomes de Spencer, Gumbo,

Letaba e Phalaborwa. A lista não é exhaustiva. Os melhores elementos seriam depois entregues, por vezes a título temporário, aos famosos comandos sul-africanos de reconhecimento, os *Reccees*.

As operações de transferência são tanto mais difíceis de descobrir, tanto à entrada como à saída, quanto os *reccees* se movem fora das estruturas convencionais do Exército.

Os *reccees* trabalham essencialmente na clandestinidade. Para muitos, em Moçambique, os quatro brancos de rosto pintado de preto que comandavam «em inglês», segundo testemunhas, a sangrenta expedição de Namaacha, no dia 20 de Agosto de 1982, pertenciam a essas unidades especiais.

Um relatório acusador

Oficialmente a África do Sul não apoia os combatentes da liberdade da RNM. Aos jornalistas que o interrogavam no início de Fevereiro, acerca de um relatório do departamento de Estado americano, em que se concluiu que houvera cumplicidade militar de Pretória com eles, Pik Botha declarou que «certas passagens do relatório» eram fundamentadas. Quanto ao resto, a Imprensa foi convidada a «pedir pormenores a Washington». Tanto lá como cá, não subsiste, com efeito,

dúvida alguma sobre a estreita colaboração mantida com os rebeldes moçambicanos.

A rádio-pirata do movimento África livre (ou a «Voz da Hiena», conforme o campo a que se refere) emitia até à independência deste país, a partir da Rodésia. Desde Junho de 1980 incita ao levantamento armado a partir do Norte do Transval. Segundo Maputo, a aviação sul-africana viola impunemente o céu aéreo moçambicano para entregar provisões aos sete a oito mil rebeldes do movimento e também para observar as deslocamentos das tropas governamentais. Bem armados e convenientemente alimentados, os bandos rebeldes só teriam, apesar disso, uma fraca ideia da estratégia. Segundo certos testemunhos a África do Sul indicar-lhes-ia os alvos industriais a atacar em prioridade. É assim que a rede de transportes, que liga o porto da Beira à Mutara, cidade fronteira do Zimbabwe e o oleoduto paralelo, são constantemente postos fora de uso.

Privado desta única saída para o mar para o seu comércio externo, Harare é, com efeito, obrigada a voltar-se para Pretória que, evidentemente, procura submeter o seu auxílio a certas exigências de ordem política. A mesma tática é usada contra o reino do Lesotho que, como outros, é acusado de dar asilo aos «terroristas» da ANC.

do Kavangoland conhecem perfeitamente as pistas utilizadas de noite pelos camiões sul-africanos para as suas entregas de material do outro lado do

rio-fronteira dos Crocodilos. A cumplicidade de Pretória com os antimarxistas da UNITA já não precisa de ser demonstrada. Vários dos seus

militantes e mesmo alguns simpatizantes activos da Resistência Nacional de Moçambique (RNM) estão praticamente instalados em Windhoek.



os exemplos de erros cometidos por Pretória. Vorster, então primeiro-ministro, quis oferecer ao resto do continente aquilo que julgava ser a vara do desanuviamento, iniciativa esta sem amanhã. Os sul-africanos não pensaram que o Moçambique independente, no entanto enormemente agitado, em

1975, pelo abandono da sua população portuguesa, estaria pronto, em 1976, a sacrificar os seus interesses económicos ao apoio dado à guerrilha da Rodésia. Ele fê-lo, no entanto. Só em Abril de 1980 — já era tarde de mais — Pretória compreendeu que as urnas levariam ao poder, em Salisburia (depois chamada Harare), aqueles que tinham combatido, de metralhadora na mão, Ian Smith, e não o incapaz bispo Muzorewa, de quem haviam feito, secretamente, seu campeão.

Por não os ter previsto, a África do Sul teve pois de suportar os acontecimentos. Mas, para Pretória, o mal não era irreparável. O gigante da África Austral goza de uma tal superioridade na região que pode permitir-se erros de cálculo como este. Pode mesmo, depois, sucumbir à ilusão de óptica que lhe faz acreditar que alguns dos seus vizinhos estão dispostos a colaborar oficialmente com ele. Viu-se isto com o debate público dos últimos anos sobre uma «constelação austral» sul-africana, espécie de cobertura diplomática destinada a «estabilizar» a região e a substituir assim a muralha per-

dida do período colonial. A linha actual, que cria dificuldades no vizinho a fim de melhor preservar a paz no seu país, constitui, muito mais do que uma viragem, o correctivo dado aos políticos precedentes.

Não foi uma mudança mas antes uma adaptação a novos dados regionais. Para mais, Pretória deve aceitar um certo número de factores, internos e externos, nos quais os sul-africanos têm pouca influência.

Uma militarização progressiva

Antes de mais os ataques de surpresa além fronteiras, contra as *guaridas*, ou, por vezes, contra os centros de refugiados da A.N.C. já não bastam para evitar um dado permanente da vida sul-africana: o **terrorismo** existe. É possível contê-lo nos limites razoáveis, há, sem dúvida meios para tranquilizar a comunidade branca. Mesmo assim a África do Sul parece condenada a habituar-se, há já dois ou três anos, a um certo nível de terrorismo, que pode, como se viu, atingir alvos eco-

nómicos ou militares.

Em segundo lugar, uma política mais agressiva, apoiando-se em operações militares além fronteiras (Namíbia, Angola meridional), reforçou consideravelmente o aparelho militar-industrial. O peso das forças de segurança aumentou, tal como o do orçamento que lhe é destinado. O facto de a comunidade branca sul-africana ter adquirido uma mentalidade de sitiada, actua no mesmo sentido. A militarização progressiva da África do Sul é sobretudo sensível, desde que a África austral entrou, em 1974-1975 para o campo da guerra fria.

Finalmente, no plano interno, o crescimento rápido da economia, apesar de vagas de recessão — exige uma integração relativa das fracções mais receptivas das comunidades não brancas, talvez porque elas constituem reservatórios indispensáveis de agentes económicos.

No plano político isto traduz-se por alguns esforços feitos para unir as comunidades indiana e mestiça. Estas, porém, hesitam em se separar dos negros, que são a imensa maioria.

Uma clientela encurralada

A situação internacional foi um pouco mais favorável a Pretória. Com a recessão e o endurecimento das relações Este-Oeste, o aumento do conservadorismo nos Estados Unidos e na Europa — que levou Thatcher e Reagan ao poder — deu aos sul-africanos uma lufada de oxigénio. A política de **empenhamento construtivo** americano para com eles, permitiu-lhes mostrar os trunfos de que dispõem no Ocidente, embora continuando a prosseguir os seus objectivos próprios e manter-se no mercado internacional, em especial o do ouro, no qual os soviéticos se mostraram por vezes compreensivos.

Por outro lado, a recessão internacional deu tais golpes à frágil coesão da África negra — política e economicamente muito enfraquecida — que os advogados, em Pretória, de empresas de **desestabilização** além fronteiras, puderam facilmente fazer triunfar os seus pontos de vista. Os sul-africanos alargaram, nos últimos anos, a sua clientela de comerciantes e mesmo de dirigentes encurralados. Apesar de desmentidos sem grande eco, não desencorara-

jam as rebeliões armadas — e muitas vezes eficazes — contra capitais de países limítrofes ou próximos que desejam manter acorrentados: Maputo, Harare e Luanda. Pode mesmo perguntar-se se eles aceitarão uma solução namibiana enquanto não tiverem um certo domínio sobre os governos da África Austral que ainda recusam jogar o seu jogo.

Esta atitude — intransigente no fundo e mais subtil na forma — comporta, evidentemente, riscos. No plano interno há sempre o de um segundo Soweto, visto que, no seu conjunto, a condição dos negros-sul-africanos não mudou depois da explosão de 1976. Também podemos interrogar-nos sobre as consequências de uma política **dura para** com os países limítrofes. É certo que Pretória espera fazer com que eles **sejam razoáveis**. Eles também podem pedir reforços aos seus aliados ou aos seus protectores, fazendo pactos de defesa com Moscovo, ou, como alguns já fizeram assinar **acordos de cooperação** com a União Soviética, acordos esses que lhes reduzem a margem de manobra.

(1) Conferência de coordenação para o desenvolvimento da África austral.

Ópticas fixas

Como interpretar a especificidade estética do acto fotográfico (3)

«Sentia pela Fotografia um desejo «ontológico»: queria, a todo o custo, saber o que ela era «em si», por que característica essencial se distinguiu do conjunto das imagens. Tal desejo significava que, no fundo, para além das evidências provenientes da técnica e da utilização... eu não estava seguro de que a Fotografia existisse, de que ela dispusesse de um «génio» próprio».

Roland Barthes, «A câmara Clara», Ed. 70

Emídio Rosa de Oliveira

A

interpretação da técnica, e no caso concreto que nos ocupa, a abordagem da imagem fotográfica, não é uma questão resolvida. Começa a ser uma arte devidamente pensada, tanto do ponto de vista teórico, onde as achegas começam a avultar, como do ponto de vista tecnológico. Basta ler o último número especial da revista «La Recherche» (n.º 144 de Maio de 1983), para nos darmos conta das últimas inovações da tecnologia imagética, ocorridas no domínio da holografia, no vídeo, da televisão numérica e da dita «FOTOGRAFIA ENZIMÁTICA». No artigo de apresentação deste número, Serge Moscovici, chega mesmo a dizer que a «universalidade contemporânea é icónica» — e que esta mutação tecnológica acaba por fundar a tão apregoada civilização da imagem. Para além do aspecto demasiado exuberante desta profecia finalmente em vias de se realizar — o que reteve a nossa atenção foi o carácter **neurobiológico** da imagem, e os avanços tecnológicos realizados sobre os novos **SUPORTES FOTOSSENSÍVEIS** da imagem fotográfica. Avanço que nos leva a crer que a fotografia dos halogenetos de prata (saís de prata) poderá num futuro próximo ser substituída por um novo **MATERIAL BIOLÓGICO**, o enzima, que servirá para fixar as imagens: daí, o falar-se já da «Fotografia enzimática».

Pretendemos destacar, a pretexto desta nova aquisição tecnológica, que a natureza química do processo fotográfico não pode ser descurado ou colocado em segundo plano, ao lado do carácter demasiado optista de muitas das teorizações feitas sobre a fotografia. Os dois elementos indispensáveis para

qualquer teorização ajustada da fotografia, terá que ter em conta, como diz Rudolf Arnhem, «a acção óptica e química da luz» (1); pois que «tecnicamente, a fotografia se encontra na encruzilhada de dois processos absolutamente distintos; um, de ordem química, a acção da luz sobre certas substâncias; o outro, de ordem física, a formação da imagem através de um dispositivo óptico» (2). Omitir um destes elementos é falsear a parte constitutiva e dupla do dispositivo fotográfico.

A demarcação de 2 tipos de explicação teórica

No decorrer deste artigo ser-nos-á difícil tecer considerações de fundo sobre o que é constitutivo da fotografia, sem nos demarcarmos primeiramente de algumas teorizações secundárias, que invadem o mercado teórico.

Uma delas teoriza a fotografia a partir de certos efeitos — os chamados **USOS SOCIAIS** — chegando mesmo a denominá-la «arte média» (a posição de Pierre Bourdieu). Uma outra tenta teorizar a fotografia a partir de uma herança evolutiva de **ordem académica**, fazendo-a surgir no seguimento da prática artística do desenho, e apresentando-se a ver nela, a invenção maléfica (a technê), que, ao mesmo tempo que destrona a prática artística do desenho, se apresenta como chamariz, no dizer de Baudelaire, para todos os pintores falhados «trop mal doués, ou trop paresseux pour achever leurs études» (3).

Invenção maléfica à qual Baudelaire alvitra um bom «modo de emprego»: é necessário que ela se reajuste em conformidade com a sua única finalidade, que é o de ser «serva das ciências e das artes», a exemplo da Imprensa e da estenografia, que nunca criaram, nem substituíram a literatura. O reajustamento à sua função, formulado por Baudelaire, faz-nos pensar na sorte reservada à filosofia no decorrer da Idade Média, que foi também ela considerada como a «ancilla», a serva da teologia. Esta concepção



O «chiché» Kodak e Cristo, Studio, 1974

censurante exercida em relação à invenção técnica como ao saber tem sido o traço distintivo que tem caracterizado a ortodoxia das academias, cuja condição «sine qua non», para a sua constituição (em corpo) tem sido a resistência nevrótica à mudança. Ora para podermos vir a pensar a «ontologia da imagem fotográfica» e a pensá-la «em si», através de uma nova elaboração, teremos que nos demarcar destas duas posições bem «medianas»: o retrato sociológico da apropriação da foto, pelos seus usos sociais, e a carga normativa da tradição literário-pictural da estética, que sempre tem rejeitado a fotografia do lado da «technê».

A especificidade estética da fotografia

É em torno do problema do realismo que é possível abordar o estatuto específico da fotografia. Como é que a fotografia **ADERE** ao real? Através de que modalidades de representação é que a fotografia acusa o sonda o real — ou seja — que tipo de relação é que liga a imagem fotográfica ao seu referente?

Toda a reflexão sobre a fotografia nos remete para uma **ANTERIORIDADE** do real — ao qual temos acesso, mediante um processo diferido, uma vez que a imagem fotográfica não é o real — ela, simplesmente o representa, acusando-o através de uma **DISTÂNCIA** de espaço/tempo. O real através da imagem fotográfica surge-nos **DEVOLVIDO**. Através do «taken picture» ou do «make picture», o que nos chega restituído ou produzido é uma das modalidades possíveis que a fotografia tem de nos apresentar/repre-

sentar não todo o real, mas parte deste. Ora parece-nos importante, traçar o percurso histórico das diversas modalidades que a fotografia tem de nos apresentar o real, para não dissociarmos a estética fotográfica dos diversos estilos de representação fotográfica —, de maneira a indentificarmos na imagem fotográfica a diferença de tratamento a que foi sujeito o referente. É possível, pois, resumir este trajecto, que vai da **VEROSIMILHANÇA** ao **ÍNDICE**, em torno de três posições teóricas — ou de três modalidades de produção fotográfica.

Uma primeira em que a fotografia nos surge como reflexo mimético do real, uma segunda em que a fotografia atesta uma transformação do real e uma terceira, finalmente, em que a fotografia reinscreve indiciamente o vestígio de um real deixado.

1.ª Posição: A fotografia como representação mimética do real

A imagem fotográfica, à partida, retrata o funcionamento do «medium»; ela é antes de mais «index sui» através evidentemente de uma representação segunda (tardia) do real. Enquanto «medium», a fotografia surge marcada por uma configuração, que a distingue de todos os outros modos de representar. A singularidade técnica de que dispõe leva-a a um primeiro tempo a ser combatida e invadida, o que não vai sem implicar em relação a si própria, por parte das outras artes, uma certa ambivalência. As atitudes de Baudelaire e de E. Delacroix

são **SINTOMÁTICAS** do mal-estar que se gerou nos meios académicos do século XIX — e do olhar profundamente arcaico da época, em relação à mutação técnica — materializada no novo representar fotográfico.

É em torno do realismo, ou seja dos modos de representação do real, que se situa a questão fundamental, a partir da qual nos será possível, no dizer de A. Bazin, definir a «ontologia da imagem fotográfica». Numa primeira fase, a fotografia é abordada como «prova do real»; sublinha-se exageradamente a neutralidade da máquina e como correlato implícito a «ausência da intervenção humana». A fotografia é a reprodução mimética da fisionomia sensível do mundo, através de uma «gênese automática». A fotografia é pensada como pura transcrição mecânica e exacta do real. O que a caracteriza como representação do real é a sua capacidade mimética: «a foto é espelho do real» (4). As metáforas correntemente utilizadas no decorrer do século XIX para designar a visão artística não deixam de assinalar o mesmo aspecto. Todas elas giram em torno da óptica e mais concretamente do espelho. Comparase a pintura a um espelho; na literatura, Stendhal define o romance como «un miroir qu'on promène le long du chemin» e Flaubert não se cansa de insistir «sejamos vidro-de-aumento da verdade externa».

Ora no próprio momento em que os realistas apregoam aos quatro ventos a objectividade e reclamam que o artista seja o escrupuloso transcritor, ou copista do real, a fotografia surge e imprime forte abalo à estética do realismo. O aparecimento da fotografia põe em causa a ob-

jectividade e a precisão da representação mimética da pintura, afectando as modalidades da prática do desenho e do retrato — e entretanto — faz vacilar o rigor da teoria mimética das academias — acabando finalmente por **EXCEDER** em objectividade e precisão a representação realista e naturalista reinante da época. A fotografia surge assim no dizer de A. Bazin como o acontecimento mais importante da história das artes plásticas: «ela permitiu à pintura ocidental desembaraçar-se definitivamente da Obsessão realista e encontrar a sua autonomia estética» (5). Em virtude do impacto da representação fotográfica e das técnicas da reprodução mecânicas, já aludidas por W. Benjamin, no mundo da época, nova viragem se vai perfilar tanto no domínio teórico como no campo do exercício artístico. O realismo, que até então era quase canonizado como o modelo artístico por excelência, doravante é considerado como a «negação da arte». Outro estilo emerge retocado desta vez pela subjectividade e pela idealização, que irá criticar a imitação passiva ou o «topos do artista-macaco de imitação» (artista-singe), a partir da concepção do «belo ideal moderno» assente numa teoria da **EXPRESSÃO**: falar-se-á, pois, de uma **IMITAÇÃO EXPRESSIVA**. A enciclopédia francesa dirá «Toda a obra de arte reflecte a personalidade do seu autor: A placa fotográfica, não interpreta, somente regista».

O estratagema, a partir do qual foi possível demarcar a fotografia e fundar a separação entre ela e as artes, é mais uma vez evocado através do argumento de índole humanista: «A reprodução da natureza pelo homem nunca será uma reprodução, será sempre uma interpretação»; argumento que agita implicitamente a velha querela entre a máquina e o homem, a técnica e a arte, e o arraigado preconceito ligado ao carácter mecânico das artes, entre as quais figura a fotografia.

(Esta primeira fase que caracterizou o 1.º momento de teorização da imagem fotográfica será ainda prosseguida no decorrer do próximo artigo).

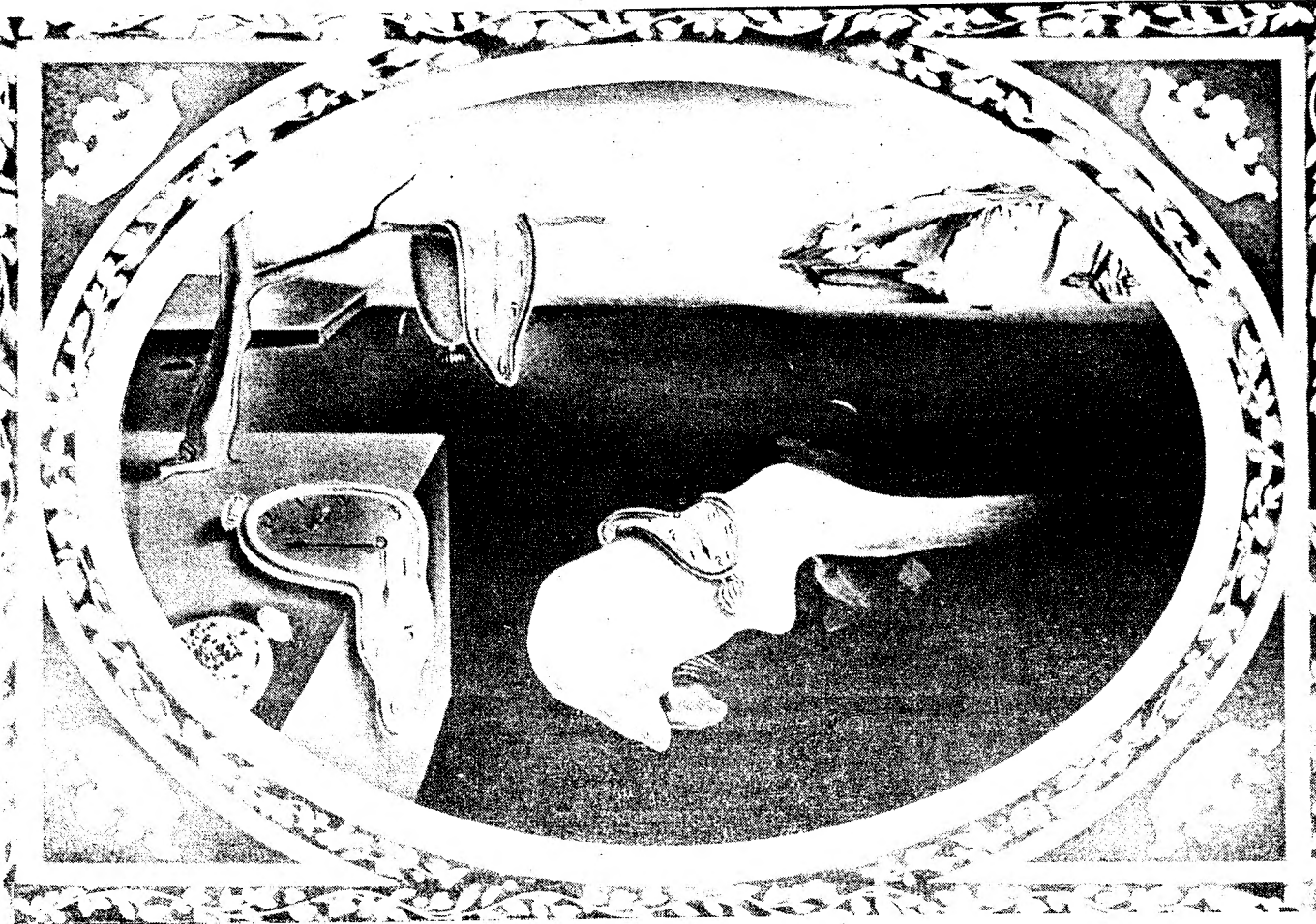
Notas

- (1) ARNHEIM, R. «On the nature of Photography» (texto traduzido em italiano, in **Rivista di storia e critica della fotografia**, II, 2, 1981).
- (2) BARTHES, R. **A Câmara Clara**, Edições 70, 1981.
- (3) BAUDELAIRE, Ch. **Curiosités esthétiques**, Genève, Milieu du Monde.
- (4) DUBOIS, Ph.: **L'acte photographique**, Fernand Nathan, Paris, 1983.
- (5) BAZIN, A. «Ontologie de l'image photographique» in **Qu'est-ce que le cinéma?**, Du Cerf, 1958 (volume I).

Paraísos

Dali no Museu de Madrid

Um impressionista pouco realista



A

Espanha tem empreendido depois da democratização operações espectaculares nos museus. Depois da operação Guernica, de Picasso (o quadro está agora no cason do Prado como um símbolo de reconciliação nacional) é agora a vez de Dali, que prometeu dar a sua obra à Espanha. Ao contrário de Picasso e de Miró, ele é o único a ter mantido relações constantes com o país, tendo sido franquista no tempo de Franco e sendo agora, no tempo da monarquia republicana socialista, realista, cortejado pelo poder, é objecto de acerbas críticas dos intelectuais de esquerda, por, no passado, ter declarado ficar contente sempre que um terrorista era eliminado, mesmo que se tratasse de Lorca ou de Grima, executado com um garrote, à maneira antiga.

Dali só admira **nuestro rey**, representante da **legitimidade nacional**. Fez recentemente o seu retrato, a partir da fotografia oficial, retrato esse que hoje está instalado no Palácio da Zarzuela, com outros quadros do pintor, que o monarca mandou comprar.

Dali, tal como Miró (cuja obra dos anos 20 está a ser exposta no seu museu de Monjuich), é, para além do seu cinismo teatral, um catalão sentimental. Ele dará, é certo, a sua

O Museu de Arte Contemporânea de Madrid, instalado no primeiro andar de uma torre nova do bairro universitário da capital, cercado de verdura mas geralmente deserto, tem sido visitado nos últimos dias por uma multidão popular, a um tempo resmungona e respeitadora. Será isto bom? Será mau? Grande pintor ou **gran excentrico**? Trata-se, claro está, de Salvador Dali, a quem Madrid consagra pela primeira vez uma exposição retrospectiva, depois de muitos museus do mundo o terem feito.

Jacques Michel

fortuna e a sua obra à Espanha, mas uma parte irá necessariamente para a Catalunha, para o seu museu de Figueras. E a Generalitat, o Governo de Barcelona, já comprou a torre Gorgot, antigo solar de pequenos fidalgos de origem francesa longínqua, que está junto ao museu, a fim de fazer com ele uma nova ala.

Assim como o governo utiliza os pintores e as suas obras pelo seu efeito simbólico, a Generalitat, por seu lado, faz de promover os artistas catalães, quer se trate de Dali ou dos últimos impressionistas de Barcelona, o que não agrada aos catalães da vanguarda, à frente dos quais se encontra Antoni Tàpies. Poucos artistas de Barcelona escaparam ao «impressionismo catalão» do princípio do século e Dali — mais conhecido pela sua obra surrealista — menos do que qualquer outro. Iniciado na pintura por Picho e Sunyer, começou pelo impressionismo (o que já se sabia), mas não tanto nem tão laboriosamente como esta exposição nos indica. De vez em quando a

sua natureza transgressora mostrava-se apesar de tudo, principalmente nos muito ambíguos retratos de sua irmã Anna-Maria.

Apesar da sua vida de cigarra, Dali tinha, como bom catalão, um lado de formiga. Explorado por um grupo por vezes duvidoso que o cercava, resta-lhe, no entanto, um certo número de obras — fala-se de trezentas pinturas, desenhos e objectos — que o governo madrileno e a Generalitat de Barcelona esperam partilhar em herança para os seus museus respectivos. Alguns deles figuram na exposição do Museu de Arte Contemporânea da capital, onde representam uma metade dos quatrocentos números expostos. E é daí que provém os demasiados numerosos Dali «impressionistas».

O seu período surrealista dos anos 30, aquele em que revelou a sua originalidade com uma energia criativa devastadora, está insuficientemente representado na exposição, visto Madrid não ter conseguido obter em préstimo importantes junto dos

museus e dos coleccionadores estrangeiros. Embora incompleta, esta retrospectiva mostra pela primeira vez em Espanha alguns Dali de primeira água como **Le Grand Masturbateur** (que figura com o seu título em francês) que o pintor considera a sua obra-prima; **O Homem Invisível**, **o Enigma de Hitler**, dois pequenos retratos, preciosos de Gala, **Singularitas**, exposto pela primeira vez, o retrato de Picasso (1947). **A Leda Atómica**, assim como um número relativamente elevado de quadros do seu último período fotográfico. Era importante para o Museu de Arte Contemporânea realizar esta retrospectiva, mesmo truncada: ela serviu para fazer entrar em Espanha os Dali de Dali, provavelmente, para aí ficarem.

Dali, que viveu uns trinta anos em Paris e que, desde os anos 50 se habituou a passar metade dos anos em Nova Iorque, local do seu mercado mais florescente, deixava atrás de si as obras não vendidas ou intencionalmente conservadas. Os seus dois depósitos, parisiense e nova-iorquino, foram, em princípio, esvaziados para esta exposição. Mas ele formou um terceiro, em Genebra, onde conserva um certo número de quadros que vão permitir-lhe negociar melhor a sua herança com os museus espanhóis.

Tendo como interlocutor privilegiado o rei, seu protector e amante da sua obra, Dali espera, diz-nos Robert Descharnes, o último secretário do pintor, um «gesto» de Madrid.

Qual? O Prado, naturalmente, visto Picasso lá estar. Mas o Ministério da Cultura faz orelhas moucas perante essa corrida à imortalidade.

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA - Dep. de Confeccões

Av. João XXI, 5-D - 1000 (metro Areeiro) - Rua Infantina, 15-55-C - 1300 LISBOA

TEATRO ABERTO
novo grupo

APRESENTA:

HOJE ÀS 21.30

(13 anos) SUB. SEC.

5.º MÊS

O
SUICIDÁRIO

MARCAÇÕES: Tel. 770969

PAULA GUEDES

MELIM TEIXEIRA

FILIPE CRAWFORD

MÁRIO VIEGAS

ENCENAÇÃO: JOÃO LOURENÇO

SÁBADOS • DOMINGOS • SEGUNDAS • TERÇAS • QUARTAS

Às 21. 30 h.

AOS DOMINGOS: MATINÉES 16 H.

«OÍÇAM COMO EU RESPIRO»

RN RODOVIARIA NACIONAL

NOVOS SÍMBOLOS NOS AUTOCARROS RN
A PARTIR DE 1 DE MARÇO DE 1983

SÍMBOLO VERDE COM FUNDO AMARELO

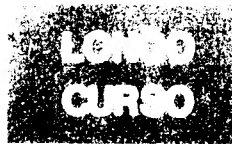
Validos passes
Venda de bilhetes a bordo, pelo motorista, à tarifa normal.

Não são aceites bilhetes pré-comprados.

SÍMBOLO LARANJA COM FUNDO VERDE

Validos passes
e bilhetes pré-comprados.

Venda de bilhetes a bordo, pelo motorista, com tarifa agravada.



LETRAS BRANCAS SOBRE FUNDO AZUL

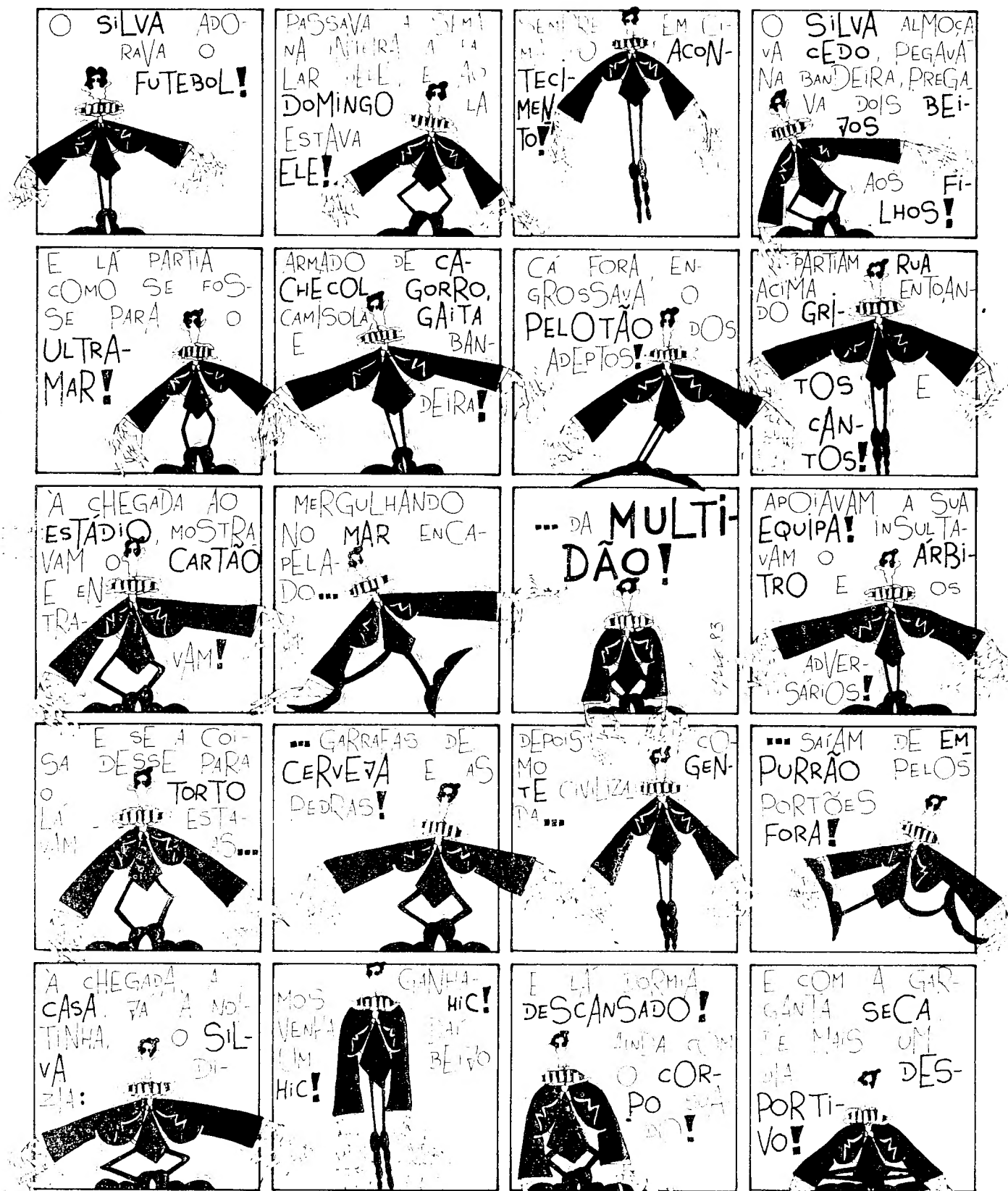
Validos passes
Venda de bilhetes a bordo, pelo motorista, à tarifa normal.

Não são aceites bilhetes pré-comprados.

A chapa será colocada logo abaixo do para-brisa, na frente do veículo, do lado direito.

doces crónicas

Clip



Esta noite na Aula Magna, amanhã em Coimbra e depois de amanhã no Porto (no Gil Vicente e Carlos Alberto respectivamente), sempre às 21 e 30: Gary Burton, com o seu vibrafone. É o estrangeiro da semana, em matéria de música. Para os «aficionados», ele estará, no Hot-Club, às 17 horas de quinta-feira. Com Gary Burton estão o «baixo» Steve Swallow, o sax-alto e o baterista Jim e Mike Ogdren.

De certo modo, porém, esta semana é a semana da *Sete ao Vivo*, quarta-feira no Campo Pequeno a partir da segunda metade da tarde. Já a notícia: no tocante a convidados estrangeiros, os «The Passions» substituem os «Cabaret Voltaire». Mas a festa do popular semanário é sobretudo a festa da música portuguesa jovem: os «Trovante», Né-Ladeiras e António Variações, Júlio Pereira com a sua barguesa, o grupo de Maria João, José Mário Branco e os «Jáfumeça», além dos «Sétima Legião». Por todos eles, e porque à sua maneira o «Sete ao Vivo» é a festa dos jovens dos sete aos setenta e sete anos, leve o seu farnel e abanque, quarta-feira, na Praça de Toiros. Se o S. Pedro estiver entre os aliados de José Carlos de Vasconcelos, não haverá chuviscos e tudo correrá bem.

Amanhã à noite, às 22 e 30, no Canal 1, poderemos ver, salvo acidente, o filme «*África do Sul: até à última gota de sangue*», que foi objecto de suspensão depois de uma intervenção do embaixador de Pretória em Lisboa. Algum «supense» se mantém em torno desta emissão da «Grande Reportagem», porque, como se sabe, a administração da RTP pretende, contra a vontade dos responsáveis do programa, convidar aquele diplomata para o estúdio, a fim de ser entrevistado depois da passagem do filme.

Aproveite esta semana para visitar, na Gulbenkian, a exposição de instrumentos eruditos e populares que, paralelamente ao Festival de Música de Lisboa, a Fundação oferece. Personagem central: a guitarra — não só enquanto instrumento, mas como objecto na escultura e na pintura.

Ponha todo o seu dinheiro de lado e pegue mesmo algum emprestado, enquanto espera pelo leilão de artes plásticas organizado às 21 e 30 do próximo dia 14 na SNBA, pelo Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos. Entre os leiloeiros: trabalhos de Vespiera, Hogan, Alice Jorge, Gil Teixeira Lopes, Jorge Pinheiro, Luís Dourdil...

O apocalipse segundo a medicina soviética

Uma guerra termonuclear generalizada conduziria à morte imediata, segundo cálculos da Academia de Medicina Soviética, de perto de dois biliões de seres humanos, seja aproximadamente um terço da humanidade.

Estes números, publicados ontem pela agência soviética Novosti, com a assinatura do académico Nikolai Blokhine, foram alcançados a partir dum cenário de guerra nuclear prevendo o lançamento de cargas de 10 000 megatoneladas repartida da seguinte forma:

90 por cento na Europa, Ásia e América do Sul, Austrália e Oceania.

A concretização deste cenário tenebroso, segundo aquele médico, teria consequência imediata ao extermínio instantâneo de cerca de um bilião e trezentos milhões de seres humanos, enquanto cerca de 700 milhões de pessoas seriam condenadas a uma morte mais ou menos lenta ante a falta de estruturas médicas suficientes e de meios apropriados para debelar os efeitos da radioactividade no organismo hu-

mano.

Quanto aos sobreviventes, acrescenta o professor Blokhine, um bilião e duzentos milhões de seres humanos, pelo menos, seriam, inevitavelmente, vitimados por tumores malignos mortais, e trezentos e oitenta mil sofreriam as consequências de distúrbios genéticos conduzindo, por sua vez, aos «abortos espontâneos, nascimentos de crianças mortas ou vítimas de malformações, e de doenças hereditárias que afectariam várias gerações».

Nas regiões industriais, concluiu o académico soviético, quantidades enormes de água de esgotos de alta toxicidade poluíam os terrenos urbanos, os campos, os pastos e os rios.

Uma última imagem: uma vez os campos petrolíferos destruídos, o petróleo desviar-se-ia para o mar, para os oceanos e para a terra. Os incêndios poluíam a biosfera e queimariam os componentes orgânicos do solo. «O equilíbrio entre o ar e a terra estaria então perturbado».